

# CLÁSSICOS DA GALIZA





# **Cantares Galegos**

Coleção “Clássicos da Galiza”

Volume 1

CANTARES GALEGOS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

[www.aglp.net](http://www.aglp.net)

© Edições da Galiza, 2011

Rosselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

[polifona@polifona.com](mailto:polifona@polifona.com)

[www.polifona.com](http://www.polifona.com)

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: Higinio Martins Esteves

Nota biográfica e texto de contracapa: Ernesto Vázquez Souza e Fernando Vázquez Corredoira

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-2-1

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

# Cantares Galegos

Rosalía de Castro



## ÍNDICE

À MANEIRA DE APRESENTAÇÃO	9
A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO DOS CANTARES GALEGOS	11
NOTA BIOGRÁFICA	13
<b>CANTARES GALEGOS:</b>	<b>19</b>
A FERNÁN CABALLERO	21
CANTARES GALEGOS POR ROSALIA CASTRO	23
POEMAS	29
POEMAS ACRESCENTADOS NA SEGUNDA EDIÇÃO	174
POEMAS ACRESCENTADOS NA TERCEIRA EDIÇÃO	188
NOTAS	199
GLOSSÁRIO	261



## À MANEIRA DE APRESENTAÇÃO

A Galiza constitui parte do território lusófono atual e, ademais, uma parte, juntamente com a zona setentrional de Portugal, do território em que a língua portuguesa nasceu.

Porém, a história linguística da Galiza foi anormal desde os fins da Idade Média, por causa da colonização linguístico-cultural castelhana que o país vem sofrendo desde então; e essa história -que o professor Carvalho Calero definiu acertadamente como «uma história clínica»- determinou negativamente, como é natural, o desenvolvimento da produção literária na língua portuguesa da Galiza durante toda a época moderna e contemporânea. Isolados socialmente do resto do mundo literário lusófono, os escritores galegos viram-se forçados a usar de modo muito precário uma língua da qual desconheciam não só uma norma padrão de uso ortográfico ou morfológico, mas também exemplos de obras literárias do passado ou do presente que, realizadas num ambiente cultural de normalidade linguística, pudessem servir-lhes de modelo literário. Compreende-se bem que, nessa situação, as produções literárias galegas fossem redigidas na ortografia castelhana (pois era a única que conheciam tanto os autores como os mais próximos leitores) e com uma morfologia oscilante. Recuperar para a língua portuguesa toda essa produção exige corrigir esses aspetos, provocados pela anormalidade histórica em que os textos nasceram.

Um dos projetos mais queridos da Academia Galega da Língua-Portuguesa, na sua tarefa de recolocar a Galiza como membro pleno da Lusofonia, é, já do momento mesmo da sua constituição, a edição de uma coleção de clássicos galegos, apresentados numa versão linguística (nomeadamente nos campos da ortografia e da morfologia) que –sem por isso deixar de ser fiel idiomáticamente aos textos originais– esteja em sintonia com o que é a língua portuguesa atual, de conformidade com o Acordo Ortográfico.

Desse modo, será possível, esperamos, que as obras literárias galegas possam ser lidas pelos lusófonos de qualquer lugar sem estorvos tão artificiosos como pode ser um sistema ortográfico alheio.

Com certeza nenhuma outra obra seria mais apropriada para iniciar esta coleção de clássicos recuperados que os *Cantares Galegos* de Rosalia, livro que no momento da sua aparição (1863) significou o início do ressurgimento literário da língua portuguesa da Galiza.

O académico Higinio Martins Esteves, filólogo, reelaborou para este fim a sua anterior edição, há tempo esgotada, com a colaboração de outros académicos que ele cita no seu prólogo. A AGLP agradece-lhes calorosamente este contributo, de que se sente orgulhosa.

Perlio (Galiza), 11 de setembro de 2009.

**José-Martinho Montero Santalha**

**Presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa**

## A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO DOS CANTARES GALEGOS

No ano 1986, a Caixa de Ourense publicou uma edição reintegrada dos Cantares Galegos, armada nas aulas de língua que desde 1977 ditava eu no Instituto Argentino de Cultura Galega de Buenos Aires. O presidente então da Caixa, o Exm.º Sr. José Posada, e sua mulher, a Doutora M.a do Carmo Henríquez Salido, na altura presidente da AGAL, tomaram a iniciativa do que se cria ser mais uma vez alvorada. Não venal, a edição esgotou-se, mas mudanças na Caixa adiaram sine die uma reimpressão.

Passaram anos, os critérios ortográficos aprofundaram-se e a questão linguística recebeu nova luz. Viu-se já não admitir delongas. No último congresso da AGAL a que concorri – no ano 1990, se não me engano – um moço rompia o feitiço do nome da língua. A lucidez e a fiel teimosia do Ângelo Cristóvão não foram flor dum dia. Frutificou na Academia Galega da Língua Portuguesa, que hoje assume, entre tantas tarefas urgentes, a de editar os nossos clássicos, obriga cujo valor simbólico a ninguém escapa.

Escrito “sem gramática nem regras”, como ela nos diz, mas com génio e humanidade insondáveis, os Cantares Galegos necessitam apurar os lixos que o velam. Rosalia é a única figura universal das letras modernas restritamente galegas, e este seu livro mais popular e acessível, o de sabor mais matinal, o mais apto para uma alvorada. Se Rosalia precisa de gramática, a Galiza precisa do génio de Rosalia.

Muitas pessoas colaboraram na empresa, que dista de culminada. Além dos impulsos, quem poderia adiantar nesta via sem os estudos rosalianos de Carvalho Calero, esparsos por toda a sua bibliografia? Também cumpre declarar o que injustamente esqueci no prólogo da edição anterior: ter-me eu baseado na edição de F. Bouça Brei, de 1970, de inovações fulcrais. Ao surgir a ideia desta, compartilhamos critérios com Ernesto Vasques Souza, que me enviou a versão generosamente brindada por Ângelo Brea. Dela tomei numerosas ideias. Depois, Carlos Durão, Fernando Vasques Corredoira e Crisanto Veiguela Martins assumiram a

revisão dos textos. Fizeram-no com zelo, criatividade e rapidez tão notáveis que é preciso salientar. Suspeito que esqueço muitos, mas a culpa é da minha memória.

**Higino Martins Esteves**

## NOTA BIOGRÁFICA

### ~ *Rosalía de Castro*

(1837-1885)

É impossível exagerar a importância histórica da fundadora da literatura moderna galega. Rosalía – diz Carvalho Calero – «assinala o primeiro marco inamovível da história da literatura galega contemporânea».

Filha ilegítima, mas de família de não medíocres posses, a sua primeira infância decorre na Galiza rural e a sua mocidade na agitada Compostela que entre o levantamento de 1846 e o banquete de Conjo mergulha no projeto isabelino de estado nacional espanhol.

Por volta de 1853 é acolhida em casa da mãe em Santiago de Compostela. Aí começará a frequentar os círculos da mocidade universitária compostelana (*Liceo de la Juventud*), participando das atividades literárias e teatrais da segunda geração provincialista. Retenhamos apenas dois nomes: Eduardo Pondal e Aureliano Aguirre.

Em 1856 vai para Madrid, onde publica o seu primeiro livro, *La Flor* (1857), uma coleção de versos em sóbria mas cuidada edição de autor que a assinalam como promessa no ambiente madrileno.

Nesse ambiente conhecerá as principais figuras do liberalismo político e jornalístico galego e, especialmente, Manuel Murguía, estilista e erudito no início feliz da sua carreira. Do relacionamento e paixão de ambos no círculo galego-madrileno surgirão ao mesmo tempo a sua primeira filha, a História nacional e a Literatura galega.

A interação de ambos, ele a arquitetar a história e os simbolismos da Galiza, ela a exemplificar a possibilidade duma literatura culta e nacional em língua galega, vai dar como fruto os *Cantares Gallegos* (1863) – obra profundamente simbólica e aberta, num diálogo múltiplo com a língua, a nação e os sonhos emergentes do grupo reformista que em 1868 derrubará Isabel II e a sua corrupta, por palavras de Valle-Inclán, «Corte de los Milagros» para encetar um ciclo que terminará com o efémero sonho da República federal (1871-1874).

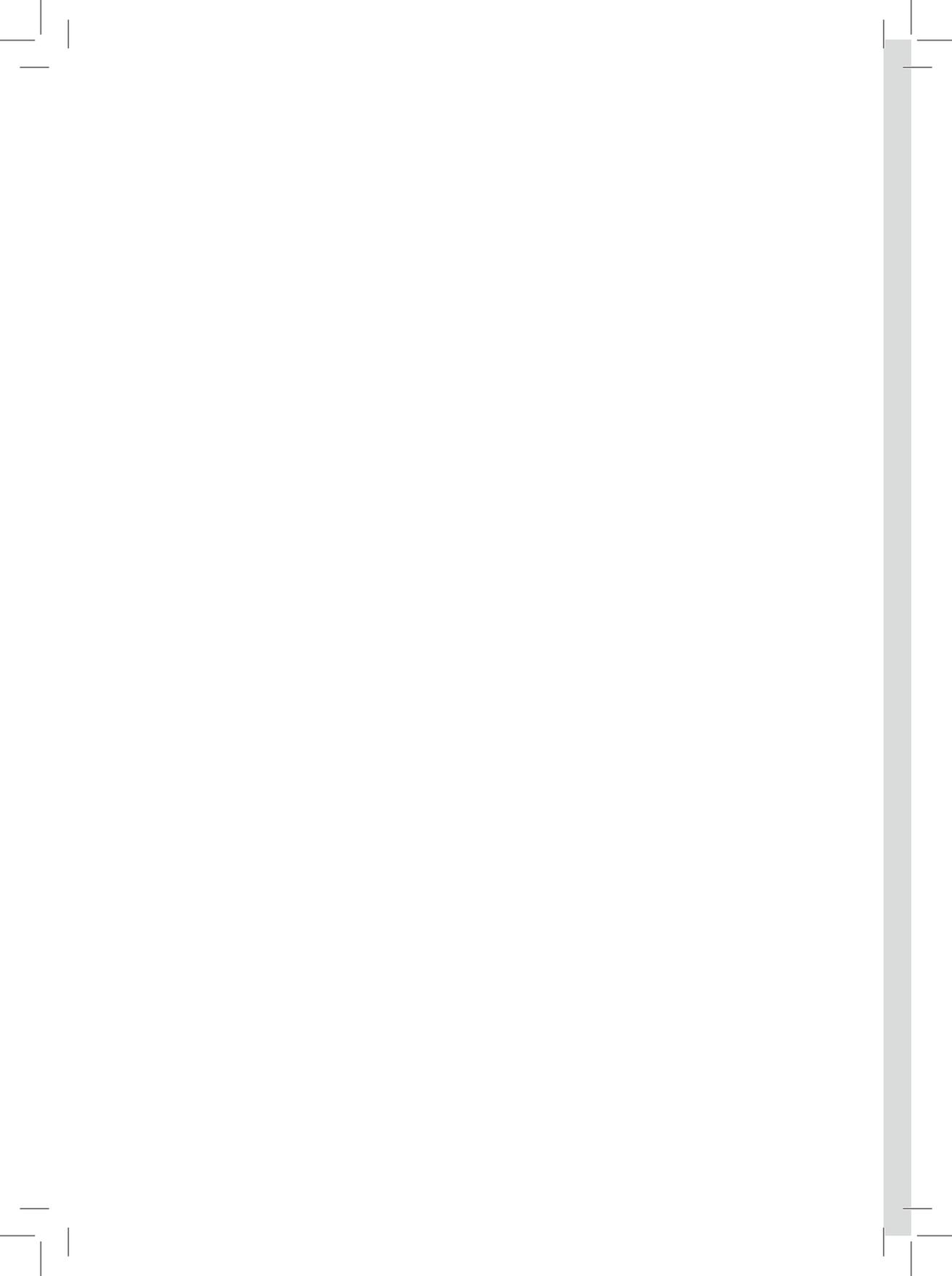


Se a receção dos *Cantares*, obra sonhadora e esperançada, é a imediata consagração de Rosalia e da língua galega como possibilidade literária, a involução social e política que acarretará a Restauração canovista (1875-1923) na sua primeira fase provocará o apagamento de todas as vozes da geração anterior e da sua literatura. Rosalia, em plena maturidade criativa, verá condenada ao ostracismo a fabulosa *Folhas Novas* (1880) e os seus romances em castelhano, tão precursores do Esperpenento.

Crítica, ousada, erudita, bem a par da literatura europeia, verá apagar-se não apenas a sua estrela e expectativas de escritora profissional, quanto também a trajetória pública e profissional do seu homem e colegas. Os fracassos vitais e matrimoniais, a morte do filho mais novo em acidente doméstico e uma saúde enfraquecida irão espelhar-se no fulcral poemário *En las orillas del Sar* (1884), que fecha em círculo a sua obra.

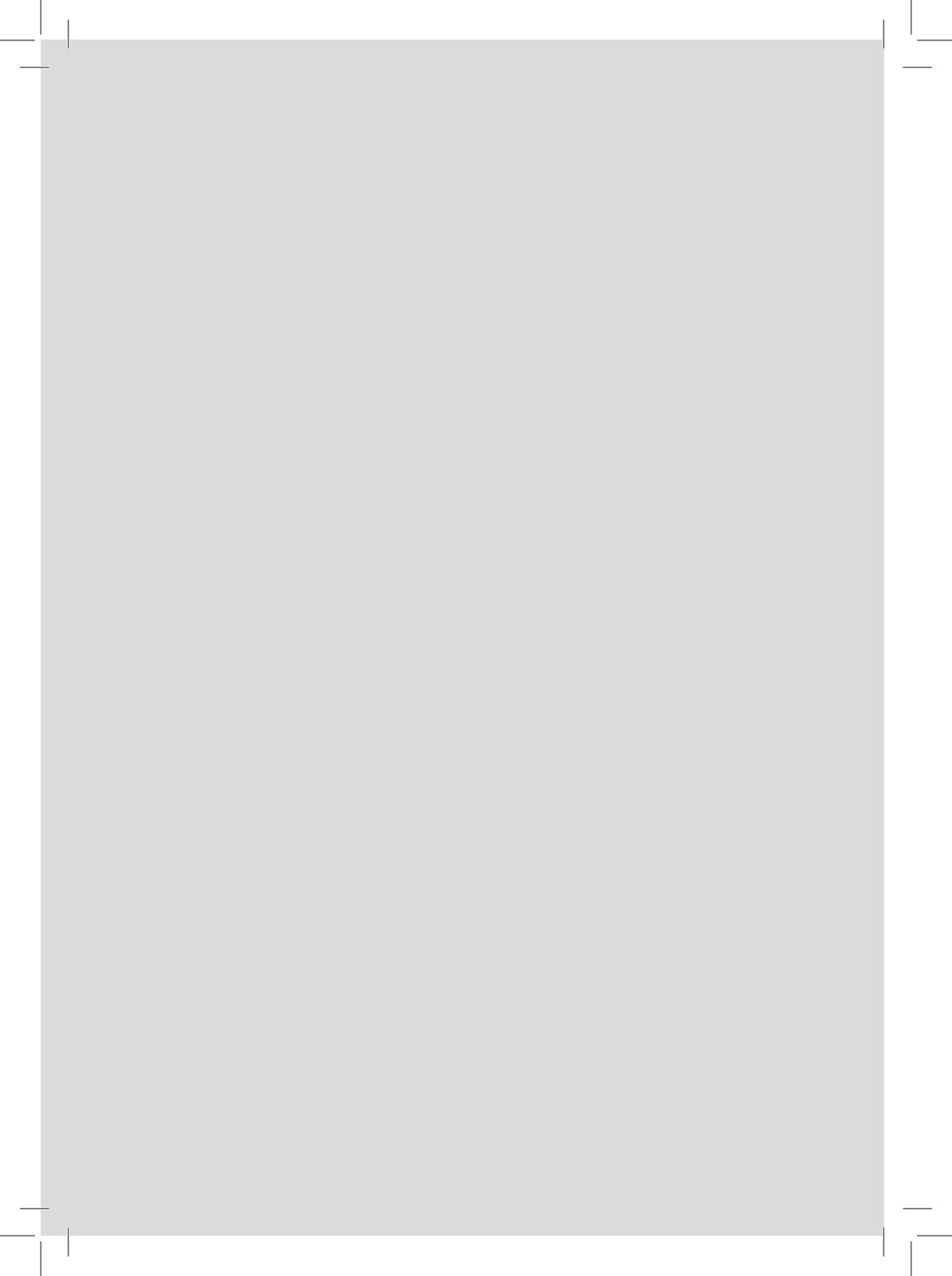
Atacada pela imprensa e a Igreja compostelana, envolvida nas polémicas literário-políticas do momento, acossada pelos seminaristas por causa duns artigos em defesa da mulher galega e a liberdade sexual, morre de cancro em 1885 em Padrão, na que hoje é Casa Museu.

Foi enterrada em Adina e passados alguns anos, em 1891, já encetado o processo de mitificação da sua figura, os seus restos foram trasladados para São Domingos de Bonaval, hoje Panteão dos Galegos Ilustres, onde também jaz Castelão.



# CANTARES GALEGOS

ROSALIA CASTRO DE MURGUIA



≈ CANTARES GALEGOS ≈



~ A FERNÁN CABALLERO<sup>1</sup>

*Senhora,  
Por ser mulher e autora duns romances  
por que sinto a mais profunda simpatia,  
dedico-lhe este pequeno livro. Sirva para  
demonstrar à autora de *La Gaviota* e de  
*Clemencia* o grande apreço que lhe professo,  
entre outras cousas, por ter-se apartado  
um tanto, nas curtas páginas em que  
se ocupou da Galiza, das vulgares preocupações  
com que se pretende manchar  
o meu país.*

*Santiago, 17 de maio de 1863<sup>2</sup>.*

---

<sup>1</sup> Pseudónimo de Cecilia Böhl de Faber (Morges, Suíça, 1796-1877), escritora de romances de costumes, filha do hispanófilo alemão Juan Nicolás Böhl de Faber.

*La Gaviota* apareceu em folhetins em *El Heraldo* em 1849, escrito como reação contra os romances sensacionalistas, tão populares nos jornais. *Clemencia* publicou-se em dous volumes em 1852. Outras obras: *Cuadros de costumbres populares andaluzas* (1852), *La farisea* (1853), *Lágrimas, novela de costumbres contemporáneas* (1853) e *La familia de Alvareda* (1856). As *Obras completas* (19 vol.) publicaram-se entre 1855-1858.

A dedicatória foi redigida em castelhano pela autora.

<sup>2</sup> Nesse dia, seu marido Manuel Murguía fazia os trinta anos e o livro virou num presente para ele. Hoje em dia, coincidindo nessa data, comemora-se todos os anos o Dia das Letras Galegas.



## CANTARES GALEGOS

**Rosalia de Castro**

Grande atrevimento é sem dúvida para um pobre engenho como o que me quadrou em sorte, dar à luz um livro cujas páginas deviam estar cheias de sol, de harmonia e daquela naturalidade que, unida uma funda ternura, a um arrulo incessante de palavrinhas mimosas e sentidas, formam a maior beleza dos nossos cantos populares. À poesia galega, toda música e vaguidade, toda queixas, suspiros e doces sorrisinhos, murmurando umas vezes com os ventos misteriosos dos bosques, brilhando outras com o raio do sol que cai sereninho por cima das águas dum rio farto e grave que corre sob as ramas dos salgueiros em flor, cumpria-lhe para ser cantada um espírito sublime e cristalino, se assim o podemos dizer; uma inspiração fecunda como a vegetação que formoseia esta nossa privilegiada terra e sobretudo um sentimento delicado e penetrante para dar a conhecer tantas belezas de primeira ordem, tanto fugitivo raio de formosura como se desprende de cada costume, de cada pensamento escapado a este povo a quem muitos chamam estúpido e a quem quiçá julguem insensível, estranho à divina poesia. Mas ninguém tem menos do que eu tenho as grandes qualidades que são precisas para levar a cabo obra tão difícil, ainda que ninguém também se pôde achar animado dum mais bom desejo para cantar as belezas da nossa terra naquele dialeto suave e mimoso que querem fazer bárbaro os que não sabem que avanta as demais línguas em doçura e harmonia. Por isto, ainda achando-me débil em forças e não havendo aprendido em mais escola que a dos nossos pobres aldeãos, guiada só por aqueles cantares, aquelas palavras carinhosas e aquelas expressões nunca olvidadas que tão docemente ressoaram nos meus ouvidos desde o berço e que foram recolhidos pelo meu coração como herança própria, atrevi-me a escrever estes cantares esforçando-me em dar a conhecer como alguns dos nossos poéticos costumes ainda conservam certa frescura patriarcal e primitiva, e como o nosso dialeto doce e sonoro é tão a propósito como o primeiro para toda a classe de versificação.

As minhas forças, é certo, quedaram muito mais abaixo do que alcançaram os meus desejos e, por isso, compreendendo quanto pudera fazer nisto um grande poeta, doo-me ainda mais da minha insuficiência.

O *Livro dos Cantares* de D. António Trueba<sup>1</sup>, que me inspirara e dera alento para levar a cabo este trabalho, passa pelo meu pensamento como um remorso e quase assomam as báguas aos meus olhos ao pensar como Galiza se levantaria até o lugar que lhe corresponde se um poeta como Antom o dos Cantares fosse o destinado para dar a conhecer as suas belezas e os seus costumes. Mas a minha infeliz pátria, tão desventurada nisto como em tudo o demais, tem-se que contentar com umas páginas frias e insulsas, que apenas seriam dignas de chegar-se de longe às portas do Parnaso se não fosse pelo nobre sentimento que as criou. Que isto mesmo me sirva de desculpa para os que justamente critiquem as minhas faltas, pois penso que o que se esforça por desvanecer os erros que mancham a sua pátria é credor a alguma indulgência!

Cantos, báguas, queixas, suspiros, serãos, romarias, paisagens, devesas, pinhais, solidões, ribeiras, costumes, tudo aquilo, enfim, que pela sua forma e colorido é digno de ser cantado, tudo o que teve um eco, uma voz, um rugido por leve que fosse, que chegasse a comover-me, tudo isto me atrevi a cantar neste humilde livro para dizer uma vez sequer, mal que seja sem jeito, aos que sem razão nem conhecimento algum nos desprezam, que a nossa terra é digna de louvores, e que a nossa língua não é aquela que bastardeiam e champurram lerdamente nas mais ilustradíssimas províncias com um riso de mofa, que para dizer verdade (por mais que esta seja dura) demonstra a ignorância mais crassa e a mais imperdoável injustiça que pode fazer uma província a outra província irmã, por pobre que esta seja. Mas eis que o mais triste nesta questão é a falsi-

---

<sup>1</sup> António Trueba y de la Quintana (Montellano, Biscaia, 1819-1899). Trabalhando em Madrid de arteção escreveu *El libro de los Cantares*, no qual louva a fé simples do seu país natal. Foi conhecido como *Anton el de los cantares*. Escreveu um romance histórico, *El Cid Campeador* (1851), e outro sobre o País Basco, *La paloma y los halcones* (1865). Em 1862 foi nomeado arquivista e cronista de Biscaia, cargo que desempenhou até a morte.

Na sua profissão conheceu Manuel Murguía, a que dedica o poema "La Gaita Gallega". A sua poesia está influída por Bécquer, incluindo *El libro de las montañas* (1868). No resto da obra salientam várias coleções de contos.

dade com que fora daqui pintam assim os filhos de Galiza como a Galiza mesma, a que geralmente julgam o mais desprezível e feio de Espanha, quando acaso seja o mais formoso e digno de louvor.

Não quero ferir com isto a suscetibilidade de ninguém, ainda que, para dizer verdade, bem pudera perdoar-se este pequeno desabafo a quem tão ferida foi de todos. Mas eu, que atravessei repetidas vezes aquelas solidões de Castela que dão ideia do deserto; eu, que percorri a feraz Estremadura e a extensa Mancha, onde o sol cai a prumo alumando monótonos campos onde a cor da palha seca presta um tom cansado à paisagem que rende e entristece o espírito, sem uma ervinha que distraia a mirada, que vai perder-se num céu sem nuvens, tão igual e tão cansado como a terra que cobre; eu, que visitei os celebrados arredores de Alicante, onde as oliveiras com o seu verde escuro, semeadas em fila e de raro em raro, parecem chorar de ver-se solitárias, e vi aquela famosa horta de Múrcia, tão nomeada e tão gabada, e que, cansada e monótona como o resto daquele país, amostra a sua vegetação tal como paisagens pintadas num cartão com árvores postas simetricamente e em carreirinhos para diversão dos meninhos, eu não posso menos que indignar-me quando os filhos dessas províncias que Deus favoreceu em fartura, mas não na beleza dos campos, se mofam desta Galiza, competidora em clima e galanice com os países mais encantadores da terra, esta Galiza onde tudo é espontâneo na natureza e onde a mão do homem cede o seu posto à mão de Deus.

Lagos, cascatas, torrentes, veigas floridas, vales, montanhas, céus azuis e serenos como os de Itália, horizontes nublados e melancólicos bem que sempre formosos qual os tão gabados da Suíça, ribeiras aprazíveis e sereninhas, cabos tempestuosos que aterram e admiram pela sua gigantesca e surda cólera... mares imensos... Que direi mais? Não há pena que possa enumerar tanto encanto reunido. A terra coberta em todas as estações de ervinhas e flores, os montes cheios de pinheiros, de robles e salgueiros, os ligeiros ventos que passam, as fontes e as torrentes derramando-se fervedoras e cristalinas, verão e inverno, já pelos risonhos campos, já em profundas e sombrias quebradas... Galiza

é sempre um jardim onde se respiram aromas puros, frescura e poesia... E apesar disto chega a tanto a fatuidade dos ignorantes, a tanto a indigna preocupação que contra a nossa terra existe, que ainda os mesmos que puderam contemplar tanta formosura (já não falamos dos que se mofam de nós sem que jamais nos tenham visto nem ainda de longe, que são os mais), ainda os que penetraram na Galiza e gozaram das delícias que oferece, atreveram-se a dizer que Galiza era... um cortelho imundo!!... E estes eram quiçá filhos daquelas terras abrasadas donde até os passari-nhos fogem!... Que diremos a isto? Mais nada senão que tais fatuidades a respeito do nosso país têm alguma comparação com a dos franceses ao falarem das suas eternas vitórias ganhas aos espanhóis. Espanha nunca, nunca os venceu, pelo contrário sempre saiu vencida, derrotada, humilhada, e o mais triste disto é que vale entre eles tão infame mentira assim como vale para a seca Castela, para a deserta Mancha e para todas as demais províncias de Espanha – nenhuma comparada em verdadeira beleza de paisagem com a nossa – que a Galiza é o canto mais desprezível da terra. Bem dizem que tudo neste mundo está compensado, e vem assim a sofrer Espanha de nação vizinha que sempre a ofendeu a mesma injustiça que ela, ainda mais culpada, comete com uma província humilhada de que nunca se acordara, como não seja para humilhá-la ainda mais. Muito sinto as injustiças com que nos favorecem os franceses, mas neste momento quase lhes estou agradecida, pois que proporcionam um meio de fazer mais palpável à Espanha a injustiça que ela por sua vez connosco comete.

Foi este o móbil principal que me impeliu a publicar este livro, que, mais que ninguém, conheço que necessita da indulgência de todos. Sem gramática nem regras de nenhuma classe, o leitor topará muitas vezes faltas de ortografia, expressões que dissoarão aos ouvidos de um purista; mas ao menos, e para desculpar em algo estes defeitos, pus o maior cuidado em reproduzir o verdadeiro espírito do nosso povo, e penso que o consegui em algo... se bem duma maneira débil e fraca. Queira o céu que outro mais afortunado do que eu possa descrever com as suas cores verdadeiras os quadros encantadores que por aqui se topam ainda

no recanto mais escondido e olvidado, para que assim, ao menos em fama, já que não em proveito, ganhe e se veja com o respeito e admiração merecida esta infortunada Galiza!



*POEMAS*



**Hás de cantar, que che hei de dar zonchos;<sup>1</sup>  
Hás de cantar, que che hei de dar moitos.<sup>2</sup>**

## I

“Hás de cantar,  
meninha gaiteira;  
5 há de cantar,  
que me morro de pena.

Canta, meninha,  
na beira da fonte;  
canta, darei-che  
10 bolinhos do pote.

Canta, meninha,  
com brando compass’;  
dar-che-ei uma proia<sup>3</sup>  
da pedra do lar.

15 Papinhas com leite  
também che darei;  
sopinhas com vinho,  
torrijas com mel.

20 Patacas<sup>4</sup> assadas  
com sal e vinagre,  
que sabem a nozes.

<sup>1</sup> *Zonchos*, castanhas cozidas com a casca.

<sup>2</sup> *Moitos* pela rima. *Muitos* vive em mais dum terço do galego.

<sup>3</sup> *Proia*, bolo grande de pão feito de milho ou de trigo.

<sup>4</sup> *Batatas*. *Pataca* é geral na Galiza desde o XVIII, a par da planta. Cruza *patata* com *pataca* “moeda antiga”. *Batata*, voz taína da batata-doce, alterou-se pelo quéchua *papa*.

Que ricas que sabem!

Que feira, rapaza,  
se cantas faremos!...  
25 Festinha por fora,  
festinha por dentro.

Canta, se queres,  
rapaza do demo;  
canta, se queres,  
30 hei dar-che um mantelo.

Canta, se queres,  
na língua que eu falo.  
Hei dar-che um mantelo,  
hei dar-che um refaixo<sup>5</sup>.

35 Co som da gaitinha,  
co som da pandeira;  
che peço que cantes,  
rapaza morena.

40 Co som da gaitinha,  
co som do tambor,  
che peço que cantes,  
meninha, por Deôs<sup>6</sup>.”

## II

Assim mo pediram  
na beira do mar,

<sup>5</sup> *Refaixo*, saia das mulheres do povo. Costuma tirar-se no cast. refajo, mas este, registado no séc. XIX, como *faja* acusa por sua vez origem no galego-português ou no catalão.

<sup>6</sup> Inevitável pela rima. Substitui o castelhano *Dios*. É o velho bissílabo *Deos*, por licença pronunciado com tom deslocado e numa sílaba só.

45     ao pé das ondinhas  
       que vêm e vão.

Assim mo pediram  
na beira do rio  
que corre entre as ervas  
50     do campo florido.

Cantavam os grilos,  
os galos cantavam,  
o vento entre as folhas  
rugindo passava.

55     Campavam os prados,  
       manavam as fontes  
       entre ervas e vinhas,  
       figueiras e robles.

Tocavam as gaitas.  
60     Ao som das pandeiras  
       bailavam os moços  
       coas moças modestas.

Que coifas tão brancas!  
Que panos com *fleco*<sup>7</sup>!...  
65     Que dengues de *grana*<sup>8</sup>!  
       Que cintas! Que ad'reços!

Que ricos mandis!  
Que verdes refaixos!...

---

<sup>7</sup> *Fleco*, castelhanismo por *froco*, designa a franja, adorno composto de uma série de fios ou flocos pendentes. É preciso mantê-lo por causa da rima.

<sup>8</sup> *Grana*, castelhanismo por *grã*, lâ tingida de escarlate, é inescusável pela medida.

70 Que feitos justilhos  
de cor colorados!

Tão vivas as cores  
a vista turvavam;  
de vê-las tão várias  
o sol se folgava.

75 De vê-las bulindo  
por montes e veigas,  
cuidou que eram rosas  
garridas e frescas.

### III

80 Lugar mais formoso  
não houve na terra  
que aquel<sup>9</sup> que eu mirava,  
que aquel que me dera.

Lugar mais formoso  
no mundo n'achara  
85 que aquel da Galiza,  
Galiza encantada!

Galiza florida,  
qual ela nenhuma,  
de flores coberta,  
90 coberta de espumas.

De espumas que o mare<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Amiúde vemos o arcaico e dialetal *aquel* por *aquela*, como *el* por *ele*. Nem dificultam a leitura nem é preciso apelar ao apóstrofo.

<sup>10</sup> A paragoge de *mare*, que a rima interna exige, é frequentíssima nos falares galegos.

com pér'las vomita;  
de flores que nascem  
ao pé das fontinhas.

95 De vales tão fundos,  
tão verdes, tão frescos,  
que as penas se calmam  
não mais que com vê-los.

100 Que os ângelos 14<sup>11</sup> neles  
dormidos se quedam,  
em forma de pombas,  
em forma de névoas.

#### IV

105 Cantar-te-ei, Galiza,  
teus doces cantares,  
que assim mo pediram  
na beira do mare.

110 Cantar-te-ei, Galiza,  
na língua galega 15<sup>12</sup>,  
consolo dos males,  
alívio das penas.

Mimosa, suave,  
sentida, queixosa,  
encanta se ri,  
comove se chora.

115 Qual ela nenhuma

---

<sup>11</sup> *Ângelos* é latinismo com uso na língua antiga, aqui exigido pelo *ánxeles* do original.

<sup>12</sup> A língua galega é o português da Galiza, apesar de séculos de castelhanização.

tão doce que cante  
soidades amargas,  
suspiros amantes,

120 mistérios da tarde,  
murmúrios da noite;  
cantar-te-ei, Galiza,  
na beira das fontes.

125 Que assim mo pediram,  
que assim mo mandaram,  
que cante e que cante  
na língua que eu falo.

130 Que assim mo mandaram,  
que assim mo disseram...  
Já canto, meninas.  
Cuidai, que começo.

Com doce alegria,  
com brando compass',  
ao pé das ondinhas  
que vêm e vão.

135 Deus santo permita  
que aquestes<sup>13</sup> cantares  
de alívio vos sirvam  
nos vossos pesares;

140 de amável consolo,  
de suave contento,

---

<sup>13</sup> Trás o séc. XVI, recurso métrico? Ideia do galego como arcaico? *Aquest* de imigrancomo tes catalães? Leite de Vasconcelos achou (*a*)*quisso* em Trás-os-Montes.

qual fartam de ditas  
cumpridos desejos.

De noite, de dia,  
na aurora, na sera<sup>14</sup>,  
145 cantando ouvireis-me<sup>15</sup>  
por montes e veigas.

Quem quer que me chame,  
quem quer que me obriga:  
cantar, cantarei-lhe  
150 de noite e de dia,

por dar-lhe contento,  
por dar-lhe consolo,  
trocando em sorrisos  
queixinhas e choros.

155 Buscai-me, rapazas,  
velhinhas, mocinhos,  
buscai-me entre os robles,  
buscai-me entre os milhos,

nas portas dos ricos,  
160 nas portas dos pobres,  
que aquestes cantares  
a todos respondem.

A todos, que à Virgem  
ajuda pedi,  
165 porque vos console

---

<sup>14</sup> Sera "tarde" pode ser derivado regressivo de serão, sob o modelo do italiano sera .

<sup>15</sup> O oirês(-me cantando) original pode reparar-se invertendo a ordem.

no vosso afligir;

nos vossos tormentos,

nos vossos pesares.

Cuidai, que começo...

170 Meninhas, Deus diante!

Nasci quando as plantas nascem,  
 no mês de flores nasci,  
 numa alvorada maininha,  
 numa alvorada de abril.  
 5 Por isso me chamam Rosa,  
 mas a do triste sorrir,  
 com espinhas para todos,  
 sem nenhuma para ti.  
 Dês que che quis bem, ingrato,  
 10 todo acabou para mim,  
 que eras ti para mim todo,  
 minha glória e existir.  
 De que, pois, te queixas, Mauro?  
 De que, pois, te queixas, diz,  
 15 quando sabes que morrera  
 por te contemplar feliz?  
 Duro cravo me encravaste  
 com esse teu mau pedir,  
 com esse teu pedir tolo  
 20 que não sei que quer de mim,  
 pois dei-che quanto dar pude,  
 eu avarenta de ti.  
*O meu coração che mando  
 cuma chave para o abrir.*  
 25 *Nem eu tenho mais que dar-che,  
 nem tu mais que me pedir.*

– Deus bendiga todo, nena;  
 rapaza, Deus te bendiga,  
 já que te deu tão graciosa,  
 já que te deu tão feitinha,  
 5 que, em-que<sup>16</sup> andei por muitas terras,  
 que, em-que andei por muitas vilas,  
 como a ti<sup>17</sup> não vi nenhuma  
 tão redonda e tão bonita.  
 Bem haja quem te pariu!  
 10 Bem haja, amém, quem te cria!

–Deus vos guarde, minha velha;  
 guarde-vos Santa Marinha<sup>18</sup>,  
 que, abofé, sois afagueira<sup>19</sup>,  
 afagueira e bem cumprida.

15 –Meninha, por bem falada  
 nenhuma se perderia.  
 Colhem-se entre os passarinhos  
 aqueles que melhor trinam.  
 Morre afogado entre as palhas  
 20 o pitinho<sup>20</sup> que não chia.

<sup>16</sup> O medieval em que, de ainda que, vive na Galiza e em Rosalia. Suposto falsamente vindo do cast. popular anque, pronúncia átona de aunque, tomou a vogal A. Hifenizamos para evitar confusões.

<sup>17</sup> Popular *como a ti = como tu*. Veja-se nota final.

<sup>18</sup> Talvez Sta. Marinha de Águas Santas (Ourense), nascida em Ginzo de Lima no séc. II, que sofreu martírio ao não aceitar amores do prefeito Olibrio. Os atributos são um forno aceso, onde a tradição diz que a meteram, e três nascentes que, segundo a lenda, saíram da sua cabeça ao cair e rolar três vezes, que são as três fontes de Águas Santas (Ángelo Brea).

<sup>19</sup> *Afagueira*, forma antiga de *fagueira*. No original o que há é *falangeira*, velho castelhanismo por (*a*) *fagueiro*, cruzado paretimologicamente com *falar* ou *falador*.

<sup>20</sup> *Pitinho*, forma antiga de *pintinho*.

–Pois, se vós fôsseis pitinho,  
digo-vos, minha velhinha,  
que desse mal não morreras,  
que chiar, bem chiaríeis.

25 –Ai! Que, se não, de mim fora,  
minha filha, minha filha!  
Sem agarimo<sup>21</sup> no mundo  
desde que nasci orfinha,  
de porta em porta pedindo  
30 tive que passar a vida.

E quando a vida se passa  
qual vida de peregrina  
que busca peregrinando  
o pão de todos os dias,  
35 de cote em lares alheios,  
de cote em estranhas vilas,  
há que depreender então,  
por não morrer, coitadinha,  
ao pé dum valo tombada  
40 e de todos esquecida,  
o chio dos passarinhos,  
o reclamo das pombinhas,  
o bem falar que compraz,  
a humilda' mansa que obriga.

45 –Muito sabeis, minha velha!  
Muito de sabedoria!  
Quem pudera correr mundo  
por ser como vós sabida!  
Que em-que trabalhos se passem  
50 alô pelas longes vilas,

---

<sup>21</sup> *Agarimo* “abrigo”, de *agarimar*, *agrimar*. Do vulg. \**aggreimiare*, de *gremium* “seio”.

também que cousas se sabem!;  
também que cousas se miram!

–Mais val que n’as mires nunca,  
que entonces<sup>25</sup> te perderias:  
55 O que ao sol mirar procura  
logo quedará sem vista!

–Direis verda’, minha velha;  
mais claras as vossas ‘ninhas<sup>22</sup>  
emprestou-vos até ora  
60 gloriosa Santa Luzia<sup>23</sup>.

–Muita devoção lhe tenho,  
minha santinha bendita!;  
mas não sempre as ‘ninhas claras  
são prova de claras vistas.  
65 Muitas eu vi como a água  
que corre entre as penas frias  
gorgolejando de passo,  
sereninha, sereninha,  
que entre tenebras pousavam,  
70 que entre tenebras<sup>24</sup> viviam,  
nas tenebras dos pecados,  
que são as mais escondidas.

–Se de pecados falais,

---

<sup>22</sup> ‘Ninhas, não é castelhanismo, mas aférese de *meninhas* (*dos olhos*).

<sup>23</sup> Sta. Luzia de Siracusa, mártir na perseguição de Diocleciano (sécs. III-IV). Repartira a fortuna entre os pobres. Denunciada pelo prometido, condenaram-na a trabalhar num prostíbulo, bem que quatro bois não a conseguiram mover do sítio. O mais famoso da lenda é ter-se tirado os olhos, por amor a Cristo ou para enviá-los ao prometido. Daí ser advogada das doenças da vista e padroeira dos que a forçam, costureiras e informáticos (Ángelo Brea).

<sup>24</sup> *Trevas* coexiste com o erudito *ténebras*, com a prosódia latina clássica. Conjuramos aqui a presença de *tenebras*, com a vulgar, por não alterar o metro. É um recurso forçado.

75 é pão que onde quer espiga  
em todas as partes cresce,  
em toda a parte se cria;  
mas uns são cor de veneno,  
outros de carne *rungida*<sup>25</sup>,  
outros, como a noite negros,  
80 medram coas *lúrpias*<sup>26</sup> daninhas  
que os parem entre ouro e seda,  
arrolados pela inveja,  
mantidos pela luxúria,  
mantidos pela cobiça.

85 –“Quem bem está, bem esteja”.  
Deixa-te estar, minha filha,  
nem procures correr mundo,  
nem tampouco longes vilas,  
que o mundo doa maus pagos  
90 a quem lhe dá prendas finas  
e nas vilas mal fizeras  
que aqui fazer não farias,  
que, em-que esse pão bolorento  
em todas partes espiga,  
95 numas apoucado cresce,  
noutras medra que *admira*<sup>27</sup>.

–Falais como um advogado,  
e qualquer o pensaria  
que depreendestes nos livros  
100 tão várias palavrarias,

<sup>25</sup> *Rungida* “requeimada”, de *rungir* “requeimar”, provável cruzamento de *rugir* “crepitar” com o arcaico *renger*, forma galega de *ranger*.

<sup>26</sup> Seria dantes “meiga chuchona”, vampiro feminino que bebe sangue dos infantes. E “bebedeira”, “mulher de mau viver; ladra; esfarrapada e suja”, “fartadela”, etc.

<sup>27</sup> *Admira*, anaptixe vulgar de *admira*, imposta pelo metro.

todinhas tão bem faladas,  
todinhas tão entendidas.  
E tal medo me pusestes  
que já daqui não saíra  
105 sem levar santos escritos  
e medalhinhas benditas  
num lado do meu justilho,  
junto duma negra figa,  
que me livrassem das meigas  
110 e mais das lúrpias daninhas.

—Que te livrem de ti mesma,  
pede-lhe a Deus, rapariga,  
que somos nós para nós  
as lúrpias mais inimigas.  
115 Mas já vem a noite vindo  
co seu manto de estrelinhas;  
já recolheram o gado  
que pastava na cortinha;  
já longe as campanas tocam,  
120 tocam as ave-marias;  
cada coelho ao seu tovo<sup>28</sup>  
ligeiro, ligeiro tira,  
que é mau companheiro a noite  
se a companheiro se obriga.  
125 Mas, ai!, que eu não tenho tovo  
nem burata<sup>29</sup>conhecida,  
nem telhado que me cubra  
dos ventos da noite fria.  
Que vida a dos pobres, nena!

---

<sup>28</sup> *Tovo* "toca ou lura de certos animais", do lat. *tōfus* "pedra calcárea", que na península cobrou sentido de "cavidade".

<sup>29</sup> Aumentativo de *burato*, por sua vez variante de *buraco*.

130 Que vida! Que amarga vida!  
 Mas Nosso Senhor foi pobre.  
 Que isto de alívio nos sirva!  
 –Amém, minha velha, amém;  
 mas, pelas almas benditas,  
 135 hoje dormireis num leito  
 feito de palhinha triga,  
 junto do lar que vos quente  
 coa borralhinha acendida,  
 e comereis um caldinho  
 140 com patacas e nabiças.

–Bendito o Senhor, bendito!  
 Bendita a Virgem Maria  
 que com tanto bem me acode  
 por uma mão compassiva!  
 145 O Senhor che dê fortuna  
 com muitos anos de vida.  
 Volvam-se-che as telhas de ouro,  
 as pedras de prata fina  
 e cada grão seu diamante  
 150 che se volva cada dia!  
 E agora, minha rapaza,  
 porque um pouco te divirtas  
 bailando coas companheiras  
 que garrulam na cozinha,  
 155 hei-che de contar histórias,  
 hei-che de contar coplinhas,  
*hei-che de tocar as conchas,  
 minha carrapucheirinha*<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Hipocorístico para meninos e moços, de *carapucha* “carapuça” com RR secundário.

–*Cantam os galos pró dia ;  
ergue-te, meu bem, e vai-te.  
–Como me hei de ir, queridinha,  
como me hei de ir e deixar-te?*

- 5 –Desses teus olhinhos negros  
como doas relumbrantes  
para as nossas mãos unidas  
as báguas<sup>31</sup> ardentes caem.  
Como me hei de ir se te quero?
- 10 Como me hei de ir e deixar-te  
se coa língua me rebotas  
e co coração me atraís?  
Num corruncho<sup>32</sup> do teu leito  
carinhosa me abrigaste;
- 15 co teu manso calorinho  
os frios pés me quentaste  
e daqui juntos miramos  
por entre a verde ramagem  
qual ia correndo a lua
- 20 por em riba dos pinhares<sup>33</sup>.  
Como queres que te deixe?  
Como que de ti me aparte  
se mais que o mel és tu doce  
e mais que as flores suave?
- 25 –Meiguinho, meiguinho, meigo,  
meigo que me namoraste,

<sup>31</sup> Velha palavra galega para *lágrima*.

<sup>32</sup> Sinónimo local de *recanto, canto* ou *cantinho*.

<sup>33</sup> Variante esporádica de *pinhais*.

vai-te donde a mim<sup>34</sup>, meiguinho,  
antes que o sol se levante.

30 –Ainda dorme, queridinha,  
entre as ondinhas do mare;  
dorme porque me acarinhos  
e porque amante me chames,  
que só onde a ti, menina,  
posso contente folgare.

35 –Já cantam os passarinhos;  
ergue-te, meu bem, que é tarde.

–Deixa que cantem, Marica.  
Marica, deixa que cantem...  
Se tu sentes que me vaia,  
40 eu relouco por quedar-me.

–Comigo, meu queridinho,  
meta<sup>35</sup>da noite passaste.

–Mas entanto tu dormias  
contentei-me com mirar-te,  
45 que assim, sorrindo entre sonhos,  
cuidava que eras um anje<sup>36</sup>,  
e não com tanta pureza  
ao pé dum anjo velasse.

–Assim te quero, meu bem,

---

<sup>34</sup>*Donde eu*. Sem norma, o galego fez de *onde a* a preposição *onda*, que pede pronome oblíquo. Não ousamos mudar a música do verso, teste do seu tempo e espaço.

<sup>35</sup>A língua deturpada que herdou Rosalia impõe o apóstrofo além dos casos admitidos no Acordo Ortográfico. Solicitam-no outras elisões. É duro grafar *metá* em vez de *meta*.

<sup>36</sup>*Anje*, por ánxel do original, é alomorfo licencioso para manter a rima.

50 como um santo dos altares;  
mas fuge... que o sol dourado  
por riba dos montes saie<sup>37</sup>.

–Irei; mas dá-me um biquinho<sup>38</sup>  
antes que de ti me aparte,  
55 que esses labinhos<sup>39</sup> de rosa  
inda não sei como sabem.

–Com mil amores cho<sup>40</sup> dera;  
mas tenho que confessar-me,  
e muita vergonha fora  
60 ter um pecado tão grande.

–Pois confessa-te, Marica,  
que, quando casar nos casem,  
não che hão de valer, menina,  
nem confessores nem frades.  
65 Adeus, carinha de rosa!

–Raparigo, Deus te guarde!

---

<sup>37</sup> Paragoge usual e necessária para a rima.

<sup>38</sup> Beijinho.

<sup>39</sup> Labiozinhos.

<sup>40</sup> To.

*Nossa Senhora da Barca  
tem o telhado de pedra;  
bem o pudera ter de ouro  
minha Virgem se quisera.*

## I

5      Quanta gente,... quanta gente  
          por campinas e por veigas!  
          Quanta pelo mar abaixo  
          vem caminho da ribeira!  
          Que lanchas tão bem portadas  
10      com aparelhos de festa!  
          Que botes tão feituquinhos  
          com tão feituquinhas velas!  
          Todos carr'gadinhos vêm  
          de gentinha forasteira  
15      e de rapazas bonitas,  
          cura de todas as penas.  
          Quantos dengues encarnados!  
          Quantas fitas amarelas!  
          Quantas coifas passadinhas  
20      desde longe que centelham  
          qual se fossem neve pura,  
          qual flores da primavera!  
          Quanta guapeza nos homens!  
          Quanta brancura nas nenas!  
25      E eles semelham galhardos  
          pinhos que os montes arejam,  
          e elas botóezinhos novos  
          co orvalho da manhã fresca.

As de Muros, tão fininhas  
30 que um cuidara que se quebram,  
co'aqueles caras de virgem,  
co'aqueles olhos de amêndoa,  
co'aqueles cabelos longos  
juntados em longas tranças<sup>41</sup>,  
35 co'aqueles cores rosadas  
qual se a aurora lhos pusera,  
pois assim são de suaves  
como a aurora que começa;  
descendentes das airosas  
40 filhas da pagã grei grega<sup>42</sup>,  
elas de negro se vestem,  
delgadinhas e ligeiras,  
refaixo e mantelo negro,  
sapato e meia de seda,  
45 negra jaqueta de raso,  
mantilha da mesma peça,  
com terciopelo adornado  
quanto em riba de si levam;  
filhas de r'inhas<sup>43</sup> parecem,  
50 gregas estátuas semelham  
se a um raio de sol poente  
repousadas se contemplam;  
ricos panos de Manila,  
brancos e cor de cereija,  
55 cruzam-se sobre o seu seio  
com pudorosa modéstia,

---

<sup>41</sup> Tranças. Arcaísmo obrigado pela rima.

<sup>42</sup> Na tradição local, Muros fora colónia grega (Ángelo Brea). Faz parte do plexo de crenças iniciado na conquista romana, a que serviu, e do que há muitas pegadas. É ideologia que contribuiu para o longo processo de alienação da identidade nacional. Da teima "helénica", veja-se no livro *As Tribos Calaicas*, Edições da Galiza, Barcelona, 2008, as pp. 280 e ss.

<sup>43</sup> Síncope de rainhas. Veja-se nota final.

e por entre eles reluzem  
como brilhantes estrelas  
adereços e colares  
60 de diamantes e de pérolas,  
pendentes de filigrana  
e *pechuginhas*<sup>44</sup> de cera.  
As de Camarinhas vestem  
qual rapazinhas gaitieras,  
65 saias de vivazes cores  
pelo pescoço da perna,  
mostrando o negro sapato  
em riba de branca meia;  
chambras<sup>45</sup> feitas de mil raias  
70 azuladas e vermelhas,  
com guarnições que lhes caem  
sobre as pomposas cadeiras.  
Para tocar o pandeiro  
não há como aquelas nenas,  
75 que são as camarinhanas  
feitas de sal e canela.

As de Cé, Virgem do Carmo!,  
que carinhas tão bem feitas!  
Quando estão coloradinhas  
80 no ruge-ruge da festa,  
cada mirar dos seus olhos  
fere qual se fossem setas.  
Nem há mãos tão bem cortadas,  
tão branquinhas e pequenas  
85 como as que amostram fingindo  
que não querem que lhas vejam.

<sup>44</sup> Castelhanismo por *peitinhos*. Eufemismo por tradução. Ver nota final.

<sup>45</sup> Não é o chambre "roupão", mas "blusa" feminino, da mesma origem.

São as de Lage<sup>46</sup> umas moças...  
Vai-te<sup>47</sup> umas moças aquelas!  
Que só com vê-las de longe  
90 tira-se-lhes a monteira,  
porque são vivas de génio,  
em-que são rapazas netas.  
Bailadoras... N'há nenhuma  
que com elas se intrometam,  
95 pois por bailar bailariam  
no crivo duma peneira;  
mas, em tocando a que rezem,  
em rezar são as primeiras...  
Dão ao mundo o que é do mundo,  
100 dão à igreja o que é da igreja.  
As de Noia bem se ajuntam  
coas graciosas rianjeiras<sup>48</sup>,  
pelos redondos peinhos,  
pelas cabeleiras crechas<sup>49</sup>,  
105 pelos morenos lunares  
e pelas línguas acerbas,  
que abofé<sup>50</sup> que em tudo picam  
como se fossem pimenta.  
Vêm depois, recatadas  
110 bem que um pouquinho soberbas  
por aquilo que elas sabem  
de antiguidade e nobreza  
(pois por acô todos somos  
tal como Deus nos fizera),  
115 as meninas bem compostas

<sup>46</sup> Ao menos no topónimo, a grafia correta é *Lage*. Veja-se a nota final.

<sup>47</sup> Interjeição que enfatiza a oração que introduz.

<sup>48</sup> Naturais de Rianjo, donde era Afonso Daniel R. Castelão e outros escritores.

<sup>49</sup> *Crespas*. Cruzou-se talvez *crespo* e o ant. *crencha* "trança", cf. cast. *crencha*, cat. *clenxa*.

<sup>50</sup> Dialeto, do ant. a *boa fé*.

duma vila quisquilheira<sup>51</sup>,  
que por onde vão parece  
que vão dizendo “Canela!”<sup>52</sup>  
Plantamos ou não plantamos  
120 a quantas há nesta terra?”  
Mas se plantam ou não plantam  
não sou eu quem o dissera,  
que fora pouca cordura,  
que fora farta lhaneza.  
125 Baste dizer que, juntinhas  
todas na porta da igreja,  
mais bonitas pareciam  
que um raminho de açucenas,  
mais frescas que uma leituga<sup>53</sup>,  
130 mais sab’rosinhas que fresas<sup>54</sup>.  
Já que fossem de Rianjo,  
que fossem de Redondela,  
de Camarinhas ou Lage,  
de Lage ou de Ponte-Areias,  
135 todas eram tão bonitas,  
todas tão bonitas eram  
que o de mais duras entranhas  
dera as entranhas por elas...  
Por isso se derretiam,  
140 qual se foram de manteiga,  
diante delas os rapazes,  
os rapazinhos da festa,  
os marinheiros do mare

---

<sup>51</sup> Carvalho Calero cria ser Padrão, vila da mãe, onde Rosalia viveu e morreu, pelo dito nos vv. 121-124, que seriam expressão de reserva modesta (Ángelo Brea). *Quisquilheira* parece fruto ocasional do cast. *quisquilhoso*. É incerto vir do lat. *quisquiliae* “bagatelas” como se dizia e impugnou Coromines, mas remanesce dúbio.

<sup>52</sup> A interjeição *canela!* vem do castelhana moderno e vale “cousa fina”, com saibo a gíria.

<sup>53</sup> *Alface* (*Lactuca sativa*). *Leituga* ficou acantoadada para variedades espontâneas.

<sup>54</sup> *Morango* (*Fragaria* sp.). Castelhana obrigado pela rima.

que aonde a Virgem vieram  
145 porque a Virgem os salvara  
de naufragar na tormenta.  
Mas se salvaram no mare  
não se salvarão na terra,  
marinheiros, marinheiros,  
150 que aqui também há tormentas  
que afogam coraçõezinhos  
sem que lhes valham ofertas,  
que ouve a Virge'os que se afogam  
do mar entre as ondas feras,  
155 mas não ouve os namorados  
que de afogar-se se alegram.

## II

Ramo de flores parece  
Mogia a das altas penas  
com tanta rosa espalhada  
160 naquela branca ribeira,  
com tanto belo cravinho  
que reluz entre as areias,  
com tanta gente que corre,  
que corre e que se peneira  
165 ao som das gaitas que tocam  
e das bombas que rebentam,  
uns que vendem limonada,  
outros água que refresca,  
aqueles doce rosólio  
170 com rosquilhinhas de amêndoa;  
os de mais além sandias<sup>55</sup>  
com saborosas ameixas,  
entretanto que algum cego,

---

<sup>55</sup> *Melancias* ou *balancias* (*Citrullus* sp.).

175      ao som de alegre pandeira,  
toca um quarto de guitarra  
para que bailem as nenas.  
Bendita a Virgem da Barca!  
Bendita por sempre seja  
minha Virgem milagrosa  
180      em quem tantos se recreiam!  
Todos vão por visitá-la,  
todos ali vão por vê-la  
na sua barca dourada,  
na sua barca pequena,  
185      onde estão os dous anjinhos,  
os dous anjinhos que remam<sup>56</sup>.  
Ali chegou milagrosa  
numa embarcação de pedra<sup>57</sup>.  
Ali, porque Deus o quis,  
190      sempre adoradores tenha.  
A pedra, bala que bala<sup>58</sup>,

---

<sup>56</sup> No barroco retábulo maior, do compostelano Diego de Romai. As ruas laterais dedicam-se aos apóstolos. No centro, o camarim da Virgem da Barca, imagem gótica do séc. XIV. Além da imagem, o camarim é o mais barroco do retábulo, profusamente decorado (Â. Brea).

<sup>57</sup> A lenda da vila de Duio (num vale perto de Fisterra) diz que foi sumida em castigo de não atender ao apóstolo Santiago, que se retira à Ponta Xavinha a rezar para que os habitantes não fossem hostis. Ali vê uma barca aproximar-se da beira. Nela vem a Virgem a animá-lo, que a pregação terá êxito e que volte a Jerusalém, que a missão já fora cumprida. A Virgem usara uma barca de pedra, cujos restos ficaram nas rochas. A barca é a Pedra de Abalar; a vela, a dos Cadris; o timão, a do Timão. A de Abalar é uma massa granítica de 8,7 m de largura e 6,91 de comprimento, e entre 15 e 30 cm de alto, em forma de tábuas que quase não se eleva das rochas em que apoia. Chega uma pessoa pôr-se num lugar, pelo sul, para que a pedra pegue a abalar. Cheia de lendas e tradições, diz-se que a pedra às vezes abala só, o que agoira desgraça. Também pode abalar sozinha, para alertar os vizinhos, como na ocasião em que iam roubar na ermida (ao que Rosalia parece referir-se no v. 192). Em 1978, uma tormenta moveu a pedra, rompendo-lhe um pedaço. Restaurada várias vezes, quando a tormenta lhe desprende uma lasca, a pedra deixa de abalar. (Â. Brea)

O gostoso sincretismo destas lendas baseia-se num fundo de práticas xamânicas, em que como em palimpsesto se superpuseram sem violência as culturas e saberes posteriores. Os xamãs viajam oniricamente (vivem-no como real) para o inconsciente (o país dos deuses, dos espíritos ou dos mortos) para atingirem a sabedoria necessária para guiar o seu povo. As barcas eram e são uma das metáforas dessas viagens.

<sup>58</sup> Quer dizer, *abala que abala*. A forma, não documentada nos dicionários, apoia a etimologia de Meyer-Lubke, de *ballare* "bailar", pela qual se inclina Coromines.

serve-lhe de sentinela  
e enquanto dormem os homens  
ela adoração lhe presta  
195 com aquel som campanudo  
que escutar longe se deixa  
e a quem o mar com bramidos  
humildosos lhe contesta.  
Quando as campanas repicam  
200 e a música retumbeia<sup>59</sup>  
qual num céu lá pelas naves  
da recolhidinha igreja;  
quando os foguetes estalam  
nos ares, e vozes frescas  
205 pelo espaço coas gaitinhas  
e cos tambores se mesclam,  
entonces a pedra bala  
tão alegre e tão contenta  
que em-que um cento de pessoas  
210 brinca e salta em riba dela,  
como se fosse mocinha,  
mais que uma pluma ligeira,  
alegre como umas páscoas  
salta e rebrinca<sup>60</sup> com elas.  
215 Chovem então os presentes,  
chovem então as ofertas  
que lhe trazem os romeiros  
em feitinhas caravelas  
diante da Virgem bendita,  
220 aos pés da sagrada Régia,  
e por isso ali lhe cantam  
quando se despedem dela:

---

<sup>59</sup> Neologismo por *retumbar*, obrigado pela medida.

<sup>60</sup> Não é outro que *brincar* com prefixo iterativo.

*Nossa Senhora da Barca  
tem o telhado de pedra;  
225 bem o pudera ter de ouro  
minha Virgem se quisera.*

6

Fui um domingo,  
fui pela tarde,  
co sol que baixa  
trás os pinhares,  
5 coas nuvens brancas,  
sombra dos anjes,  
e coas pombinhas  
que as alas batem  
com um batido  
10 manso e suave,  
atravessando  
vagas celagens,  
mundos estranhos  
que em raios partem  
15 ricos tesouros  
de ouro e diamante.  
Passei os montes,  
montes e vales;  
passei planuras  
20 e soledades;  
passei os regos,  
passei os mares  
cos pés enxutos  
e sem cansar-me..  
25 Colheu-me a noite,  
noite brilhante  
cuma luinha  
feita de jaspes,  
e fui com ela  
30 caminho adiante,

coas estrelinhas  
para guiar-me,  
que esse caminho  
só elas sabem.

35 Depois a aurora  
co seu semblante  
feito de rosas  
veio alumiar-me,  
e vi então,  
40 entre a ramagem  
de olmos e pinhos,  
acovilhar-se  
branca casinha  
co seu pombale  
45 onde as pombinhas  
entram e saem.  
Nela se escutam  
doces cantares,  
nelas garrulam  
50 moços galantes  
coas rapazinhas  
doutros lugares.  
Tudo é contento,  
tudo é folgare  
55 enquanto a pedra,  
bate que bate,  
mói que te mói,  
dá-lhe que dá-lhe,  
com lindo gosto  
60 faz-lhe compasses<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Alomorfo por licença de compassos a causa da rima.

Não há sitinho  
que mais me agrade  
que aquel moinho  
dos castanhares  
65 onde há meninas,  
onde há rapazes  
que ricamente  
sabem lutare<sup>62</sup>;  
onde rechinam  
70 até cansar-se  
moços e velhos,  
nenos e grandes,  
e, em-que não querem  
que alô me baixe,  
75 sem que o soubera  
*na casa naide<sup>63</sup>,*  
*fui ao moinho*  
*do meu compadre;*  
*fui pelo vento,*  
80 *vim pelo are.*

---

<sup>62</sup> Veja-se nota final.

<sup>63</sup> Pela rima não se pode tirar o castelhanismo *naide* (ninguém), testemunha de um tempo e estilo.

Um repoludo<sup>64</sup> gaiteiro  
 de pano sedã<sup>65</sup> vestido,  
 como um príncipe cumprido,  
 carinhoso e afagueiro,  
 5 entre os moços o primeiro  
 e nas cidades sem par,  
 tinha costume em cantar  
 alô pela manhãzinha:  
 –*Com esta minha gaitinha*  
 10 *as nenas hei de enganar.*

Sempre pela vila entrava  
 com aquel de senhorio,  
 sempre com pojante brio  
 co tambor se compassava;  
 15 e se na gaita soprava  
 era tão doce soprar  
 que bem fizera em cantar  
 alô pela manhãzinha:  
 –*Com esta minha gaitinha*  
 20 *as nenas hei de enganar.*

Todas por el reloucavam,  
 todas por ele morriam;  
 se o tinham cerca, sorriam,  
 se o tinham longe, choravam.  
 25 Malpecado<sup>66</sup>, não cuidavam  
 que co'aquel seu florear

<sup>64</sup> Elegante, *garboso*.

<sup>65</sup> Talvez panos trazidos de Sedan, nas Ardenas.

<sup>66</sup> *Infelizmente, ainda mal*, arcaísmo. Veja-se também nota final 18. 23.

tinha costume em cantar  
alô pela manhãzinha:  
30 *–Com esta minha gaitinha  
as nenas hei de enganar.*

Caminho da romaria,  
debaixo duma figueira,  
quanta menina solteira  
“quero-che” lhe repetia!...  
35 E el coa gaita respondia  
por a todas embaucar,  
pois bem fizera em cantar  
alô pela manhãzinha:  
40 *–Com esta minha gaitinha  
as nenas hei de enganar.*

Elas louquinhas bailavam  
e pra junto a ele corriam  
cegas... cegas que não viam  
as espinhas que as cercavam;  
45 pobres pombinhas<sup>67</sup>, buscavam  
a luz que as ia queimar,  
pois que el soubera cantar  
alô pela manhãzinha:  
50 *–Com este minha gaitinha  
as nenas hei de enganar.*

Nas festas, quanto contento!  
Quanto riso nas fiadas!  
Todas, todas, namoradas,  
deram-lhe o seu pensamento.  
55 E el que, de amores sedento,

---

<sup>67</sup> Insetos que voam arredor das luzes.

quis todinhas enganar,  
quando as viu depois chorar,  
cantava nas manhãzinhas:  
—*Não sejam elas tolinhas,  
60 não venham ao meu tocar.*

“Quije-che<sup>68</sup> tanto, menina,  
 tive-che tão grande amor  
 que para mim eras lua,  
 branca aurora e claro sol;  
 5 água limpa em fresca fonte,  
 rosa do jardim de Deôs<sup>69</sup>,  
 alentinho do meu peito,  
 vida do meu coração” .  
 Assim che falei um dia  
 10 caminhinho de São Lois,  
 todo oprimido de angústia,  
 todo ardente de paixão,  
 enquanto tu me escutavas  
 depenicando uma flor  
 15 porque eu não visse os teus olhos  
 que refletiam traições.  
 Depois que sim me disseste,  
 em prova de teu amor,  
 deste-me a mim um cravinho  
 20 que guardei no coração.  
 Negro cravinho maldito  
 que me feriu desta dor!  
 Mas, ao passar pelo rio,  
 o negro cravo afundou!...  
 25 *Tão bom caminho tu leves  
 como o esse cravo levou.*

<sup>68</sup> *Quis-te* = Amei-te. Aqui se altera a reintegração do *quijem* local por causa da métrica: “*Quije-che...*” sem nasalidade escrita em vez de *quis*. Além disso, no tratamento familiar o verbo *querer* “amar” requer do che galego e arcaico. Veja-se nota final.

<sup>69</sup> Veja-se a nota 10.

*Campanas de Bastavales,  
quando vos ouço tocar,  
morro-me de soidades.*

## I

5 Quando vos ouço tocar,  
campainhas, campainhas,  
sem querer torno a chorar.

Quando de longe vos ouço,  
penso que por mim chamais,  
e das entranhas me doo.

10 Doo-me de dor ferida,  
que antes tinha vida inteira  
e hoje tenho meia vida.

15 Que só meia me deixaram  
os que dalô me trouxeram,  
os que dalô me roubaram.

Não me roubaram, traidores,  
ai!, uns amores tolinhos,  
ai!, uns tolinhos amores.

20 Que os amores já fugiram,  
as soidades vieram...  
De pena me consumiram.

## II

Alô pela manhãzinha  
subo em riba dos outeiros  
ligeirinha, ligeirinha.

25 Como uma cabra ligeira,  
para ouvir das campainhas  
a badalada primeira.

A primeira da alvorada,  
que me trazem os arinhos  
30 por me ver mais consolada.  
Por me ver menos chorosa,  
nas suas asas ma trazem  
rebuldeira<sup>70</sup> e queixumosa.  
Queixumosa e retremendo  
35 por entre a verde espessura,  
por entre o verde arvoredado.  
E pela verde pradeira<sup>71</sup>,  
por riba da veiga chá,  
rebuldeira e rebuldeira.

## III

40 Passeninho, passeninho<sup>72</sup>,  
vou pela tarde calada  
de Bastavales caminho.

Caminho do meu contento;  
e entanto o sol não se esconde,  
45 numa pedrinha me sento.

<sup>70</sup> Brincalhona. *Rebuldeira de rebuldar*, e este provavelmente de *\*rebullitare*.

<sup>71</sup> Neologismo bárbaro necessário pela rima.

<sup>72</sup> *Devagarinho*.

E sentada estou mirando  
como a lua vai saindo,  
como o sol se vai deitando.

50 Qual se deita, qual se esconde,  
entretanto corre a lua  
sem saber-se para onde.

Para onde vai tão soia<sup>73</sup>  
sem que aos tristes que a miramos  
nem nos fale nem nos ouça.

55 Que se ouvira e nos falara,  
muitas cousas lhe dissera,  
muitas cousas lhe contara.

#### IV

60 Cada estrela, o seu diamante;  
cada nuvem, branca pluma;  
triste a lua marcha diante.

Diante marcha clarejando  
veigas, prados, montes, rios,  
onde o dia vai faltando.

65 Falta o dia, e noite escura  
baixa, baixa, pouco a pouco,  
por montanhas de verdura.

De verdura e de folhagem,  
salpicada de fontinhas  
sob a sombra da ramagem.

---

<sup>73</sup> Velho feminino de só, soa com l anti-hiático, inescusável por a forma atual *sozinha* não dar a medida.

70 Da ramagem onde cantam  
passarinhos piadores,  
que coa aurora se levantam.

Que coa noite se adormecem  
para que cantem os grilos  
75 que coas sombras aparecem.

V

Corre o vento, o rio passa,  
correm nuvens, nuvens correm  
caminho da minha casa.

80 Minha casa, meu abrigo,  
vão-se todos, eu me quedo  
sem companha nem amigo.

Eu me quedo contemplando  
as laradas das casinhas  
por quem vivo suspirando.

.....

85 Vem a noite,... morre o dia,  
as campanas tocam longe  
o tocar da Ave-Maria.

Elas tocam pra que reze;  
eu não rezo, que os saloucos<sup>74</sup>  
90 afogando-me parece  
que por mim têm que rezar.  
*Campanas de Bastavales,*

---

<sup>74</sup> Soluços.

*quando vos ouço tocar,  
morro-me de soidades.*

## I

Vi-te uma clara noite,  
noitinha de São João,  
a pôr as frescas ervas  
na fonte a serenar.  
5 E tão bonita estavas  
qual rosa no rosal  
que de orvalhinho fresco  
toda coberta está.  
Por isso, namorado,  
10 com manso suspirar  
os meus amantes braços  
botei-che pelo vão,  
e tu com doces olhos  
e mais doce falar,  
15 meiguinha, me embaucaste  
em plácido solaz.  
As estrelinhas todas  
que alô no espaço estão,  
sorrindo nos miravam  
20 com suave cintilar.  
E foram testemunhas  
daquel teu suspirar  
que ao meu correspondia  
com amorinho igual.  
25 Porém depois com outros  
mais guapos e galás  
(mas não que mais che queiram,  
que haver não haverá),  
também, também, menina,  
30 soubeste praticar

à sombra dos salgueiros,  
junto ao rosmaninhal.  
Por isso eu che cantava  
em triste solidão,  
35 quando –ai de mim!– te via  
com eles parolar:  
“Cuida, minha menina,  
das práticas que dás,  
*que adonde muitos cospem*  
40 *lama fã<sup>75</sup>”.*

## II

Que triste ora te vejo!...  
Que triste, nena, estás!...  
As tuas frescas cores  
onde, menina, vão?  
45 O teu mirar sereno,  
o teu doce cantar,  
onde, menina, onde,  
coitada, toparás?  
Já não te vi, menina,  
50 na noite de São João,  
a pôr as frescas ervas  
na fonte a serenar.  
Já não te vi fresquinha  
qual rosa no rosal,  
55 que murchadinha estavas  
de tanto soluçar.  
Ora, de dor ferida,  
buscando a honrinha vais,  
a honrinha que perdeste;  
60 mas, quem cha volverá?

---

75 Forma contracta por *fazem*, de muito curso na língua galega, aqui obrigada pela rima.

Eu bem, minha menina,  
bem cha quisera dar,  
que aquel que bem che quis  
dói-se de ver-te mal.

- 65 Mas inda que eu lhes diga  
que limpa, nena, estás,  
respondem-me sorrindo  
por se de mim burlar:  
“Bem sabes, Farruquinho,  
70 Farruco do Pombal,  
*que adonde muitos cospem  
lama fã*”.

*Santo António bendito,  
dade-me<sup>76</sup> um homem,  
em-que me mate,  
em-que me esfole.*

5      Meu santo Santo António,  
dai-me um hominho,  
em-que o tamanho tenha  
dum grão de milho.  
10      Dai-mo, meu santo,  
em-que os pés tenha coxos,  
mancos os braços.

15      Uma mulher sem homem,...  
santo bendito!,  
é corpinho sem alma,  
festa sem trigo,  
pau viradoiro  
que onde queira que vá  
troncho que troncho.

20      Mas, em tendo um hominho,  
Virgem do Carme<sup>77</sup>!,  
não há mundo que chegue  
para um folgar-se.  
Que, zambro ou trencó<sup>78</sup>,  
sempre é bom ter um homem  
25      para um remédio.

<sup>76</sup> Arcaico imperativo não contracto na quadra tradicional. Rosalia usa o moderno com a sua própria voz, nos versos 6 e 9.

<sup>77</sup> *Virgem do Carmo*, aqui na forma arcaica pela rima.

<sup>78</sup> O mesmo que *zambro*. Virá do provençal, com o sentido original de "mutilado".

Eu sei de um que cobiça  
causa mirá-lo,  
lançalinho<sup>79</sup> de corpo,  
roxo encarnado.  
30 Carninhas de manteiga  
e palavras tão doces  
qual mentireiras.

Por el peno de dia,  
de noite peno,  
35 pensando nos seus olhos  
de cor de céu;  
mas el, já doito<sup>80</sup>,  
de amorinhos entende,  
de casar pouco.

40 Fazei, meu Santo António,  
que onde a mim<sup>81</sup> venha  
para casar comigo,  
nena solteira;  
que levo em dote  
45 uma colher de ferro,  
quatro de *boxe*<sup>82</sup>,

um irmãozinho novo  
que já tem dentes,  
uma vaquinha velha  
50 que não dá leite...  
Ai, meu santinho!,  
fazei que tal suceda

---

<sup>79</sup> De *lançal* "esbelto".

<sup>80</sup> O mesmo que *costumado*, galego, minhoto e antigo. De *ductus*, não de *doctus*.

<sup>81</sup> Veja-se nota 38.

<sup>82</sup> Leonesismo galego por *buxo*, mantido pela rima.

qual vos suplico

55 *Santo António bendito,*  
*dade-me um homem,*  
*em-que me mate,*  
*em-que me esfole,*  
que, zambro ou trengo,  
sempre é bom ter um homem  
60 para um remédio.

Acolá em riba,  
na fresca montanha,  
que alegre se cobre  
de verde retama,  
5      meninha morena,  
de branco vestida,  
nuvinha parece  
no monte perdida,  
que gira, que corre,  
10     que torna, que passa,  
que rola e, maininha,  
serena se para.

E envolta se mira  
na espuma que salta  
15     do chorro que ferve  
na rouca cascata.  
E erguida na ponta  
de pena sombria,  
imóvel qual virgem  
20     de pedra se mira.  
A coifa de linho,  
aos ventos soltada,  
as tranças descuida,  
que os ares espalham.  
25     Tendidas as pontas  
do pano de seda,  
as asas dum anjo  
de longe semelham  
se as brisas da tarde,  
30     jogando com elas,

as movem coa graça  
que um anjo tivera.  
Eu penso, coitado  
de mim!, que me chamam  
35 se as vejo bulindo  
na verde enramada.  
Mas, ai!, que os meus olhos  
me enganam traidores,  
pois vou e ligeira  
40 na névoa se esconde.  
Se esconde outras vezes  
na sombra dos pinhos,  
e canta escondida  
cantares docinhos  
45 que abrasam, que ferem  
ferida de amor  
que tenho feitinha  
no meu coração.

Que feita, que linda,  
50 que fresca, que branca  
deu Deus a menina  
da verde montanha!  
Que bela parece,  
que chore, que gema;  
55 cantando, sorrindo,  
dormida, desperta!

Ai!, se seu pai por regalo ma dera,  
ai!, não sentira no mundo mais penas.  
Ai!, que por tê-la comigo por dama,  
60 *eu lha vestira, eu lha calçara.*

*Adeus, rios; adeus, fontes;  
adeus, regatos pequenos;  
adeus, vista dos meus olhos;  
não sei quando nos veremos .*

- 5 Minha terra, minha terra,  
terra onde me eu criei,  
hortinha que quero tanto,  
figueirinhas que plantei,
- 10 prados, rios, arvoredos,  
pinhais que move o vento,  
passarinhos piadores,  
casinha do meu contento,
- 15 moinho dos castanhais,  
noites claras de luar,  
campainhas timbradoras  
da igreja do lugar,
- 20 amorinhas das silveiras  
que eu lhe dava ao meu amor,  
caminhinhos entre o milho,  
adeus para sempre a vós!
- Adeus, glória! Adeus, contento!  
Deixo a casa onde nasci,  
deixo a aldeia que conheço  
por um mundo que não vi!
- 25 Deixo amigos por estranhos,

deixo a veiga pelo mar,  
deixo, enfim, quanto bem quero...  
Quem pudera o não deixar!...

.....

30 Mas sou pobre e, malpecado<sup>83</sup>!,  
a minha terra n' é minha,  
que até lhe dão de prestado  
a beira por que caminha  
ao que nasceu desditado.

35 Tenho-vos, pois, que deixar,  
hortinha que tanto amei,  
fogueirinha do meu lar,  
arvorinhas que plantei,  
fontinha do cabanal.

40 Adeus, adeus, que me vou,  
ervinhas do campo-santo,  
onde meu pai se enterrou,  
ervinhas que biquei<sup>84</sup> tanto,  
terrinha que nos criou.

45 Adeus, Virgem da Assunção,  
branca como um serafim;  
levo-vos no coração;  
vós pedi-lhe a Deus por mim,  
minha Virgem da Assunção.

Já se ouvem longe, mui longe,

---

<sup>83</sup> Infelizmente, ainda mal, arcaísmo. Veja-se também nota final 18. 23.

<sup>84</sup> *Beije*.

50 as campanas do Pomar;  
para mim, ai!, coitadinho,  
nunca mais hão de tocar.

Já se ouvem longe, mais longe...  
Cada bad'lada uma dor;  
55 vou-me só e sem arrimo...  
Minha terra, adeus me vou!

Adeus também, queridinha...  
Adeus por sempre quiçá!...  
Digo-che este adeus chorando  
60 desde a beirinha do mar.  
Não me olvides, queridinha,  
se morro de solidão...  
tantas léguas mar adentro...  
Minha casinha!, meu lar!

*Eu bem vi estar o moucho<sup>85</sup>  
em riba daquele penedo.  
Não che tenho medo, moucho!;  
moucho, não che tenho medo!*

## I

5 Uma noite, noite negra  
como os pesares que eu tenho,  
noite filha das sombriças  
asas que estendem os medos;  
hora em que cantam os galos,  
10 hora em que gemem os ventos;  
em que as meigas bailam, bailam,  
juntas co demo primeiro,  
arrancando verdes robles,  
portas e telhas fendendo,  
15 todas de branco vestidas,  
tendidos os brancos pelos  
contra quem os cães ouveiam<sup>86</sup>  
agoirando triste enterro;  
quando relumbrar se miram  
20 entre os tojais mais espessos,  
qual acendidas candeias  
olhos de lobo famento<sup>87</sup>;  
e os ramalhados dos montes  
entre si murmuram quedos,  
25 e as folhas secas que espalham

<sup>85</sup> *Mocho*, ave estrígida. A forma com ditongo também é de partes do Norte de Portugal. Chamado *pássaro da morte*, por supor que o canto anuncia a próxima morte de alguém.

<sup>86</sup> *Uivam*. O galego *ouviar*, conjugado com alternância como *odiar*, vem do mesmo étimo de *uivar*, quer dizer, do medieval *uviar*, com complexa evolução semântica.

<sup>87</sup> *Faminto*. Forma local, do antigo *faminto*.

os ares da noite inquietos,  
em remoinhos se juntam  
com longo estremecimento,  
indo caminho da igreja,  
30 soia cos meus pensamentos  
cabo da<sup>88</sup> fonte da Virgem,  
pertinho do cemitério,  
depois de sentir um sopro  
que me deixou sem alento,  
35 eu bem vi estar o moucho  
em riba daquel penedo.

## II

Arrepoinhadas<sup>89</sup> todas  
as carnes se me puseram,  
e os cabelos no coruto  
40 foram-se erguendo direitos;  
gotas de suor corriam  
a fio pelo meu peito,  
e tremia como tremem  
as águas quando faz vento  
45 na pia da fonte nova,  
que sempre está revertendo.  
Aquel moucho ali fincado,  
qual se fosse o mesmo demo,  
fito a fito me mirava  
50 cos seus olhos rapineiros,  
que cuidei que me roubavam  
não mais que de longe vê-los.  
De lume me pareciam  
e que me queimaram penso;

<sup>88</sup> Locução prepositiva arcaica *cabo* de "ao pé de, junto a", e também preposição *cabo*.

<sup>89</sup> *De arrepoinhar* "arrepiair". Veja-se nota final.

55 penso que eram tições roxos  
da fogueira dos infernos,  
que pelas 'ninhas me entraram  
té o coração direitos.  
Nele remorsos havia  
60 de amorinhos pecadentos...  
Ai, quem tem desses amores  
não pode achar bom sossego!  
Chovia se Deus tem água,  
ventava em todos os ventos,  
65 e ensarrapicada<sup>90</sup> toda  
a caminhar não me atrevo;  
que o moucho, fita que fita,  
me espera naquel penedo;  
mas acordei-me da Virgem  
70 que sempre comigo levo;  
rezo-lhe uma Ave-Maria,  
e cobrando novo alento,  
como os pássaros do mar,  
nadando passo o regueiro;  
75 corro a em riba do valado,  
brinco embaixo do portelo,  
e desde ali berro então  
com quantas forças eu tenho:  
*Não che tenho medo, moucho!;*  
80 *moucho, não che tenho medo!*

---

<sup>90</sup> "Ensopada". Veja-se nota final.

*Arinhos, arinhos ares,  
arinhos da minha terra;  
arinhos, arinhos ares,  
arinhos, levai-me a ela.*

- 5 Sem ela viver não posso,  
não posso viver contenta;  
que aonde queira que vá  
cobre-me uma sombra espessa.  
Cobre-me uma espessa nuvem
- 10 tão repleta de tormentas,  
tão de solidões passada,  
que a minha vida envenena.  
Levai-me, levai-me, arinhos,  
como uma folhinha seca,
- 15 que seca também me pôs  
a calentura que queima.  
Ai!, se não me levais pronto,  
arinhos da minha terra;  
se não me levais, arinhos,
- 20 quiçá já não me conheçam,  
que a febre que de mim come,  
vai-me consumindo lenta,  
e no meu coraçãozinho  
também traidora se ceiva.
- 25 Fui noutro tempo encarnada  
tal como a cor da cereja;  
sou hoje descolorida  
como os círios das igrejas,

30 qual se uma meiga chuchona<sup>91</sup>  
todo o meu sangue bebera.  
Vou-me quedando murchinha  
como uma rosa que inverte;  
vou-me sem forças quedando,  
35 vou-me quedando morena,  
qual uma mourinha moura,  
filha de moura raleia<sup>92</sup> .

Levai-me, levai-me, arinhos,  
levai-me aonde me esperam  
uma mãe que por mim chora,  
40 um pai que sem mim n'alenta,  
um irmão por quem daria  
o sangue das minhas veias,  
e um amorinho a quem alma  
e vida lhe prometera.  
45 Se pronto não me levais,  
ai!, morrerei de tristeza,  
soia numa terra estranha,  
onde estranha me nomeiam,  
onde tudo quanto miro,  
50 tudo me diz: estrangeira!

Ai, minha pobre casinha!  
Ai, minha vaca vermelha!  
Anhos que balais nos montes,  
pombas que arrulais nas eiras,  
55 moços que atrujais<sup>93</sup> bailando,

---

<sup>91</sup> Vampiro feminino que bebe o sangue das criaturas. Contra elas usam alho, cornos de vaca, de carneiro ou de vaca-loura, ferraduras, figas e dentes de porco bravo.

<sup>92</sup> *Ralé*. *Ralêa* em Gil Vicente.

<sup>93</sup> *Atrujar*, *aturujar*, é lançar os moços o *aturujo*, um grito gutural, forte e prolongado de desafio, nas festas, nos r gressos ou ao final das cantigas. Soa como [huhuruhu!].

redobre das castanhetas,  
xás-có-rás-chás das conchinhas,  
xurre-xurre das pandeiras,  
tambor do tamborileiro,  
60 gaitinha, gaita galega,  
já não me alegras dizendo:  
moinheira!, moinheira!  
Ai, quem fora passarinho  
de leves asas ligeiras!  
65 Ai, com que pressa voara,  
tolinha de tão contenta,  
para cantar a alvorada  
nos campos da minha terra!  
Agora mesmo partira,  
70 partira como uma frecha,  
sem medo às sombras da noite,  
sem medo da noite negra;  
e que chovera ou ventara,  
e que ventara ou chovera,  
75 voaria e voaria  
até que alcançasse a vê-la.  
Mas eu não sou passarinho  
e irei morrendo de pena,  
em lágrimas convertida,  
80 em suspirinhos desfeita.

Doces galeguinhos ares,  
quitadoirinhos de penas,  
encantadores das águas,  
amantes das arvoredas,  
85 música das verdes canas  
do milho das nossas veigas,  
alegres companheirinhos,

runrum de todas as festas,  
levai-me nas vossas asas  
90 como uma folhinha seca.  
Não permitais que aqui morra,  
arinhos da minha terra,  
que inda penso que de morta  
hei de suspirar por ela.  
95 Ainda penso, arinhos ares,  
que depois que morta seja,  
e alô pelo campo-santo  
onde enterrada me tenham,  
passeis na calada noite  
100 rugindo entre a folha seca,  
ou murmurando medrosos  
por entre as brancas caveiras;  
inda depois de mortinha,  
arinhos da minha terra,  
105 hei-vos de berrar: Arinhos!,  
arinhos, levai-me a ela!

AO SR. D. CAMILO ÁLVAREZ E CASTRO,  
Chantre da catedral de Salamanca<sup>94</sup>

## I

- Roxinha qual sol dourado,  
garrida qual fresca rosa,  
ia pelo monte airosa  
co branco pé descalçado.  
5 Floco de neve pousado,  
deslumbrando a luz do dia,  
tão branco pé parecia.
- As longas tranças caídas,  
com quem os ventos jogavam,  
10 ondinhas de ouro formavam  
na branca espalda tendidas;  
apertadas e brunidas,  
que espigas eram cuidara  
o que de longe as mirara.
- 15 Tinham as cores do mar  
os seus olhinhos dormentes;  
mais doces, mais transparentes  
ninguém pudera encontrar;  
ninguém vê-los, sem amar  
20 o coração sem falsia  
que por entre eles se via.

Levava na frente a alma,  
nos doces lábios o riso;

---

<sup>94</sup> Amigo de Rosalia e de seu homem, ourensano, professor de liceu e correspondente da Real Academia Espanhola.

25           aguinha que o vento riço  
pousava no fundo em calma.  
Tal como galharda palma,  
arqueia-se com folgura  
a delgadinha cintura.

30           A par da brisa temp'rada  
que entre os salgueiros corria,  
ela correndo seguia  
uma beirinha encantada;  
que ali mansa e sossegada  
manava uma fresca fonte  
35           cabo da falda do monte.

## II

Franca, pura, sem enganos,  
canta, canta, garruleira,  
ao pé da verde silveira  
lavando os seus brancos panos.  
40           Ao som dos rumores vagos  
que nascem coa manhâzinha,  
lava, lava na fontinha.

45           Junto dela, os passarinhos  
gorgolejam que é um contento;  
faz-lhes festinhas o vento  
cos seus irmãos os arinhos.  
Os pastores, coitadinhos,  
cantam-lhe o doce *a... lá... lá... lá...*  
que língua de amores fala<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> *O alalá* é canto popular do leste galego, melancólico, alentado e vagaroso. Geralmente tem a forma de uma copla heptassilábica com o estribilho "ailalá".

50 Ela honesta está escutando,  
mas com suspiros responde,  
que alô guarda não sei onde  
saudades de não sei quando.  
Os paninhos vai lavando  
55 e a tendê-los se apressura  
num campinho de verdura.

Depois, no rego que passa,  
verte uma bágua serena,  
filha da escondida pena  
60 que o seu peitinho traspassa,  
pois que de amores se abrasa  
aquela que é fresca rosa  
tão amante quão formosa.

Companheiras vão chegando,  
65 qual mais a mais bem portada;  
jarros de louça vidrada  
entre os seixos vão pousando.  
Cai a aguinha murmurando,  
brancas binchas<sup>96</sup> se levantam,  
70 as meninas cantam,... cantam.

As estrelas vão fugindo,  
a espessa névoa enrarece,  
a arvorinha que floresce  
por entre ela vai saindo.  
75 O claro sol vai subindo  
por riba do firmamento,  
limpo, gárrulo e contente.

---

<sup>96</sup> *Borbulhas.*

Arredor todo recende  
a aroma de primavera,  
80 e lá na azulada esfera  
fogo de glória se acende;  
mas a menina n'atende  
senão à dor, malpecado!,  
que tem no peito encravado.

85 Dão-lhe estranheza os cantares,  
dão-lhe de chorar desejos,  
e, os olhos de báguas cheios,  
pensa nos nativos lares.  
Que n'há mais tristes pesares,  
90 mais negra melancolia  
que a que entre estranhos se cria.

Passarinhos, verde prado,  
branca lua e sol ardente,  
tudo consolo é impotente  
95 em mal tão desconsolado;  
tudo contente é turvado  
pela peninha sem fundo,  
que tem dela na alma um mundo.

Por isso a nena formosa  
100 foge da alegre fontinha,  
tal como triste ovelhinha  
que treme de dor queixosa.  
Vai sentida, vai chorosa,  
mentres<sup>97</sup> lhe cantam com sanha:  
105 “Da montanha!, da montanha!”

---

<sup>97</sup> Forma arcaica e galega aqui inescusável, equivalente a *enquanto* e ao ant. *mentes*.

E ela, que de tal se estranha,  
ferida no que mais sente,  
que a maltratam não consente,  
e assim lhe opõe à companha:  
110 *Em-que che sou da montanha,  
em-que che sou montanhesa,  
em-que che sou, não me pesa.*

Passa, rio; passa, rio,  
 co teu maino rebulir;  
 passa, passa entre as florinhas  
 de cor de ouro e de marfim,  
 5 a quem cos teus doces lábios  
 tão doces cousas lhes dis<sup>98</sup>.  
 Passa, passa, mas não vejam  
 que te vais ao mar sem fim,  
 porque entonces, ai pobrinhas!,  
 10 quanto choraram por ti!  
 Se soubesses que estranheza,  
 se soubesses que carpir  
 dês que del vivo apartada  
 o meu coração sentiu!  
 15 Tal me acodem as soidades,  
 tal me querem afligir,  
 que inda mais feras me afogam,  
 se as quero botar de mim.  
 E, ai, que fora das florinhas  
 20 vendo-te longe de si  
 ir pela verde ribeira,  
 da ribeira do Carril!

Passa, passa caladinho,  
 co teu manso rebulir,  
 25 caminho do mar salgado,  
 caminho do mar sem fim;  
 e leva estas lagriminhas,  
 se hás de chegar por ali,  
 pertinho dos meus amores,

<sup>98</sup> Forma contracta de *dizes*, inescusável pela rima.

30    pertinho o meu existir,  
      Ai, quem lagriminha fora  
      pra ir, meu bem, junto a ti!...  
      Quem fizera um caminho  
      para passar, ai de mim!

35    *Se o mar tivera varandas,  
      fora-te ver ao Brasil;  
      mas o mar não tem varandas,  
      meu amor, por onde hei de ir?*

*“Ora, meu menino, ora;  
quem vos há de dar a teta,  
se tua mãe<sup>99</sup> vai no moinho,  
e teu pai na lenha seca?”*

5 Eu cha dera, minha joia,  
com mil amores cha dera,  
até rebotar, meu santo,  
até que mais não quiseras,  
até ver-te dormidinho  
10 com essa boca tão feita,  
sorrindo todo fartinho,  
qual mama de vaca cheia.  
Mas, ai, que noite che aguarda!  
Mas, ai, que noite che espera!  
15 Que em-que duas fontes tenho,  
estas fontinhas não deitam.  
Ora, meu menino, ora;  
quanto chorarás por ela!  
Sem ter com que te acalente,  
20 sem ter com que te adormeça,  
que só, mas que só quedaste  
como uma ovelhinha enferma,  
tremendo, meu coitadinho,  
como tremem as ovelhas.  
25 Sem cobertor que te cubra  
numas palhinhas te deitam  
e neve e chuva em ti caem  
por entre as fendidas telhas.  
E silva o vento que passa

<sup>99</sup> *Tua mãe*, aqui e depois, lê-se como composto, em duas sílabas com um acento só.

30 pelas mal juntadas pedras,  
e qual cuitelo<sup>100</sup> afiado  
no teu corpinho se ceiva.  
Ai, quando venha tua mãe!  
Ai, quando che a tua mãe venha!  
35 Qual te topará, menino,  
frio como a neve mesma,  
para chorar sem alento,  
rosinha que os ventos quebram!...  
Ai, mais valera, menino,  
40 que quem te deu não te dera!  
Que os filhos dos pobres nascem,  
nascem pra tamanhas penas”.

Assim se explicava Rosa  
no meio da noite negra,  
45 ao pé duma negra porta,  
toda de lanhas coberta.  
Entretanto murmuravam  
por entre a robleda espessa  
do rio as revoltas águas  
50 e os bramidos da tormenta.  
Tudo era sombras no céu,  
tudo era luto na terra,  
e parece que a *companha*<sup>101</sup>  
bailava entre as arvoredas  
55 coas chuchonas inimigas,  
e coas estricadas<sup>102</sup> meigas.  
Entanto, um choro suave  
sentir no espaço se deixa,

---

<sup>100</sup> O mesmo que *facá*. Palavra galega e antiga.

<sup>101</sup> Da *companha*, veja-se nota final.

<sup>102</sup> Igual que *esticadas*, *estiradas*, metaforicam. “orgulhosas, solenes”. Ver nota final.

tal como gaita tocada  
60 numa alvorada serena;  
tal como afastada fruta  
quando o sol no mar se deita,  
cujo som nos traz o vento  
cos cheirinhos da ribeira.  
65 No meio da choça escura  
que triste Rosa contempla,  
uma luz branca se mira  
como aurora que começa.  
Aroma de frescas rosas  
70 os ares da noite incensam,  
qual se todas se juntaram  
as flores da primavera;  
soam cantares estranhos,  
soam músicas que alegam;  
75 músicas são e cantares  
nunca sentidos na terra;  
por isso, pasmada, Rosa  
pouquinho a pouco se achega  
e por uma rachadura  
80 prostrada no chão espreira.

Nunca humanos olhos viram  
o que viu entonces ela,  
que se não morreu então  
foi porque Deus n'ó quisera:  
85 de resplandecente glória  
raios de amor já se espelham  
do abandonado menino  
sobre a dourada cabeça;  
e porque esteja contente  
90 e porque mais se entretenha,

cabo os seus peinhos crescem  
frescos ramos de açucenas.  
Já não dorme em pobre berço,  
que outro berço lhe fizeram  
95 com as asas os anjinhos  
e co seu lume as estrelas.  
Nuvens com a cor da rosa  
fazem branda cabeceira,  
serve-lhe de cobertura  
100 um raio de lua cheia  
e a Virgem santa, vestida  
com vestido de inocência,  
porque de fome não morra  
e fartinho se adormeça,  
105 dá-lhe maná do seu peito  
com que os seus lábios refresca.

Mentres o mundo existisse,  
Rosa mirando estivera  
com tanta glória encantada,  
110 com tanta dita suspensa.  
Mas uma voz longe se ouve  
por entre os olmos da veiga,  
que cantando amorosinha  
se explica desta maneira:  
115 “Ora, meu menino, ora,  
logo che darei a teta;  
ora, meu menino, ora,  
já não chorarás por ela.”

Isto cantaram. Entanto,  
120 coa Virgem desapareceram  
já os anjinhos, deixando

em derredor noite espessa.  
Já se sentem as passadas  
por junto da correioira;  
125 já saltaram o portelo,  
já saltaram a cancela...  
A pobre mãe corre, corre,  
que o seu filhinho a espera;  
mas, quando chega, dormido  
130 o seu filhinho contempla.  
Diz-lhe entonces, entretanto  
que em bicá-lo se recreia:

“Minha joia, minha joia,  
minha prenda, minha prenda,  
135 que fora de ti, meu santo,  
se mãezinha não tiveras?  
Quem, meu filho, te limpara;  
quem a manutenção che dera?”

140 “O que mantém as formigas  
e os passarinhos sustenta.”

Disse Rosa, e escondeu-se  
por entre a nebrina espessa.

## I

*Não che digo nada...*

*pero vaia!*

Passam naquesta vida  
 cousinhas tão estranhas,  
 5 tão raros feitos veem-se<sup>103</sup>  
 neste mundo de trampa;  
 tantos milagres velhos,  
 tão novas ensinanças,  
 e tão revoltos alhos  
 10 *que não che digo nada...*

*pero vaia!*

Meninha bem vestida,  
 menina bem calçada,  
 15 que tem roupa de cote,  
 que tem roupa de guarda;  
 menina que bem folga,  
 menina que anda guapa,  
 e é pobre, malpecado,  
 20 como uma triste aranha,  
*não che digo nada...*

*pero vaia!*

Vejo-te ali entre os milhos,  
 vejo-te alô nas branhas,  
 25 já no pinhal espesso,  
 já na beirinha mansa  
 do rio que correndo  
 vai entre as verdes canas,

<sup>103</sup> *Veem* soa monossilábico nas falas galegas e neste verso.

e juras que estás soia  
30 que ninguém te acompanha...  
*Não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Casada casadinha,  
que gostas ser falada,  
35 que bailas coas solteiras  
nas festas e ruadas  
que tens na boca o riso  
e que cos olhos falas,  
e que ao falar com eles  
40 parece que che saltam,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Quando mirar te miro  
tão limpa e tão penteada  
45 lutar cos rapazinhos  
até que em ti se fartam,  
e vens depois jurando  
que és tu mulher sem tacha,  
dizendo as mais não terem  
50 contigo comparança,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

E tu, rosa roxinha,  
modesta e recatada,  
55 que falas tão maininho,  
que tão maininho andas,  
que os pés dos homens miras  
para não ver-lhe a cara

e dás que não entendes  
60 quando de amor che falam,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Vais pela manhãzinha  
à missa coas beatas;  
65 depois... (por quê, tu o sabes)  
de junto delas largas;  
e se na correioira  
junto da verde parra  
não sei com que gentinha,  
70 paras-te ou não te paras,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

E tu, rapaz garrido  
de tão melosas falas,  
75 tão guapo de monteira,  
tão rico de polainas,  
tão fino de calçado  
como de mãos fidalgas,  
se me dizes que gostas  
80 de trabalhar na branha,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Tu falarás de amores  
cousinhas bem faladas;  
85 tu lutarás coas nenas  
como nenhum lutara;  
tu beberás do mosto  
até quedar sem fala;



e ter cabeça branca,  
quando há hoje uns mocinhos  
120 mesmo desde que mamam,  
*que não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Já não che val, Farruco,  
que vivas em companhia  
125 dos anos pensadores  
nem da experiência calva,  
nem que olho alerta vivas  
como a cordura manda;  
que, onde menos penses,  
130 tamanha lebre salta  
*que não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Já sendo noite escura  
dizem que é noite clara;  
135 estando o mar se reno  
dizem que faz borrasca;  
e tanto te confundem  
e tanto te acovardam,  
que em-que falar quiseras  
140 tal como Deus che manda,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Se és tu francês, meu velho,  
se és da longínqua Austrália,  
145 se alô do sol baixaste  
ou das estrelas pálidas,  
com séria gravidade

quicá che perguntaram,  
e tu, pasmado todo,  
150 calado murmuraras:  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Por isso, meu velhinho,  
se de estudar não trata  
155 a ciência destes tempos,  
que é como a água clara  
em-que coa parromeira<sup>104</sup>  
também tem comparança,  
que nisto a ciência estriba,  
160 e em ter diversas caras,  
*não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Sem entender um ele  
verás que bem se amanhã  
165 honrados e sem honra,  
rameiras e beatas;  
verás como se ajuntam,  
verás como se tratam,  
mentres que tu murmuraras  
170 coa língua duma palma<sup>105</sup>.  
*Não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Verás cor de cereija  
que foi cor de esmeralda,

---

<sup>104</sup> Chaminé do forno do pão; pedra dianteira desse forno; chaminé da cozinha; Parte alta e afumada da cozinha; depósito de cinza na lareira, boralheira. Etimologia obscura.

<sup>105</sup> Por *palm*.

175 e aqueles tão azuis  
que sangue azul manavam,  
manar sangue vermelho  
pela moderna usança;  
e isto com tal chistura<sup>106</sup>  
180 e com fachenda<sup>107</sup> tanta,  
*que não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Verás que revolturas,  
que ricas contradanças,  
185 que gaita com saltério,  
que pífaros com harpas,  
que dengues encarnados  
com mantilhinhas brancas,  
chapurra que chapurra<sup>108</sup>  
190 em confusão tão vária  
*que não che digo nada...*  
*pero vaia!*

Tu pensarás que aquisto  
é toda uma entrudada;  
195 que aqui um levita sobra  
e uma jaqueta falta;  
que ali se comem lebres  
em vez de calabaças,  
e tocam frutas onde  
200 devem tocar campanas...  
*Mais não che digo nada...*  
*pero vaia!*

---

<sup>106</sup> De *chiste*. Facécia, gracejo.

<sup>107</sup> Vaidade afetada, afetação do que se dá por muito ocupado.

<sup>108</sup> *Cha(m)purrar* "falar mal misturando idiomas; mesclar líquidos". Origem incerta.

Aprende, meu velhinho,  
a ciência bem amada,  
205 que sabiamente ensina  
tão rica misturaça,  
se queres ser sabido  
em cousas tão estranhas,  
pois entre tantas novas  
210 as usancinhas ranças...  
*Não che digo nada...*  
*pero vaia!*

*Mas ao que bem quis um dia,  
se a querer tem afeição,  
sempre lhe queda uma mágoa  
dentro do seu coração.*

## I

5 Alô nas tardes serenas,  
alô nas tardes caladas,  
dão-se mais duras as penas  
que nas brandas alvoradas.  
Alô nas tardes sombriças,  
10 alô nas tardes escuras,  
dão-se mais curtas as risas,  
mais negras as desventuras.  
Que não há tarde tranquila  
para quem remorsos guarda,  
15 e mais presto se aniquila  
quanto mais a noite aguarda.

## II

Eu bem sei destes segredos  
que se escondem nas entranhas,  
que rebolem sempre inquedos  
20 sob mil figuras estranhas.

Eu bem sei destes tormentos  
que consomem e devoram,  
que fazem gemer os ventos,  
e que mordem quando choram.

.....

25 E em-que ora sorrindo canto,  
em-que ora canto com brio,  
tanto chorei, c horei tanto,  
como as aguinhas de um rio.

30 Tive eu em passados dias  
fundas penas e pesares,  
e chorei báguas tão frias  
como as aguinhas dos mares.

35 Tive tão fundos amores  
e tão fundas amarguras,  
que eram fontana de dores,  
nascida entre penas duras.

### III

Ora rio, ora contente<sup>109</sup>  
vou pelas eiras cantando,  
vendo donde vem o vento  
40 quando vou levar o gando<sup>110</sup>.

Ora com grande sossego  
durmo na beira das fontes,  
durmo na beira dos regos,  
durmo na ponta dos montes.

45 *Mas ao que bem quis um dia,  
se a querer tem afeição,  
sempre lhe queda uma mágoa  
dentro do seu coração.*

<sup>109</sup> O antigo e dialetal *contento*, por contente, introduz a surpresa de a voz que canta não ser a feminina da autora, como supúnhamos. Será logo a do seu animus, em sentido junguiano.

<sup>110</sup> O dialetal *gando* é preciso para manter a consonância

Castelhana de Castela,  
tão bonita e tão fidalga,  
mas a quem para ser fera  
coa procedência lhe basta.  
5 Dizei-me, minha senhora,  
que vos mostrais tão ingrata,  
se o meu rendimento humilde  
vascas de nojo vos causa,  
pois quando onde a vós me acheço  
10 cuspis com ardentes ânsias  
e esse mirar de pombinha  
volveis em fusca mirada,  
tornando em sombriça noite  
o dia que em sol se banha.  
15 Em vão intento, senhora,  
saber por que me maltrata  
dama dum alma tão nobre,  
em-que soberba por fama,  
pois n'ê motivo a desprezo  
20 sentir-se tão bem amada,  
que as mesmas pedras, senhora,  
dum bom querer se folgaram.  
Diz que na nobre Castela  
aos galegos assim tratam;  
25 mas deve saber Castela,  
que de tão grande se gaba,  
que sempre a soberba torpe  
foi filha de almas bastardas;  
e sendo vós tão sabida,  
30 nunca de vós o pensara  
que de tão alto baixando

vos emporcásseis na lama.  
Nem que chamando-vos nobre,  
tanta nobreza enfouçárais<sup>111</sup>  
35 imitando os que vaidosos  
no que está débil se assanham.  
Mas vale mais que emudeça;  
tendes condição de ingrata  
e predicar em deserto  
40 da minha terra n' é usança.  
Se fui culpado em querer-vos  
como nenhum vos amara,  
por ser de terra galega  
e serdes vós castelhana,  
45 em paz, senhora, vos deixo  
coa vossa soberba graça;  
vou-me à Galiza formosa  
onde em juntança me aguardam  
o que não tendes, senhora,  
50 e o que em Castela n' achara:  
campinhos de lindas rosas,  
fontinhas de frescas águas,  
sombra na beira dos rios,  
sol nas alegres montanhas,  
55 caras que nascem sorrindo  
e que sorrindo vos amam,  
e que inda mesmo morrendo  
em sorrisinhos se banham.  
Ali, senhora, contente  
60 cantando o doce *ala-lala*,  
sob a figueira frondosa,  
embaixo da verde parra,  
co' aquelas frescas meninas

---

<sup>111</sup> Sujáreis. Veja-se a nota final.

que mel dos seus lábios manam,  
65 quando em falar amoroso  
*meigo* nos diz a voz maina.  
Com todas as de Castela  
nob'líssimas castelhanas  
olvidar-vos-ei sem pena,  
70 em-que sois vós tão fidalga.  
Que alô sabem ser altivas,  
mas que não sabem ser vácuas,  
e é fácil com doces tomas  
olvidar tomas amargas.  
75 Destes-mas vós, mi senhora,  
com desprezo envenenadas,  
inda com fero mais fero  
que pelica de laranja;  
mas tenho porque me passe  
80 aquel sarrápio<sup>112</sup> que escalda,  
*tenho uma dama nos Portos,*  
*outra no Ribeiro de Ávia;*  
*se a dos Portos é bonita,*  
*a do Ribeiro lhe ganha.*

---

<sup>112</sup> "Saibo acre"

Queridinha dos meus olhos,  
 saberás como estou vivo  
 nesta vila adonde adoito<sup>113</sup>  
 desde que cheguei de Ginzo.  
 5 Saberás como a Deus graças  
 e ao escapulário bendito  
 não afogamos no mare  
 como cuidava Jacinto,  
 que é tão valente, abofé,  
 10 como os alentos dum pito<sup>114</sup>.  
 Saberás como depois  
 me puseram mui vestido  
 com roupa azul e amarela  
 qual andam todos os quintos<sup>115</sup>,  
 15 e logo todos juntados,  
 inda mais de vinte e cinco,  
 nos passeamos pelas ruas,  
 que mesmo me maravilho  
 de tão guapos como andámos,  
 20 de tão brancos e tão limpos.  
 Se me viras, queridinha,  
 qual outras que eu sei me viram!  
 Cada olhada me botavam  
 já de través, já de fito...  
 25 E eram meninas graciosas  
 com muita salsa<sup>116</sup> no bico,  
 mas nenhuma deste peito  
 pôde arrancar-me um suspiro,

---

<sup>113</sup> *Costumo.*

<sup>114</sup> *Pinto.*

<sup>115</sup> *Soldados conscritos.*

<sup>116</sup> Gal. *salsa* é "água de mar" (lat. *salsa* [aqua] "água salgada"). Metonímia de *sal* "graça".

que o teu retrato ali estava

30 rabunhando<sup>117</sup> passeninho,  
que em-que de ti me parti,  
prendinha que tanto estimo,  
não vim eu só, minha joia,  
que tu vieste comigo.

35 Se souberas quanto peno,  
se souberas qual me aflijo  
quando me acordo nas noites  
daqueles teus cantarinhos!...

Ora em ti penso desperto,  
40 ora em ti penso dormindo,  
e sempre em ti estou pensando  
como se fosses feitiço.  
Sei-que<sup>118</sup> meigalho<sup>119</sup> me deste  
na festa de São Martinho,

45 amassado cos teus dedos  
numa bola de pão trigo.  
Mas não o sinto por isso,  
que em-que me desses martírio,  
por vir de ti, queridinha,  
50 como um anho eu admitira-o.

Nada me distrai, Rosinha,  
da pena que por ti sinto;  
de dia como de noite  
este meu coraçãozinho  
55 contigo de cote fala,

---

<sup>117</sup> *Rabunhar* "ferir com as unhas".

<sup>118</sup> Este *sei que* está gramaticalizado no sentido de "parece-me que". Veja-se nota final.

<sup>119</sup> *Meigalho* "feitiço, malefício".

porque eu falar bem o sinto,  
um falar tão amoroso  
que me estremeço de ouvi-lo.  
Ai!, que estranheza me causa,  
60 e soidade e martírio,  
pois assim qual el che fala  
quisera falar contigo,  
qual outros tempos ditosos  
dos nossos amores finos.

65 Quantas vezes nos juramos,  
quando lavavas no rio  
ao pé dum alto salgueiro  
entre risos e suspiros,  
nunca jamais separar-nos,  
70 nunca jamais desunir-nos!  
Mas aqueles juramentos,  
tal como rosas de espinho,  
ligeirinhos se espalharam  
a um sopro dos ventos frios.  
75 Ora, co mar de permeio,  
adeus, amantes carinhos!  
Nem tu me vês, nem te vejo  
alô na beira do rio,  
naquelas clarinhas noites  
80 de folga pelos domingos.  
As amorinhas maduram  
nas silveiras dos caminhos,  
nascem as florinhas brancas  
por entre as canas do milho,  
85 o rio passa que passa,  
cantam nas polas os xílgaros<sup>120</sup>,

---

<sup>120</sup> Sílgaro, xílgaro, o mesmo que pintassilgo.

tudo está verde e frondoso,  
tudo está fresco e florido;  
tão só nós, Rosa, faltamos  
90 naqueles verdes campinhos.

Rosinha, dá-me um consolo  
para este pesar que eu sinto.  
Ai, que os recordos me matam!  
Ai, que acabarão comigo!  
95 Diz se inda me queres muito,  
manda-mo a dizer pertinho;  
diz-me se guardas o pano  
que che dei por São *Benito*<sup>121</sup>,  
que o merquei na quinta-feira  
100 por doze quartos<sup>122</sup> e pico.  
Diz-me também se depreendes  
pela cartilha de *Christus*<sup>123</sup>  
a ler como me of receste  
para ler os meus escritos,  
105 que em sabendo algumas letras  
depois irás traduzindo.  
Eu já lhe perdi o medo  
a escreveduras e livros,  
pois faço uns *palotes*<sup>124</sup> netos  
110 que eu mesmo me maravilho,  
tão grandes como fungueiros<sup>125</sup>  
e mais gordos, se não minto.  
Adeus, expressões che mando  
pelo burro de Camilo,

---

<sup>121</sup> *São Bento*.

<sup>122</sup> Moeda antiga de cobre, equivalente a quatro maravedis.

<sup>123</sup> Cartilha para aprender as letras, chamada *Christus* pela cruz que levava no rosto.

<sup>124</sup> Riscos em forma de paus que se fazem para aprender a escrever.

<sup>125</sup> *Fueiros*.

115 que não sei qual che dirá  
estas cousas que lhe explico;  
mas sabe, minha Rosinha,  
Rosinha de doce *olido*<sup>126</sup>,  
que se tu já ler souberas  
120 os palotes que eu perfilo,  
*escrevera-che uma carta*  
*nas asas dum passarinho.*

---

<sup>126</sup> Peregrinismo por *aroma*, inevitável pela rima.

A Roberto Robert<sup>127</sup>, redactor de La Discusión,  
que gosta dos contos e do galego.

## I

Alô no currunchinho<sup>128</sup> mais formoso  
que a luz do sol na terra iluminara,  
veiga florida e prado deleitoso  
que cos campinhos do Éden se compara;  
5 alô onde o Sar soberbo e caudaloso  
parece que se dorme ou que se para  
(tão maino corre entre a robleda escura),  
ali nasceu Vidal o sem-ventura<sup>129</sup>.

## II

10 Que repouso! Que luz!... Que garruleiro  
brando cantar dos vários passarinhos  
quando ao sair do sol pelo quinteiro  
dourava fontes, lagos e campinhos!  
Que livre respirar!... Que prazenteiro  
ir e vir dos cabritos juntadinhos!  
15 Que frescas, que polidas, que galás  
iam co gado as feitas aldeás!

<sup>127</sup> Roberto Robert (1837-1873), jornalista barcelonês, fundador do *Diario Madrileño* e de *El tío Crispín*. Cronista literário e mordaz poeta satírico, escreveu muito em catalão. Deputado e ministro plenipotenciário na Suíça trás a revolução de 1868. Rosalia simpatizaria com ele por gostar dos contos, da língua dos galegos e pelo seu feminismo.

<sup>128</sup> *Recantinho*.

<sup>129</sup> Nota da autora: Eu bem sei que em rigor estas oitavas não são em maneira alguma a glosa dum cantar, e que melhor e com mais propriedade podia chamar-se conto; mas como por agora não penso fazer em galego nenhum livro de contos, ponho-o aqui, uma vez que nestes cantares procurei pintar os costumes dos nossos pobres aldeãos; e sirvam estas oitavas para dar a conhecer um dos mais antigos e mais usados. Sempre me comoveu o relato deste conto singelo, patriarcal, e por isso decidi me a versificá-lo contando com a benevolência dos leitores. São tantos os desditados a quem nas nossas aldeias não se oferece a prova do porco, e sonham com o dia em que, como Vidal, possam dizer aos seus avaros vizinhos: Adiante com o varal!...

### III

Nunca o rumor do mundo corrompido,  
nunca da louca vida as vaidades,  
nem brilho dos honores fementido  
20 foram turvar tão doces soledades.  
Céu azul, sol de amor, campo florido,  
santa paz sem remorso nem saudades,  
horas que vão maininhas caminhando:  
tal ali tempo e vida iam passando.

### IV

25 Como o ventinho da manhã primeiro  
no seio das rosinhas se dormia,  
e qual depois tolinho e rebuldeiro  
pelo espaço imensíssimo subia,  
e volvendo a baixar murmuradeiro  
30 por em riba das choças rebulia,  
nas asinhas levando o fumo leve  
que em turvas ondas a subir se atreve.

### V

E como ao meio-dia, até o rio,  
brisas, ares, pradinhos e arvorado  
35 pousavam calorosos e sem brio  
qual viageiro sedento e fatigado;  
e como do serão o alento frio  
de arrulos misteriosos impregnado,  
com passinho ligeiro se achegava  
40 e ar e rio e florinhas agitava.

### VI

Passinho a passo a trabalhada gente  
dos campos às chocinhas se volvia,

quando no lar o pote fervescente  
coas ricas verças a cachão fervia.  
45 As favas e as balocas<sup>130</sup> juntamente  
co toucinho sab'roso nel se via  
em companhia amiga e farturenta,  
que alegre, que convida e que sustenta.

## VII

Depois da frugal ceia, ao carinhoso  
resplendor do luar claro e suave  
50 iam gozar ao exido de repouso  
co avô, que a longa história contar sabe.  
O rosário da Virgem proveitoso  
logo rezavam com acento grave,  
55 e alma e corpo tranquilo se dormia  
esperando o fulgor do novo dia.

## VIII

Tudo era paz e amor, e água serena,  
tudo era claro azul no firmamento.  
Nem houve ali soberba que envenena;  
60 nem um vão goze, nem fatal tormento,  
nem louco rebuldar, nem funda pena,  
nem baixo aborrecido pensamento  
vidinha tão risonha atormentava,  
pois doce e mainamente se folgava.

## IX

65 Ninguém naquele lugar pobre se vira,  
que uns bem e outros não mal foram seguindo,  
e, um que afrouxa demais e outro que estira,  
foram-se acomodando e repartindo.

---

<sup>130</sup> Batatinhas pequenas, ditas *castanhas da terra*. Foi antes um dos nomes das castanhas.

70 Nenhum da negra fome a mão sentira  
o seu peito fortíssimo oprimindo,  
não mais que a desditada criatura  
que se chamou Vidal o sem-ventura.

### X

Órfão dès que nascera, a sorte triste  
dera-lhe por herança o desconsolo,  
75 coa negra solidão, que ao pobre assiste;  
ninguém na terra se topou tão só  
de quanto em pó do terrenal existe  
inda correndo um polo e outro polo,  
que era pobre e dorido entre os doridos  
80 e afligido entre os tristes afligidos.

### XI

Tinha por casa um cortelinho escuro,  
tinha por leito o chão humedecido,  
por cobertor a neve e vento duro  
que entrava pelas fendas arrecido<sup>131</sup>.  
85 Tinha o sustento escasso e mal seguro  
que dão de porta em porta ao que é perdido,  
que assim lhe dizem –burla não escassa–  
ao que por pobre neste mundo passa.

### XII

Enjamais<sup>132</sup> o infeliz dizer pudera  
90 “Isto que tenho é meu!”, que a sorte dura  
n’inda, por conceder, lhe concedera  
um pouco de querer ou de ternura,  
nem um pouco de amor, que adonde houvera

---

<sup>131</sup> Arrefecido, esfriado, inteiriçado.

<sup>132</sup> Enjamais, de *endejamais* “ainda nunca, ainda jamais”. *Endejamais foi ainda jamais*.

95 pobreza e soledade e desventura,  
glória, dita e querer correndo passam  
e a entradinha da porta não traspassam.

### XIII

Sempre por dita pra Vidal havia  
caldo e mais pão nalgum larinho alheio,  
e mais a caridade não se abria,  
100 que fora um mal matar-lhe outro desejo;  
que se a cousas melhores se afazia,  
e outro vário comer e outro recreio,  
trabalho lhe custara a bom seguro  
comer depois vercinhas e pão duro.

### XIV

105 Tal conta a gente corda se botava  
com parcimónia conscienciosa e grave,  
e refrães sábios com afã buscava  
que dizem “nunca dêis do que bem sabe”.  
E o compango<sup>133</sup> Vidal nunca provava,  
110 porque era sobriedade santa e suave,  
segundo a gente de poder dizia,  
em-que ela bem folgava e bem comia.

### XV

Quando dos porcos a matança vinha,  
que amável chamuscar nas limpas eiras  
115 ao despertar da fresca manhãzinha!...  
Que alegre fumo entre olmos e figueiras  
cheirando a cocho pelos ares vinha!  
Que arremangar das nenas mondongueiras!  
Que ir e vir desde o banco pra cozinha!

---

<sup>133</sup> *Presigo*, aquilo que se come com o pão.

120 E alô no lar, que fogo!; que larada!;  
que rica e que bem feita frijolada<sup>134</sup>!

### XVI

Fígado com cebola bem frigida  
e uma folhinha de louro cheirosa,  
que inda a um morto bem morto dera vida  
125 de tão rica, tão tenra e tão sab'rosa.  
Raxo<sup>135</sup> em sorça<sup>136</sup> cum cheiro que convida,  
e o sangue das morcelas substanciosas  
em fregada caldeira trasbordando,  
a que façam morcelas convidando.

### XVII

130 Quadro tão agradável, farturento,  
por todo o arredor se repetia  
com garrular, e riso, e grã contento,  
que sucesso tão grande o requeria.  
Mas, porque lhe servisse de tormento,  
135 tão só na choça de Vidal n'havia  
nem porco, nem mondongo, nem fartura,  
que era todo nublado e desventura.

### XVIII

Nas frias pedras do seu lar sentado  
tão vário movimento contemplava  
140 de negra soledade acompanhado:  
ninguém festa do porco lhe ofertava.  
Que era pobre Vidal e era olvidado,  
e a presença dum pobre ali estorvava;

---

<sup>134</sup> *Fritada*. Ver nota final.

<sup>135</sup> Lombo de porco. Talvez de *radere*, *rasu*-. Diferente de rajo "tentáculo".

<sup>136</sup> Adubo; carne de porco adubada. Veja-se nota final.

por isso entre suspiros repetia:  
145 “Ai, quem fora riquinho por um dia!”

### XIX

Esses eram de cote os seus desejos,  
mas nunca, triste sorte!, se cumpriam;  
e todos, todos, de miséria cheios,  
anos trás anos sem cessar corriam.  
150 Já velho era Vidal e os céus severos  
de tão negro sofrer não se doíam,  
que inda o porco Vidal nunca provara,  
ninguém a tal festinha o convidara.

### XX

Tal como era costume, a rica prova  
155 vizinhos com vizinhos se trocavam  
(inda hoje este costume se renova),  
mas a Vidal vizinho não chamavam,  
que fora indigna mistura boba  
ir a dar onde dom nunca topavam,  
160 e por isso Vidal, pobre coitado,  
nunca catou morcela, o desditado.

### XXI

Mas, ai pícaro mundo!, mundo a aleive!,  
quem de teus passos e revoltas fia?  
Quem afirmar impávido se atreve  
165 que não se pode a noite tornar dia?  
Quem em tempo tão rápido e tão breve  
aos conhecidos de Vidal diria  
que aquela triste, humilde, criatura  
ia nadar em ondas de ventura?

## XXII

170 E assim passou!... Que Aquel que todo mira  
além da imensa e transparente esfera  
onde cos astros cintilantes gira,  
misericórdia de Vidal tivera,  
o torpe olvido dos podentes<sup>137</sup> vira  
175 e a pena de Vidal compadecera,  
e co seu braço misterioso e forte  
trocou dum sopro a temerosa sorte.

## XXIII

Tal pelas portas de Vidal entrara,  
como em campo sedento farto rio,  
180 de Cádiz veio herança que invejara  
o de mais presunçoso senhorio.  
Ucha de ouro aos seus olhos relumbrara  
dando-lhe desvario, e riso, e frio,  
sendo tamanha a dita que sentia,  
185 que o coração com ela não podia.

## XXIV

Depois chorou, sorriu, bicou<sup>138</sup> a terra  
inda pelo seu pranto humedecida,  
e quanta dita a humanidade encerra  
verteu-se do seu peito escandescida.  
190 Logo, volvendo em si, quase se aterra  
de ver ventura tão sem par cumprida,  
e prostrado ante Deus fervente ora  
e o seu mistério portentoso adora.

---

<sup>137</sup> *Podente* = *Potentado*. Antigo, foi recusado pela homofonia com *puidente* "pudico".

<sup>138</sup> *Beijou*.

## XXV

Cumprido este dever, Vidal, reposto  
195 de surpresa tão grave e prazenteira,  
põe-se limpo, amanhado e bem composto,  
coa gracinha de Deus por companheira.  
Qual se lhe admira de o mirar tão posto,  
qual lhe diz que é galã por derradeira,  
200 e, em-que calvo quedou como São Pedro,  
dizem que tem riçado pelo negro.

## XXVI

Chama-lhe aquele “amigo”, cousa rara!,  
que antes “Vidal!” com sorna<sup>139</sup> lhe dizia,  
e outro lhe volve prazenteiro a cara  
205 que noutrora o cariz lhe retorcia.  
Tal menina de vê-lo se turvara,  
tal outra junto del se resolvia,  
e sei-que não faltou quem lhe dissera  
que feito como um santo se vovera.

## XXVII

210 Que é triste o rosto da mortal pobreza  
que entre gemidos e entre dores nasce;  
té formosura vem quando riqueza  
co seu mirar risonho nos compraze;  
presta o dinheiro encanto e gentileza,  
215 e um Deus o mesmo demo se tornasse  
se tomando figura de banqueiro  
remexesse dinheiro e mais dinheiro.

## XXVIII

Estes mistérios são... eu me confundo

---

<sup>139</sup> No sentido de “ironia dissimulada”, não no de “indolência”.

e em vão os explicar me propusera;  
220 peró Vidal, filósofo profundo,  
que, em-que jamais nos livros aprendera,  
a custa própria depreendeu no mundo,  
não de mudança tal se surpreendera,  
que alô na sua mente a adivinhara  
225 quando em ser rico com afã sonhara.

### XXIX

Por isso recebeu com cortesia  
requebros, agasalho e cumprimento,  
que um trás outro humildoso lhe fazia,  
escória vil do humano sentimento.  
230 Ele a baixeza deles compreendia,  
e em-que vácuo nem torpe pensamento  
contra gentinhas tais considerava,  
forte e séria lição dar-lhes pensava.

### XXX

Uma manhã a um santo e bom sujeito  
235 um quinho<sup>140</sup> lhe mercou, soberbo quinho!,  
tão níveo, tão plant ado e tão repleto  
qual nunca o vira ta l nenhum vizinho.  
Era curto de perna, o lombo neto,  
de rabo até cabeça redondinho,  
240 e o coiro tão graxento reluzia  
que mesmo de manteiga parecia.

### XXXI

“Louvado seja Deus!; Deus cho bendiga!;  
Santo António cho guarde!”; assim clamavam

---

<sup>140</sup> *Porco*. Talvez aférese de *porquinho*. Na história é constante semântica os nomes dos pequenos substituírem os dos porcos adultos.

enquanto o cocho a passo de formiga  
245 e o seu dono Vidal sérios passavam.  
A falar-lhe a Vidal cada um se obriga  
que o porco já mortinho contemplavam  
e n'era de perder tão bom bocado  
pelas mãos de Vidal morto e salgado.

### XXXII

250 Logo o berrido do infeliz paciente  
que sofre co cuitelo morte dura  
fender os ares no lugar se sente,  
pouco a pouco a gorjinha queda muda,  
o suspiro final soa estridente,  
255 o sangue corre, o matachim já sua,  
e naquel grave e crítico momento  
é o porco vida e mundo e pensamento.

### XXXIII

O defunto ali está refestelado,  
cuma cebola na entreaberta boca  
260 (que inda parês que a come o desditado);  
mas não choreis que a ele só lhe toca  
dormir sono tão triste descuidado,  
pois as iras do inferno não provoca,  
nem glória tem nem purgatório ardente;  
265 dormirá sem sentir eternamente.

### XXXIV

Não cabe em si Vidal de tão contente;  
o cheirinho do porco o enlouquece,  
que entre os porcos nascidos é um portento  
aquele que ante seus olhos aparece.  
270 Certa satisfação, certo contento

no rosto dos presentes resplandece,  
que mesmo quer dizer em falar mudo:  
“Este é que che é um porco repoludo!”

### XXXV

275 Mas co cocho Vidal a sós se encerra,  
mentres que a gente aturuhlada mira...  
Qual se pasma, qual bufa, qual se aterra,  
que nunca tal naquel lugar se vira,  
qual outro, lhe jurando eterna guerra,  
das voltas que este mundo dá se admira,  
280 pois que nunca jamais nenhum vizinho  
lhe batera coa porta no focinho.

### XXXVI

Era aquele um rifar<sup>141</sup> desesperado,  
peró Vidal o surdo se fazia;  
a noite inteira se passou cerrado;  
285 no alvor primeiro do seguinte dia,  
cum varal de morcelas carregado,  
que pouco mais carr'gado se rompia,  
apareceu lavado e reverendo,  
a todos co seu porte surpreendendo.

### XXXVII

290 El direitinho ao seu fazer marchava  
com o passo espaçoso caminhando,  
e um sorrir nos seus lábios se topava  
que entrudo ia dizendo ou contrabando.  
Depois, com voz que às gentes atroava,  
295 foi-se de porta em porta perguntando:  
–Deram-lhe aqui morcelas a Vidal?

---

<sup>141</sup> *Brigar.*

–Aqui não!!! –*Pois adiante co varal!*

### XXXVIII

Assi' as choças correu uma por uma  
e o varal inteirinho inda se via;  
300 com triste sim não respondeu nenhuma  
de quantas em redondo requeria.  
Rindo-se entanto à falsa da fortuna  
com sonsa voz de burla repetia:  
–Deram-lhe aqui morcelas a Vidal?  
305 –Aqui não!!! –*Pois adiante co varal!*

### XXXIX

Vidal morreu, e o tempo foi passando,  
braço que os duros mármore arrasa,  
entre geados escombros enterrando  
do bom Vidal a solitária casa;  
310 mas sempre esta historinha foi ficando;  
inda hoje mesmo por provérbio passa,  
e quando o nome de Vidal se invoca,  
muda sói se quedar mais duma boca.

–Meninha, tu a mais formosa  
 que a luz do sol alumiará;  
 tu a estrela da manhãzinha  
 que em puras tintas se banha;  
 5 tu a flor dos floridos cumes,  
 tu a ninfa das frescas águas,  
 tu como folha do lírio  
 branca, pura e contristada.  
 Quem és tu, fada sem nome  
 10 de tão dormentes miradas,  
 de tão dorido sorriso,  
 de feiturinha tão cândida?  
 Quiçá de mulher nasceste  
 sendo tão limpa e tão casta?  
 15 Quiçá das brisas da tarde,  
 quiçá das brêtemas vagas...  
 das borbulhinhas dum rio,  
 quiçá duma nuvem branca?  
 Ou as espumas do mar  
 20 a um raio de sol juntadas  
 pousaram-te ao ser da aurora  
 numa conchinha de nácar?  
 Mas, donde quer que ti sejas,  
 tristíssima passionária,  
 25 por ti sinto um amor puro  
 que pouco a pouco me mata.  
 Por ti, de noite e de dia,  
 qual vaga sombra encantada,  
 perto do teu viver gemo,  
 30 gemo cos ventos que passam  
 fazendo vibrar sonoras,

sentidas, cordas duma harpa,  
que com ecos tremedores  
dos meus amores che falam.  
35 Mas diz-me: por que estás muda?  
Diz por que estás solitária,  
diz por que vives nos montes  
cos passarinhos que cantam,  
enquanto choras e choras  
40 ao pé dum olmo sentada  
toda de luto coberta,  
toda coberta de lágrimas.  
–Deixa-me viver nos montes,  
deixa-me estar solitária,  
45 deixa-me cos passarinhos  
que em derredor de mim cantam.  
Deixa-me vestir de luto,  
coberta por tristes báguas,  
e eco de homens não escute  
50 nem som de harmoniosas harpas,  
que esses sons de amor à vida  
rompem as minhas entranhas.  
Se deles, galá, por sorte,  
doce consolo arrancaras  
55 pra uma dor que não tem cura,  
para um mal que não acaba!  
Se ao seu vibrar sonoro  
as tumbas se levantaram  
e o pó que repousa nelas  
60 volto a viver se agitara!...  
Mas, cala, galá;... não toques  
as suaves cordas duma harpa  
que nem dá vida aos que morrem  
né as tristes tumbas levanta.

65 Cala, galá, cos cantares  
que com paixão de amor cantas,  
que os meus amores morreram  
e alô entre tumbas me aguardam.  
Para mim morreu a dita,  
70 morreu também a esperança,  
cobriu-se o céu de tristura  
e a terra de ásperas plantas.  
Deixa-me viver nos montes,  
deixa-me estar solitária,  
75 deixa-me vestir de luto,  
coberta de amargas lágrimas.

*Que a rola que viuvoa  
jurou de não ser casada,  
nem pousar em ramo verde  
80 nem beber da água clara .*

*Castelhanos de Castela,  
tratade<sup>142</sup> bem os galegos;  
quando vão, vão como rosas;  
quando vêm, vêm como negros<sup>143</sup>.*

5 –Quando foi, ia sorrindo;  
quando veo<sup>144</sup>, vinha morrendo  
a luzinha dos meus olhos,  
o amantinho do meu peito.

10 Aquel mais que neve branco,  
aquele de doçuras cheio,  
aquele por quem eu vivia  
e sem quem viver não quero.

15 Foi a Castela por pão,  
e saramagos lhe deram;  
deram-lhe fel por bebida,  
peninhas por alimento.

20 Deram-lhe, enfim, quanto amargo  
tem a vida no seu seio...  
Castelhanos, castelhanos,  
tendes coração de ferro!

Ai!, no meu coraçãozinho  
já não pode haver contento,  
que está duma dor ferido,

---

<sup>142</sup> Imperativo arcaico.

<sup>143</sup> *Vêm aqui* é monossilábico.

<sup>144</sup> *Veio*. O antigo veo em galego fez-se monossilábico e assim soa aqui.

que está de luto coberto.

25 Morreu o que eu bem queria  
e para mim n'há sossego:  
tão só há pra mim, Castela,  
esta má lei que che tenho.

30 Permita Deus, castelhanos,  
castelhanos que aborreço,  
que antes os galegos morram  
que irem pedir-vos sustento.

35 Pois tão mau coração tendes,  
secos filhos do deserto,  
que, se amargo pão vos ganham,  
lho dais envolto em veneno.

40 Alô vão, malpocadinhos<sup>145</sup>,  
todos de esperanças cheios,  
e volvem, ai!, sem ventura,  
cum cabedal de despezos.

Vão pobres e tornam pobres,  
vão sãos e tornam enfermos,  
que em-que eles são como rosas,  
tratai-los tal qual aos negros.

45 Castelhanos de Castela,  
tendes coração de aceiro,  
alma como as penas dura,  
e sem entranhas o peito!

---

<sup>145</sup> Veja-se nota final 18. 23.

50 De palha em troncos sentados,  
sem fundamentos, soberbos,  
pensais que os nossos filhinhos  
para servir-vos nasceram.

55 E nunca tão torpe ideia,  
tão criminal pensamento  
coube em mais fátuas cabeças  
ne'em mais fátuos sentimentos.

60 Que Castela e castelhanos,  
todos num montão a eito,  
não valem o que uma ervinha  
destes nossos campos frescos.

Tão só peçonhentas charcas,  
detidas no ardente *suelo*,  
tens, Castela, que humedeçam  
esses teus lábios sedentos.

65 Que o mar deixou-te olvidada  
e longe de ti correram  
as brandas águas que trazem  
de plantas cem sementeiras.

70 Nem árv' res a che dar sombra,  
nem sombra que preste alento...  
Planura e sempre planura,  
deserto e sempre deserto...

75 Isto che tocou, coitada,  
por herança no universo,  
miserável fanfarrona!...

triste herança foi por certo.

Por certo não há, Castela,  
nada como tu tão feio,  
que inda melhor que Castela  
80 valera dizer inferno.

Por que lá foste, meu bem?  
Nunca tal tivesses feito!  
Trocar campinhos floridos  
por tristes campos sem rego!

85 Trocar tão claras fontinhas,  
rios tão murmuradeiros  
por seco pó do que nunca  
molham as bágua do céu!

Mas, ai!, donde a mim te foste  
90 sem dor da minha tristeza,  
lá a vida che quitaram,  
lá a mortinha che deram.

Morreste, meu queridinho,  
e para mim n'há sossego,  
95 que onde antes te via, agora  
já só uma tumba vejo.

Triste como a mesma noite,  
farto desta dor o peito,  
peço-lhe a Deus que me mate,  
100 porque já viver não quero.

Mas entanto não me mata,

castelhanos que aborreço,  
hei, para vergonha vossa,  
hei-vos de cantar gemendo:

105 *Castelhanos de Castela,  
tratade bem os galegos;  
quando vão, vão como rosas;  
quando vêm, vêm como negros.*

LA GAITA GALLEGA<sup>146</sup>  
Eco Nacional  
A mi querido amigo D. Manuel Murguía

I

Cuando la gaita gallega  
el pobre gaitero toca,  
no sé lo que me sucede  
que el llanto a mis ojos brota.  
Ver me figuro a Galicia  
bella, pensativa y sola,  
como amada sin amado,  
como reina sin corona.  
Y aunque alegre danza entone  
y dance la turba loca,  
la voz del grave instrumento  
suéname tan melancólica,  
a mi alma revela tantas  
desdichas, penas tan hondas,  
**que no sé deciros  
si canta o si llora.**

II

Recuérdame aquellos cielos,  
y aquellas dulces auroras,  
y aquellas verdes campiñas,  
y el arrullo de sus tórtolas;  
y aquellos lagos, y aquellas  
montañas que al cielo tocan,  
todas llenas de perfumes,  
vestidas de flores todas,  
donde Dios abre su mano

---

<sup>146</sup> Publicado em *El Museo Universal* em novembro de 1860.

y sus tesoros agota;  
mas, (ay!, como me recuerda  
también que hay allí quien dobla,  
en medio de la abundancia,  
al hambre la frente torva,  
**no acierto a decirlos  
si canta o si llora.**

### III

Sueño, y cruzan por mi espíritu  
puras, risueñas y hermosas  
las sombras de los cien puertos  
de que Galicia es señora.  
Y lentamente pasando,  
como ciudades que flotan,  
van sus cien naves soberbias  
al ronco son de las olas;  
mas, (ay!, como en ellas veo,  
con el oro de sus costas,  
sus tiernos hijos desnudos  
que miran tristes a Europa  
pidiendo su pan amargo  
a la América remota,  
**no acierto a decirlos  
si canta o si llora.**

### IV

(Pobre Galicia!... Tus hijos  
huyen de ti o te los roban,  
llenando de íntima pena  
tus entrañas amorosas.  
Y como a parias malditos,  
y como a tribus de ilotas

que llevasen en el rostro  
sello de infamia o deshonra,  
(ay!, la patria los olvida,  
la patria los abandona,  
y la miseria y la muerte  
en su hogar desierto moran.  
Por eso, aunque en son de fiesta  
la gaita gallega se oiga,  
**no acierto a deciros  
si canta o si llora.**

V

(Espera, Galicia, espera!  
lleva la cruz que te agobia,  
regando con sangre y lágrimas  
esa vía dolorosa.  
(Tendrás sed!... Hiel y vinagre  
te darán con mano pródiga,  
y, con corona de espinas,  
cetro de caña por mofa;  
pero los tiempos se acercan,  
y cuando suene tu hora,  
feliz subirás y grande  
a la cumbre de la glória.  
Hoy si la gaita gallega  
el pobre gaitero toca,  
**no acierto a deciros  
si canta o si llora.**

Ventura Ruiz Aguilera, 1860

A GAITA GALEGA  
Resposta ao eminente poeta D. Ventura Ruiz de Aguilera<sup>147</sup>

I

Quando este cantar, poeta,  
na lira gemendo entoas,  
não sei o que por mim passa  
que as lagriminhas me afogam,  
5     diante de mim cruzar vejo  
a Virgem-mártir que invocas,  
cos pés cravados de espinhas,  
coas mãos cobertas de rosas.  
Em vão a gaita, tocando  
10    uma alvorada de glória,  
sons pelos ares espalha  
que caem nas brandas ondas;  
embalde baila contente  
nas eiras a turba louca,  
15    que aqueles sons, tal me afligem,  
cousas tão tristes me contam,

---

<sup>147</sup> A resposta opta a forma do respondido. Repete-se por partes para melhor ver:

Cuando la gaita gallega  
el pobre gaitero toca,  
no sé lo que me sucede  
que el llanto a mis ojos brota.  
Ver me figuro a Galicia  
bella, pensativa y sola,  
como amada sin amado,  
como reina sin corona.  
Y aunque alegre danza entone  
y dance la turba loca,  
la voz del grave instrumento  
suéname tan melancólica,  
a mi alma revela tantas  
desdichas, penas tan hondas,  
que no sé deciros  
si canta o si llora.

*que eu posso dizer-che:  
não canta, que chora.*

II<sup>148</sup>

20 Vejo contigo estes céus,  
vejo estas brancas auroras,  
vejo estes campos floridos  
onde se arrulham as pombas,  
e estas montanhas gigantes  
que lá coas nuvens se tocam  
25 cobertas de verdes pinhos  
e de florinhas cheirosas;  
vejo esta terra bendita  
onde o bem de Deus trasborda  
e onde os anjinhos formosos  
30 tecem brilhantes coroas;  
mas, ai!, como também vejo  
passar macilentas sombras,  
grilhões de ferro arrastando  
entre sorrisos de mofa,  
35 em-que mimosa gaitinha

---

148

Recuérdame aquellos cielos,  
y aquellas dulces auroras,  
y aquellas verdes campiñas,  
y el arrullo de sus tórtolas;  
y aquellos lagos, y aquellas  
montañas que al cielo tocan,  
todas llenas de perfumes,  
vestidas de flores todas,  
donde Dios abre su mano  
y sus tesoros agota;  
mas, (ay!), como me recuerda  
también que hay allí quien dobla,  
en medio de la abundancia,  
al hambre la frente torva,  
no acierto a deciros  
si canta o si llora.

toque alvorada de glória,  
**eu posso dizer-che:**  
**não canta, que chora.**

III<sup>149</sup>

40 Falas, e o meu pensamento  
mira passar temerosas  
as sombras desses cem portos  
que ao pé das ondinhas moram,  
e pouco a pouco marchando,  
frágeis e tristes e soias<sup>150</sup>,  
45 vagar as naves soberbas  
lá na imensidão traidora.  
E, ai!, como nelas navegam  
os filhos das nossas costas  
com rumo à América infanda  
50 que a morte com pão lhes doa,  
desnudos pedindo em vão  
à pátria misericórdia,  
em-que contente a gaitinha

---

149

Sueño, y cruzan por mi espíritu  
puras, risueñas y hermosas  
las sombras de los cien puertos  
de que Galicia es señora.  
Y lentamente pasando,  
como ciudades que flotan,  
van sus cien naves soberbias  
al ronco son de las olas;  
mas, (ay!, como en ellas veo,  
con el oro de sus costas,  
sus tiernos hijos desnudos  
que miran tristes a Europa  
pidiendo su pan amargo  
a la América remota,  
no acierto a decirlos  
si canta o si llora.

<sup>150</sup> Sozinhas.

55 o pobre gaitero toca,  
**eu posso dizer-che:**  
**não canta, que chora.**

IV<sup>151</sup>

Pobre Galiza, não deves  
chamar-te nunca espanhola,  
que Espanha de ti se olvida  
60 quando és tu, ai !, tão formosa.  
Qual se na infâmia nasceras,  
torpe, de ti se envergonha,  
e a mãe que um filho despreza  
mãe sem coração se mostra.  
65 Ninguém por que te levantes  
che alarga a mão bondadosa;  
ninguém teus prantos enxuga,  
e humilde choras e choras.  
70 Galiza, tu não tens pátria,  
tu vives no mundo soia,  
e a prole fecunda tua  
se espalha em errantes hordas,  
mentres triste e solitária

151

(Pobre Galicia!... Tus hijos  
huyen de ti o te los roban,  
llenando de íntima pena  
tus entrañas amorosas.  
Y como a parias malditos,  
y como a tribus de ilotas  
que llevasen en el rostro  
sello de infamia o deshonra,  
( ay!, la patria los olvida,  
la patria los abandona,  
y la miseria y la muerte  
en su hogar desierto moran.  
Por eso, aunque en son de fiesta  
la gaita gallega se oiga,  
no acierto a deciros...

tendida na verde alfombra  
75 ao mar esperanças pedes,  
de Deus a esperança imploras.  
Por isso em-que em som de festa  
alegre a gaitinha se ouça,  
**eu posso dizer-che:**  
80 **não canta, que chora.**

V<sup>152</sup>

“Espera, Galiza, espera.”  
Quanto este grito consola!  
Pague-cho Deus, bom poeta,  
mas é-che esperança louca;  
85 que antes de que os tempos cheguem  
de dita tão venturosa,  
antes que Galiza suba,  
coa cruz que o seu lombo dobra,  
aquele difícil caminho  
90 que o pé dos abismos toca,  
quiçá cansada e sedenta,  
quiçá que de angústia morra.  
Pague-che Deus, bom poeta,

152

(Espera, Galicia, espera!  
lleva la cruz que te agobia,  
regando con sangue y lágrimas  
esa vía dolorosa.  
(Tendrás sed!... Hiel y vinagre  
te darán con mano pródiga,  
y, con corona de espinas,  
cetro de caña por moña;  
pero los tiempos se acercan,  
y cuando suene tu hora,  
feliz subirás y grande  
a la cumbre de la gloria.  
Hoy sí la gaita gallega  
el pobre gaitero toca,  
no acierto...

95           essa esperança de glória,  
que de teu peito surgindo,  
à Virgem-mártir coroa,  
e esta a recompensa seja  
de amargas penas recônditas.  
Pague-che este cantar triste  
100       que as nossas tristezas conta,  
que só tu,... tu entre tantos!,  
das nossas mágoas se acorda.  
Digna vontade dum génio,  
alma pura e generosa!  
105       E quando a gaita galega  
alô nas Castelas ouças,  
ao teu coração pergunta;  
verás que diz em resposta  
**que a gaita galega**  
110           **não canta, que chora.**

## I

Vem-te, rapaza;  
vem-te, menina;  
vem-te lavar  
no pedrão da fontinha.

5 Vem-te, Minguinho;  
Minguinho, vem-te;  
dou-che senão  
pelo demo do dente.

10 Que água tão limpa!  
Que rica frescura!  
Vem-te lavar,  
que é um primor, criatura.

15 Valha-me Deus,  
que se aguinha n'houvera,  
lama este corpo  
mortal se volvera.

20 Vinde lavar-vos,  
andai ligeirinhos,  
a cara primeiro,  
depois os pezinhos.

Ai!, que menina!  
Que nena preciosa!  
Depois de lavada  
parece uma rosa .

25 E este menino  
que tenho no colo,  
depois de lavado  
parece um repolo<sup>153</sup>.

Ai que tão cuco<sup>154</sup>!  
30 Ai que santinho!  
Vem aos meus braços,  
hei dar-che um biquinho.

Olhinhos de glória!  
Carinha de meiga!  
35 Aperta-me bem,  
coração de manteiga!

Corre, corre  
a que Antona te peite;  
corre, dará-che  
40 uma conca de leite.

Corre, corre,  
a teu pai, Mariquinha,  
que come cebola  
com pão e sardinha.

## II

45 Valha-te Deus,  
que inda os figos são duros!  
Mas que fartinha  
em estando maduros!

---

<sup>153</sup> *Repolho*. *Repolo* é forma patrimonial, guardada só na Galiza. Dela *repoludo* "robusto".

<sup>154</sup> Aqui é "atulado, bonito", acepção vinda da de "astuto, hábil", cariz atribuído à ave.

50 Ele e mais eu  
e a comadre de abaixo  
hemos de ter  
que alargar o refaixo.

55 Rica figueira,  
que Deus te bendiga,  
que hás-me, abofé,  
de fartar a barriga.

60 Hei!, o dos ovos  
que vais de caminho,  
quantas duzinhas  
topaste no ninho?

Uma não mais!  
Não me tenho coa risa<sup>155</sup>!  
Esse é-che um conto  
que vai para a missa.

65 Dá-me cá seis,  
que um fricol<sup>156</sup>che faria,  
que ao mesmo rei  
que invejar lhe daria.

70 Já que não quês,  
no caminho che colha  
vento de vira  
cum saco de molha.

---

<sup>155</sup> *Riso.*

<sup>156</sup> *Guisado* ou *fritada*. Do fr. *fricot*.

### III

75 Turra, turra<sup>157</sup>,  
Jão<sup>158</sup>, pela burra!  
Mira que Pedro  
a cadela che apurra<sup>159</sup>.

80 Ai, desditada  
de mim que a vejo,  
fincar-lhe o colmilho  
no triste pelejo!

Diancre<sup>160</sup> de Jão  
que não corre nem toa!  
Bem haja, amém,  
quem os ossos che roa.

85 Churras!, churras!<sup>161</sup>,  
churrinhas!, churras!  
Cás-qui-tó<sup>162</sup>,  
que escorrentas as burras.

90 Pica, pica,  
surinha<sup>163</sup>, pica,  
leva-lhe um grão  
ao teu filho na bica.

<sup>157</sup> Este *turra* “puxar, atrair para si” enlaça etimologicamente com *turra* “bater com a testa” e, além deles, com *torrar* “ressequir por calor”. Ver nota final.

<sup>158</sup> Redução hipocorística de *João*, usual na Galiza.

<sup>159</sup> *Apurra* é “açular”. Do vínculo com *empurrar*, veja-se nota final.

<sup>160</sup> Eufemismo de *Diabo*.

<sup>161</sup> *Galinhas*. Afim a *churdo* e *churro*. Ver nota final.

<sup>162</sup> Interjeição para afastar os porcos. Ver nota final.

<sup>163</sup> Voz para chamar as pombas. Designou as domésticas, de cauda cortada. Marcha, cão, a ladrar ao palheiro,

95 sei-que che agrada  
o demoro<sup>164</sup> do cheiro!

Vai-che<sup>165</sup> co cão,  
que do peixinho gosta!  
Mas a teu dono  
100 o dinheiro lhe custa.

Gáchil, gáchil!<sup>166</sup>  
Que dencho<sup>167</sup> de gato!  
Como se farta  
no prebe<sup>168</sup> do prato!

105 Inda rebentes,  
larpeiro<sup>169</sup> rabudo<sup>170</sup>!  
Que inda na gorja  
che apertem um nudo<sup>171</sup>!

Truca, perico,<sup>172</sup>  
110 no gato rabelo  
até deixá-lo  
quedar sem um pelo.

Que eu, se outra vez

---

<sup>164</sup> Eufemismo de *demo*.

<sup>165</sup> Como *vá [por Deus co cão!]*. Paralelo de safal, mas com ironia de falsa piedade.

<sup>166</sup> Voz para afugentar gatos. De *\*gattuli (hic sunt)!*

<sup>167</sup> Novo eufemismo de *demo*.

<sup>168</sup> Molho picante, provavelmente metátese do catalão pebre "pimenta".

<sup>169</sup> Glutão. O étimo de *larpar* "engolir sofregamente" é das mais obscuras que se possam dar.

<sup>170</sup> Quadra lembrar ser epíteto do Diabo.

<sup>171</sup> "Nó" em castelhano. Não é possível evitá-lo.

<sup>172</sup> "Turra, carneiro". *Trucar* "turrar, embater o carneiro, e outros animais de corna", cf. prov. e cat. *turrar* "bater, chocar", possível étimo de trocar para Coromines. Qualquer que fosse a etimologia de *turrar* "bater", o galego é do âmago da cultura rural e logo antigo.

*Perico* é nome dado sobretudo ao carneiro. *Perica* é a ovelha nova que já não mama.

o caminho me atranca,  
115 hei de romper-lhe  
no lombo uma tranca.  
Mau é daquele  
que não sabe de missa,  
nem entra na igreja  
120 nem gasta camisa!

Ai!, que galinha  
saltou no valado!  
Sei-que quer vir  
a comer de prestado!

125 *Isca<sup>173</sup> daí,  
galinha maldita,  
isca daí,  
não me mates a pita.*

130 *Isca daí,  
galinha ladrona,  
isca daí  
prá cas tua dona.*

---

<sup>173</sup> Voz para afugentar sobretudo galinhas. No Brasil, para incitar cães. Ver nota final.

Quando a luinha aparece  
 e o sol nos mares se esconde,  
 todo é silêncio nos campos,  
 tudo na ribeira dorme.

5    Quedam as veigas sem gente,  
 sem ovelhinhas os montes,  
 a fonte sem rosas vivas,  
 as árvores sem cantores.

10    Medroso o vento que passa  
 os pinhos gigantes move,  
 e à voz que levanta triste,  
 outra mais triste responde.

15    São as campanas que tocam,  
 que dizem em sons de morte  
 ao coração: “Não olvides  
 os que para sempre dormem”.

20    Que triste! Que hora tão triste  
 aquela em que o sol se esconde,  
 em que as estrelinhas pálidas  
 timidamente relozem<sup>174</sup>!

25    Ali as montanhas confusas  
 de espessas névoas se cobrem,  
 e a casa branca em que el vive  
 em sombra espessa se envolve.

Em vão eu miro e mais miro,  
 que os véus desta negra noite  
 entre ela e os meus olhinhos  
 traidoramente se põem.

Que fazes, meu bem, entanto?

<sup>174</sup> Alternância vocálica dialetal que não é possível evitar pela rima.

30 Diz-me adonde estás, adonde,  
que te espero e nunca chegas,  
que te chamo e não respondes.  
Morreste, meu queridinho?  
O mar sem fundo tragou-te?  
35 Levaram-te as ondas feras  
ou te perdeste nos montes?  
Vou perguntando aos arinhos,  
vou perguntando aos pastores,  
às verdes ondas pergunto,  
40 e ninguém, ai!, me responde.  
Os ares mudinhos passam,  
os pastorinhos não me ouvem,  
e as surdas ondas fervendo  
contra os penedos se rompem.  
45 Mas tu não morreste, ingrato,  
nem te perdeste nos montes;  
tu, quiçá, entanto eu peno,  
dos meus pesares te gozes.  
Coitada de mim! Coitada!  
50 Que este meu peitinho nobre  
foi para ti débil junco  
que ao menor vento se torce.  
E em recompensa tu olvidas-me!  
Dás-me fel e dás-me a morte...  
55 Que é a paga, desditada,  
que à que bem quer dão os homens!  
Mas, que importa!, bem che quis...  
Querer-che-ei sempre...Assim compre  
a quem com grande firmeza  
60 vidinha e alma entregou-che.

*Cá tens o meu coração,*

*se o queres matar bem podes;  
peró, como estás tu dentro,  
também, se tu matas, morres.*

5 *Como chove miudinho,  
como miudinho chove;  
pela banda de Lainho<sup>175</sup>,  
pela banda de Lestrove.*

10 Como a triste branca nuvem<sup>176</sup>  
turva o sol que inquieto alumbra!;  
qual o cobre e o descobre,  
passa, torna, volve e sobe,  
enriçada branca pluma!

15 Já, depois, longe espalhada  
pelos ares fugitivos,  
destingida e assombrada,  
nos espaços desatada,  
cai brilhando em raios vivos.

20 Misteriosa regadeira  
fino orvalho no chão pouosa  
com feitinha curvadeira,  
remolhando na ribeira  
flor por flor, chousa por chousa<sup>177</sup>.

Semelhando leve gaz  
que subtil o vento move,  
em flutuantes ondas passa

<sup>175</sup> S. João e S. Julião de Lainho são freguesias do concelho de Dodro, lindeiro com Padrão, na beira direita do Ulha, rio que percorre as branhas de Dodro e de Lainho com o afluente Sar. O concelho de Dodro tem três freguesias, a de Dodro e as duas de Lainho, mais 23 aldeias, das quais a mais importante é a de Lestrove (Ángelo Brea).

<sup>176</sup> A lírica dos versos tolhe privilegiar a rima consoante, que cederá ante os significados.

<sup>177</sup> Qualquer terreno rural cercado, de monte ou lavra. Do latim *clausa*.

25        refrescando quanto abrasa  
            o que o sol ardente cobre.

            Como chove miudinho  
            pelas veigas de Campanha<sup>178</sup>!  
            Qual se enxugam de caminho  
            os ervados de Lainho!  
30        Como a Ponte<sup>179</sup> em sol se banha!

            Para Caldas<sup>180</sup> tudo é escuro,  
            céu azul luze na Adina<sup>181</sup>,  
            transparente, limpo e puro;  
            da Retém<sup>182</sup> no monte duro  
35        nuvem corre peregrina.

            Triste vai, que a terra toca,  
            já cos pés de branca neve,  
            já coa fina fresca boca;  
            triste vai, que aos céus invoca  
40        e a bicar<sup>183</sup> o chão se atreve.

            Triste vai quando se abate  
            vaporosa, só e muda,

---

<sup>178</sup> Freguesia do concelho de Valga, ao sul de Padrão, além do rio Ulha.

<sup>179</sup> Ponte Cesures é concelho da província de Ponte Vedra, lindeiro com Padrão na Ulha. Fora porto medieval de Padrão, mas perdeu a importância ao cegar-se a ria.

<sup>180</sup> Concelho da província de Ponte Vedra ao sul do de Valga.

<sup>181</sup> Nome popular da freguesia de S.ta Maria de Íria Flávia, uma com Padrão até 1877. O cardinal Payá dela fez duas, a de Íria Flávia, na esquerda do Sar, e a de Santiago Apóstolo de Padrão, na direita. A igreja de Íria tem importância e longa história, cheia de referências à translação do corpo do Apóstolo. Rodeia-a um adro e cemitério cantado pela poeta em Folhas Novas. Aí teve terra Rosalia até o traslado a Santiago de Compostela. (Ángelo Brea)

<sup>182</sup> O Palácio da Retém era uma casa da família materna de Rosalia em que viveu seu avô, José de Castro. O nome virá de ter sido retém da guarda da velha vila. Edifício de cantaria com varanda a suster nove arcadas, dali veem-se ferrovias, estradas, a ria, a formosa veiga, a serra e os montes frondosos. Chamou-se-lhe também a Casa Grande. (Ángelo Brea)

<sup>183</sup> *Beijar*.

quando maina as asas bate  
com um coração que late  
45 ferido por pena ruda.

Tal magino<sup>184</sup>a sombra triste  
de mamãe<sup>185</sup>, soia vagando  
nas esferas onde existe;  
que ir à glória se resiste  
50 pelos que quis aguardando.

Vejo o Souto em parda sombra  
revolvendo-se a ramagem,  
que por bom do Rei<sup>186</sup>se honra,  
onde fero o vento assombra,  
55 ruge, estala de coragem.

E o Palácio<sup>187</sup>, sério e grave,  
quanto em pura luz se banha!  
Tal parês pesada nave  
que volver ao mar não sabe,  
60 se encalhou na fresca branca.

Vejo Valga à beira boa  
dum caminho todo prata,  
casta virgem candorosa,  
sentadinha em chão de rosa,  
65 vestidinha de escarlata.

---

<sup>184</sup> Aférese popular de *imaginar*.

<sup>185</sup> Veja-se nota final. *Mi má* no original.

<sup>186</sup> Segundo Bouça Brei, *Souto do Rei* era o lugar onde depois se pôs a feira de Padrão, na beira esquerda do Sar, dantes cheia de castanheiros e carvalhos. *Devesa do Rei* no séc. XVIII.

<sup>187</sup> O Palácio de Lestrove, de recreio dos arcebispos de Santiago.

O São Lois<sup>188</sup> vejo brilhando  
banhado por tintas puras,  
sol e sombras amostrando,  
em repouso contemplando  
70 montes, águas e verduras.

E o Padrão<sup>189</sup>, polinha verde,  
fada branca ao pé dum rio,  
fruta em flor da que eu quisere,  
longe miro que se perde  
75 sob um manto de rocio.

Que inchadinha branca vela  
entre os milhos corre soa,  
misteriosa pura estrela!  
Diz-lhe o vento em torno dela:  
80 “Ai, pombinha, voa!, voa!”

Faz-lhe arrola a branda ria  
cum remanso murmulhante,  
nado na arvoreda umbria  
sob um toldo de alegria,  
85 ao calor dum sol amante.

Sol de Itália, sol de amor!,  
paisagem melhor alumbras?  
Tu mais rosas, mais verdor,  
melhor céu, mais suave cor  
90 vês do golfo entre as espumas?

---

<sup>188</sup> Aldeia de Ponte Cesures, sobre o Ulha.

<sup>189</sup> Padrão vila rega-a o rio Sar e rodeiam-na os montes Miranda. Na rua de Murgadão é a casa sol renga desse nome, da família dos Castro. A velha rua do relógio hoje leva o nome da poeta. Na igreja paroquial, a passos do areal aonde chegara a barca, sob o altar-mor, está o pilar ou padrão ao qual os discípulos do Apóstolo a amarraram. (Ângelo Brea)

Sol de Itália, eu não suspiro  
por sentir-te ardente raio!  
Que outro sol temp'rado miro;  
docemente aqui respiro  
95 num perene, eterno maio.

Nesta terra tal encanto  
se respira... Triste ou pobre,  
rico ou farto de quebranto,  
se encarinha nela tanto  
100 quem sob o seu céu se cobre!...

Os que são nela nascidos,  
os que são dela mimados,  
longe dela estão doridos  
porque vão de amor feridos  
105 por quem fono<sup>190</sup> amamentados.  
Pelos filhos a mãe tira,  
surda, triste, pranteadeira,  
geme, chora e mais suspira,  
e não para até que os mira  
110 bem chegar por derradeira.

Pobre mãe, quanto che quero!  
Mãe também, ai!, da mãe minha!  
O teu chão de amor mais quero  
que quanto há grande ou severo  
115 em toda a terra juntinha.

Como não, se ora estou vendo,  
em paisagem prata e rosas,

---

<sup>190</sup> *Foram*. Pela medida, é frequente Rosalia apelar ao dialetal *fono* por *foram*, nascido por equivalência acústica do antigo e dialetal *forom*.

quanto a vida foi querendo,  
cos meus olhos remexendo  
120 memorinhas carinhosas?

Bosques, casa, sepulturas,  
campanários e campãs<sup>191</sup>,  
que são bagos de doçuras  
que despertam, ai!, ternuras  
125 que jamais pod'ráo ser vãs!

Elas fono as que tocaram  
quando os meus ali nasceram;  
elas fono as que choraram,  
elas fono as que dobraram  
130 quando os meus avós morreram.

Elas fono as que alegrinhas  
me chamavam mainamente  
nas douradas manhãzinhas,  
de mamãe coas cantiguinhas  
135 e os biquinhos juntamente.

Inda vejo onde jogava  
coas meninas que eu queria,  
o exidinho onde folgava,  
as roseiras que cuidava  
140 e a fontinha onde bebia.

Vejo a rua solitária<sup>192</sup>  
que em paz banha um sol sereno,

---

<sup>191</sup> *Sinos*. Forma antiga de *campas*. A causa da mudança do tom é controversa.

<sup>192</sup> A rua, de Padrão, é a dantes dita *do Sol* e no tempo de *Rosalía de Rodrigues do Padrão*. No nº 4 da rua, casa da família materna, morou Rosalía de cria, primeiro com a tia, depois com a mãe. (Bouça Brei)

sem que a turve mão contrária,  
igual sempre, nunca vária,  
145 veiga plana em campo ameno.

E também vejo enlutada  
da Retém a casa nobre,  
onde a minha mãe foi nada,  
qual viuvinha abandonada  
150 que cai triste ao pé dum roble.

Ali está, sombra perdida,  
voz sem som, corpo sem alma,  
amazona malferida  
que ao sentir que perde a vida  
155 se adormece em surda calma.

Casa grande lhe chamavam  
noutro tempo venturoso,  
quando os pobres a imploravam  
e fartinhos se quentavam  
160 ao seu lume carinhoso.

Casa grande, quando um santo  
venerável cavalheiro<sup>193</sup>  
com tranquilo, nobre encanto,  
sob as dobras do seu manto,  
165 covilhava o esmoleiro.

Quando os cantos na capela

---

<sup>193</sup> Nota da autora: *As virtudes verdadeiramente evangélicas deste cavalheiro, tão amado dos que o conheceram, inspiraram-me um livro que não tardarei a publicar com o título de História de meu avô. Nele rendo tributo de admiração e amor àquele cuja maior sabedoria consistiu sempre em fazer o bem a olhos fechados e com mão carinhosa.*

Tal texto nunca se publicou e seria dos queimados por ordem da autora antes de morrer.

da *Grande casa* ressoavam  
com fervor e fé singela,  
rico fruto da semente  
170 que os varões santos semeavam.

Ora tudo silencioso  
causa ali medo e pavora<sup>194</sup>,  
mora espírito temeroso  
nos salões onde o repouso  
175 fez um ninho coa tristura.

Risos, cantos, harmonia,  
brandas músicas, contento,  
festas, danças, alegria,  
se trocou na triste e fria,  
180 surda voz do forte vento.

No grã pátio as ervas crescem  
vigorosas sem cuidado,  
e as silveiras que florescem  
no seu tempo fruto ofrecem  
185 aos meninhos sazonado.

E entre aquel silêncio mudo  
que a turvar ninguém se chega,  
entre aquel *já fui!* tão rudo,  
vê-se inteiro um nobre escudo  
190 que a dizer *não sou* se nega.

Claros timbres mostra ufano  
cum soberbo casco airoso...  
Mas detrás dum sou tão fátuo

---

<sup>194</sup> Pavor.

195 vê-se o pobre orgulho humano  
humilhado e poeiroso.

Trás a calada viseira,  
que há uns olhos feridores  
que nos miram se dissera;  
200 que dizem: tudo é quimera  
neste universo de dores.

*Casa grande*, triste casa,  
que daqui tão só eu miro,  
parda, escura, triste massa!  
*Casa grande*, passa, passa!...  
205 Já não és mais que um suspiro!

Meus avós, ai!, já morreram,  
os demais te abandonaram,  
os teus lustros pereceram,  
e os que melhor che quiseram  
210 também de ti se apartaram.

Mês trás mês, pedra trás pedra,  
tu te irás desmoronando,  
cingida por cintas de hera,  
mentres que outra forte medra;  
215 que assi' o mundo vai rolando.

.....  
.....  
.....

Mas que luz, que colorido,  
nos espaços se dilata!  
Luz o sol descolorido

e arco de íris já nascido  
220 longa cinta se desata.

*Como chove miudinho,  
como miudinho chove;  
como chove miudinho,  
pela banda de Lãinho,  
225 pela banda de Lãstrove.*

Minha Santa Margarida,  
 com quem te hei de comparar?  
 Como tu não vi nenhuma  
 nem na terra nem no mare.

5 Como tu, Santa bendita,  
 tão garrida e tão preciosa,  
 nem brilhou nenhuma estrela,  
 nem se abriu nenhuma rosa.

10 Nem luzeiro, nem diamante,  
 nem luinha transparente  
 luz verteu mais carinhosa  
 que o teu rosto reluzente.

15 Nem as flores do gilmendro<sup>195</sup>,  
 nem a rosa purpurina,  
 nem as neves da montanha,  
 nem fulgor da manhãzinha,

20 nem alegre sol dourado,  
 nem corrente de água pura,  
 minha Santa Margarida,  
 che assemelha em formosura.

Com quem te hei de comparar,  
 minha Santa Margarida,  
 se tu foste anjo de amor  
 pelos anjos escolhida?

---

<sup>195</sup> Pessegueiro. Deixa-se a forma local por ser voz velha que não dana. Ver nota final.

25 Só a Virgem mais formosa  
do que és tu, bendita Santa,  
e o teu rosto peregrino  
o temido demo espanta.

De ti vivo namorada,  
30 em ti penso com fervor,  
que eu bem sei que che contenta  
este puro e santo amor.

Quem pudera!... Quem pudera  
junto a ti viver segura,  
35 manancial que mel derrama,  
pura fonte de ternura!

Onde tu, longe do mundo,  
tão feliz me acovilhara  
que jamais ao prazer vão  
40 este meu mirar tornara.

Que no monte onde tu moras  
tão bom ar lá se respira,  
que o que mais do mundo foge  
só ali por Deus suspira.

45 *Minha Santa Margarida,  
minha Margarida santa,  
tendes a casa no monte,  
onde o passarinho canta .*

30  
ALVORADA<sup>196</sup>

Vai-te, noite,—  
vai fugindo.—  
Vem-te, aurora,—  
vem-te abrin-  
5 do,—co teu rosto—  
que, sorrindo,—  
a sombra espanta!!!

Canta!,  
passarinho, can-  
10 ta—de polinha em pola,—  
que o sol se levanta—  
pelo monte verde,—  
pelo verde monte,—  
alegando as er-  
15 vas,—alegando as fontes!...  
Canta, passarinho alegre,  
canta!  
Canta porque o milho medre,  
20 canta!  
Canta porque a luz te escoite<sup>197</sup>,  
canta!  
Canta que fugiu a noite.

Noite escura  
25 logo vem

---

<sup>196</sup> Nota da autora: *A maior dificuldade que achei para escrever esta alvorada foi o meu desejo de que saísse em todo regradada à música. Consegui isto, mas foi à custa da poesia; não podia ser doutro modo, quando se dá com um ar tão estranho e tão difícil de acomodar-lhe letra alguma.*

A respeito disto, veja-se nota final.

<sup>197</sup> O dialetal *escoitar*, mais arredado da norma que o arcaico *escuitar*, aqui vai pela rima.

e muito dura  
co seu manto  
de tristura,  
com meigalhos<sup>198</sup>  
30 e temores,  
agoireira  
que é das dores,  
agarimo  
de pesares,  
35 cobridora  
em todo mal.  
Sal<sup>199</sup>!...

Que a aurorinha  
o céu colora  
40 cuns alvares  
que namora,  
cum semblante  
de ouro e prata  
tingidinho  
45 de escarlata.  
Cuns vestidos  
de diamante  
que lhe borda  
o sol amante  
50 entre as ondas  
de cristal.

Sal!,...  
senhora em todo mal,  
que o sol

---

<sup>198</sup> *Feitiços.*

<sup>199</sup> *Sal*, imperativo arcaico e popular por *sai*.

55 já brilha  
nas conchinhas do areal;  
que a luz  
do dia  
veste a terra de alegria;  
60 que o sol  
derrete  
com amor a escarcha fria.

## II

Branca aurora—  
vem chegan-  
do—e às portinhas—  
65 vai chamando—  
dos que dormem—  
esperando—  
o teu fulgor!...

70 Cor...  
da alva boa  
lhes estende  
nos vidrinhos  
carinhosa,  
75 onde o sol também  
suspende,  
quando alô no  
mar se tende  
de fogaj' la-  
80 rada viva,  
depois leve,  
fugitiva,  
triste, vago  
resplendor.

85 Cantor  
dos ares,  
passarinho alegre,  
canta,  
canta porque o milho medre;  
90 cantor  
da aurora,  
alegre namorado,  
às meninas diz-lhe  
que já sai o sol dourado,  
95 que o gaiteiro,  
bem lavado,  
bem vestido,  
bem penteado,  
da gaitinha  
100 acompanhado,  
à porta está!...  
Já!...

Se explicando  
que te explica,  
105 r e p e n i c a,  
r e p e n i c a  
na alvorada  
bem amada  
das meninas  
110 cantadeiras,  
bailadoras,  
rebuldeiras;  
das velhinhas  
alegrinhas;  
115 das que sabem  
bem ruar.

Arriba!,  
todas, rapazinhas do lugar,  
que o sol  
120 e a aurora já vos vem a despertar!  
Arriba,  
arriba!, toleirona mocida',  
que atrujaremos,  
cantaremos o *ala... lá!!!...*

*Eu cantar, cantar, cantei;*  
*a graça não era moita*<sup>200</sup>,  
 que nunca (disso me pesa)  
 fui eu meninha graciosa.  
 5 Cantei como mal sabia  
 dando-lhe reviravoltas,  
 qual fazem os que não sabem  
 diretamente uma cousa.  
 Però, depois, passeninho,  
 10 e um pouco mais alto agora,  
 fui botando as minhas cântegas<sup>201</sup>  
 como quem não quer a cousa.  
 Eu bem quisera, é verdade,  
 que mais boniteiras foram.  
 15 Eu bem quisera que nelas  
 bailasse o sol com as pombas,  
 as brandas águas coa luz  
 e os ares mainos coas rosas;  
 que nelas claras se vissem  
 20 a espuma das verdes ondas,  
 do céu as brancas estrelas,  
 da terra as plantas formosas,  
 as névoas de cor sombria  
 que alô nas montanhas rolam,  
 25 os berros do triste moucho,  
 as campainhas que dobram,  
 a primavera que ri  
 e os passarinhos que voam.  
 Canta que te canta, mentres

<sup>200</sup> Dialetal *moita* a causa da rima.

<sup>201</sup>Do lat. *canticum*, palavra diferente de *cantiga*. Esta é de origem céltica segundo Coromines

30 os corações tristes choram.  
Isto e bem mais eu quisera  
dizer com língua graciosa;  
mas onde a graça me falta  
o sentimento me sobra,  
35 em-que este tampouco abasta  
para explicar certas cousas,  
que às vezes por fora um canta  
mentres que por dentro chora.  
Não me expliquei qual quisera  
40 pois sou de explicança pouca;  
se graça em cantar não tenho  
o amor da pátria me afoga.  
*Eu cantar, cantar, cantei;*  
*a graça não era moita.*  
45 Mas que fazer, desditada,  
se não nasci mais graciosa!

POEMAS ACRESCENTADOS NA SEGUNDA EDIÇÃO DE  
CANTARES GALEGOS

32

*Minha Santinha, minha Santaça,  
minha carinha de calabaua:  
hei de emprestar-vos os meus pendentos,  
hei de emprestar-vos o meu colar;  
5 hei de emprestar-cho, cara bonita,  
se me depreendes<sup>202</sup> a pontear.*

–Costureirinha cumprimenteira,  
sacha no campo, malha na eira,  
lava no rio, vai apanhar  
10 tojinhos secos entre o pinhal.  
Assim a nena trabalhadora  
os ponteados aprende agora.  
–Minha Santinha, mal me quiser  
quem me aconselha que tal fizer.  
15 Mãos de senhora, mãos fidalgueiras  
têm todinhas as costureiras;  
boca rainha, corpo de dama,  
cumpre-lhe a seda, fogem da lama.

–Ai rapazinha!, ti tem-lo teio<sup>203</sup>:  
20 Sedas que dormem entre o centeio!!!<sup>204</sup>  
Fugir da lama quem nasceu nela!  
Deus cho perdoe, pobre Manuela.

<sup>202</sup> Tanto *aprender* quanto *depreender* tomaram em galego também o sentido “ensinar”.

<sup>203</sup> *Teio* “doença neurológica de ovelhas e cabras que lhes faz dar voltas e cair”. Metaforicamente “arrebato alocado das pessoas passionais”. Nesta frase folclórica, pela música, mantém-se a arcaica segunda forma do artigo e o ti sujeito.

<sup>204</sup> Frase de duplo sentido, apesar do timbre fechado de seda. Veja-se nota final.

Lama com honra não mancha nada,  
nem seda limpa a honra emporcada.

25 –Santa Santaça, não sois cumprida,  
dizendo cousas que fazem fñida.  
Falai-me só no das moinheiras,  
daquelas voltas revirandeiras,  
daqueles pontos que fazem ora  
30 de afora adentro, de adentro afora.

–Costureirinha do carvalhal,  
colhe uma agulha, colhe um dedal;  
cose os buracos desse teu cós<sup>205</sup>,  
que andar rachada n’o manda Deôs.  
35 Cose, menina, tantos furados  
e ora não penses nos ponteados.

–Minha Santaça, minha Santinha,  
nem tenho agulha, nem tenho linha,  
nem dedal tenho, que alô na feira  
40 roubou-mo um guapo da faldriqueira,  
dizendo: “As perdas dos descuidados  
fazem o lote dos apanhados<sup>206</sup>”.

–Costureirinha que guapos trata!  
Alma de cobre, colar de prata.  
45 de moços rindo, velhos chorando...  
Anda, menina, cuida do gando.  
Cuida das ervas do teu erval,  
terás agulha, terás dedal.

---

<sup>205</sup> Nas falas galegas, também “parte da camisa feminina que vai dos ombreiros à cintura”.

<sup>206</sup> Aqui “arranjados, hábeis”, acepção vinda do castelhano.

50 –Deixai as ervas, que o que eu queria  
era ir qual todas à romaria.  
E ali com ares dar cada volta!  
Os olhos baixos, a perna solta!,  
pés ligeirinhos, corpo direito;  
peró, Santinha,... não lhe dou jeito!

55 Não vos metais a predadora,  
bailadorzinha fazei-me agora.  
Vós desde arriba andai correndo;  
fazei os pontos e eu apreendo.  
Andai, que peno pelos penares...  
60 Mirai que o peço chorando a mares.

–Ai da menina! Ai da que chora!  
Ai, porque quere ser bailadora!  
Que quando durma no campo-santo  
os inimigos far-lhe-ão espanto,  
65 bailando em riba das ervas mudas  
ao som da negra gaita de Judas.

E aquel corpinho que noutros dias  
tanto truara<sup>207</sup> nas romarias  
ao som dos ventos mais desatados  
70 rolará logo cos condenados.  
Costureirinha, n'hei de ser, n'hei,  
quem che deprenda tão lesa lei.

–Ai que Santaça! Ai que Santona!  
Olhos de meiga, cara de mona,  
75 pôr n'hei de pôr-che os meus pendentos,

---

<sup>207</sup> "Tanto se divertira". *Truar* surge aqui, donde parecem tirá-lo os dicionários. Talvez cruzamento de *ruar* com *truão*.

pôr n'hei de pôr-che o meu colar,  
já que não queres, já que não sabes,  
apreender-me a pontear.



quisera atentá-lo e todo<sup>213</sup>,  
como me atenta o ‘nimigo.

25 Que é pecado!,... minha alminha!  
Mas que seja,  
qual não vai, se é rapazinha,  
buscando o que bem deseja?

30 Nem posso topar feitura<sup>214</sup>,  
nem assento,  
que me está dando amargura  
sempre este mau pensamento.

Dão que parês lagarteiro  
desplumado;  
35 se é certo, meu lagarteiro  
tem-me o coração prendado!

“Cara de pote fendido”  
tem de alcume<sup>215</sup>;  
40 melhor que descolorido,  
quero-o tostado do lume.

Se elas qual eu te miraram,  
meu amor,  
nem tolinha me chamaram  
nem tu me fizeras dor.

45 Vi-o uma manhã de orvalho,  
à amanhecida,

---

<sup>213</sup> Locução adverbial equivalente a *de todo*.

<sup>214</sup> Aqui é *formosura*.

<sup>215</sup> Equivale a *alcunha*. Local cruzamento deste e *nome*.

dormindo ao pé dum carvalho  
em riba da erva luzida.

50 Arrimei-me passeninho<sup>216</sup>  
à sua beira,  
e suspirava maininho<sup>217</sup>  
como uma brisa mareira.

E tinha a boca entreaberta  
como um neno  
55 que mirando o céu desperta  
deitadinho entre o centeio.

E as guedelhas enriçadas  
lhe caíam,  
qual ovelhas em manadas,  
60 sobre as florinhas que abriam.

Meu Deus! Quem florinha fora  
das daquelas!...  
Quem as ervas que em tal hora  
o tinham pertinho delas!

65 Quem geada, quem orvalho  
que o molhou!  
Quem aquel mesmo carvalho  
que coas polas o abrigou!

70 Enquanto que o contemplava  
se moveu,  
e pensei que me afogava

---

<sup>216</sup> *Devagarinho.*

<sup>217</sup> *Maino, calmo.* Deverbal de *amainar.*

o coraçãozinho meu.

Bate que bate, batia  
sem parar;  
75 mas eu tremendo dizia:  
“agora lhe hei de falar.”

E volveu a rebulir  
mui passeninho,  
ai!, e botei a fugir,  
80 ligeira pelo caminho.

Depois, chora que te chora,  
envergonhada,  
disse: Se não me namora,  
não lhe direi nunca nada.

85 E não me namora, não;  
maldiçoado<sup>218</sup>!  
Enquanto o meu coração  
quer-lhe em-que seja pecado.

E vai trás outras mocinhas  
90 tão contente,  
e eu com umas cadeinhas  
prendi-o ao meu pensamento.

E quer queira, quer não queira,  
está comigo,  
95 e ao cabo e à derradeira,  
com el me atenta o ‘nimigo.

---

<sup>218</sup> Aférese de *amaldiçoado*.

Sempre malha que te malha  
*enchendo a cunca!*

*É é que o que o demo trabalha*  
100 *acabará tarde ou nunca.*

Por isso, em-que o cura quer  
que é pecado,  
mal que tanto mal me fez  
nunca o darei desbotado .

## I

Que tem o moço?

Ai, que terá?

Põe-me agora uma cara de inverno,  
depois na fiada, sorrisos de tal!...

5 Quer que baile com el no moinho,  
e lá pela vila nem fala quiçá...

Que tem o moço?

Pois... que terá?

10 Umaz vezes, cãozinho de cego,  
por onde eu andare<sup>219</sup> seguindo-me vai  
nem há sítio no que eu não encontre  
um Brás com ceroulas e os socos na mão.

Ai, que mocinho!...

Ai, que rapaz!...

15 Noutro instante, mirai que fachenda!...  
atrujos<sup>220</sup> que assombram o mesmo lugar.  
Brrr!!!, parece que passa soberbo  
mandando nos homens su real *majeſtad*<sup>221</sup>.

Mocinho, és tolo?

20 Ai!, se o serás?

Eu não posso entender, meu amor,  
que arinhos te levam, que arinho te traz,  
nem tampouco qual jeito che quadra,  
tratando-se, moço, do teu namorar.

<sup>219</sup> A paragoge livre era tão comum como no italiano antigo. Aqui é licença métrica.

<sup>220</sup> Grito de exultação ou desafio. Para *atrujar*, *aturujar* veja-se a nota.

<sup>221</sup> *Su real majeſtad* é deliberadamente castelhano, como nota o possessivo, não inconsciente, como é usual. Sendo parte do conteúdo, cumpre respeitar a vontade da autora.

25 Ai! Deus me livre  
de ti, bom Brás!

Que no meu entender te comparo  
ao mesinho de março marçal:  
*pela manhã carinha de rosas,*  
30 *pela tarde, cara de cão.*

Que má juntança  
fazemos! Ai!!

## II

Que diz a meiga?,  
o que a traidora?  
35 Coração que enlutado te cobres,  
com negros desprezos que a falsa che doa,  
por que vives sofrendo por ela?,  
por que, namorado, de pena saloucas<sup>222</sup>?  
Se ela é bonita,  
40 ela é traidora.

Diz, com mímica de mim, que não sabe  
que arinhos me viram, veleta mal posta...  
Que cho digam, rapaza, os teus olhos,  
que agora me chamam, depois me desbotam<sup>223</sup>.  
45 Que em-que és bonita,  
és-me traidora.

Se umas vezes amante che falo,  
e se outras renego de ti,... pecadora!,  
quando as águas repousam serenas,

<sup>222</sup> *Soluças*. Forma dialetal do vulg. *suggluttium* com cruzamentos incertos na parte final.

<sup>223</sup> *Expulsam*. Aqui *desbotar* caiu na esfera de *botar* "deitar", não na de boto como na língua comum. A obscuridade etimológica de *boto* e *desbotar* firma a sua origem expressiva.

50 se o vento que as manda rebole entre as ondas?  
E tu bem sabes  
que és revoltosa.

Sou cãozinho de cego em querer-che...  
Tal burla merece quem ama sem conta,  
55 pois cos socos na mão ou sem eles  
às portas do inferno seguindo-te fora.  
Tal estou tolo,  
tal és graciosa.

Que de março marçal tenho a cara!...  
60 Quiçá que assim seja, mas tu, minha joia,  
também és qual raiola de março,  
que agora descobre, que agora se entolda.  
Símiles somos,  
nena formosa.

## I

Se a ver-nos, Marica, anteontem vieras  
 à festa do Seixo<sup>224</sup>, na beira do mar,  
 tu riras, Marica, qual nunca te riste  
 debaixo dos pinhos do verde pinhal.

- 5 À sombra dos pinhos, Marica, que cousas  
 chistosas passaram!, que rir toleirão!  
 Relouca de arriba, relouca de abaixo,  
 iamos, vinhamos<sup>225</sup>, e o bombo... pom!... pom!  
 As cócegas brandas, as lutas alegres,  
 10 os berros, os brincos, os contos sem fel,  
 todinhos canecos, alegres todinhos...  
*É a nossa senhora detrás do tonel.*

## II

- Coitada!, que festa brandida perdeste!...  
 Cantaras, beberas, dormiras, e assim  
 15 num feixe miraras rolar juntamente  
 mocinhos e velhos daqui para ali.
- Coa vista turvada, cos olhos dormentes,  
 sorrindo, comendo, pifando e bem mais,  
 que apertos, que olhadas tão chuscas<sup>226</sup> trocavam  
 20 as nenas de génio cos moços de Cais<sup>227</sup>!

<sup>224</sup> Aldeia na freguesia de Santiago de França, no concelho de Mugardos, que celebra as festas de S. Roque e de Santiago, na beira-mar, pelo estuário do rio Seixo (Ángelo Brea).

<sup>225</sup> *lamos*, *vinhamos* com a arcaica e dialetal pronúncia paroxítona.

<sup>226</sup> Engraçadas, chistosas, com matiz às vezes depreciativo.

<sup>227</sup> Forma popular por *Cádiz*.

Debaixo dos ricos para-águas<sup>228</sup> de seda  
que abertos formavam tamanho rodel,  
todinhos chispados<sup>229</sup>, que cousas diziam!  
*E a nossa senhora detrás do tonel.*

### III

25 Mas ela, de cote tão grave e soberba,  
tão fina de ouvido, tão curta de mãos,  
surdinha ficara falando por sete,  
com pobres e ricos, com porcos e cães<sup>230</sup>.

30 Meu amo, folgado de tanta largueza,  
que n'era costume na dona tal ver,  
também, minha joia!, saltando da burra,  
pim! pá!, rio arriba botou-se a correr.

E a dona sorria com olho entreaberto,  
comendo castanhas e vinho com mel...  
35 Que festa, Marica!... Todinhos canecos...  
*E a nossa senhora detrás do tonel.*

---

<sup>228</sup> Castelhanismo por *guarda-chuvas*, inescusável pelo ritmo e medida.

<sup>229</sup> *Todinhos chispados* = canecos, alegres, um tanto embriagados.

<sup>230</sup> A perda da consonância, de *mans* com *cans*, não nos autoriza alterar o texto.

## POEMAS ACRESCENTADOS NA TERCEIRA EDIÇÃO

36

*Sábado à noite*

*Marica pilha a roca.*

- Nha mulher, pilha essa roca  
e deixa-te de ir à missa;  
5 pensa que não tens camisa  
e fia uma maçaroca.  
–Luns<sup>231</sup> das almas, meu hominho,  
deixa-me guardar o dia.  
Se eu fiare, que diria  
10 no outro mundo meu paizinho?  
Pois... martes de Santo António  
tampouco hei de trabalhar,  
pra que o santo me livrar  
das tentações do demónio.  
15 Quarta feira... Não digo eu!  
O homem de Nossa Senhora,  
São José... de fiar ora  
não me quisera no céu.  
É quinta!... N'há que falar.  
20 Santíssimo Sacramento!  
Com todo comedimento  
o dia che hei de guardar.  
E a sexta! Recordação  
da agonia de Jesus?  
25 Passá-lo-ei ao pé da cruz,  
maginando<sup>232</sup> na Paixão.  
E tu, bem-aventurado

---

<sup>231</sup> Segunda-feira.

<sup>232</sup> Aférese popular de *imaginar*.

sábado da Virgem santa,  
quem tua festa quebranta  
30 deve estar excomungado.  
Mas, desde as doze até uma  
entre sábado e domingo  
traz cá essa roca, Mingos,  
que essa n' é falta nenhuma.  
35 Se viras como o rocio  
me entra por entre os farrapos!  
Acocha-me co'esses trapos,  
que estou tremendo de frio.  
–Não vejo trapos nem toldo  
40 com que te possa tapar;  
arrima-te ao pé do lar  
ou mete-te entre o *rescaldo*<sup>233</sup>.  
–Sei-ca<sup>234</sup> tenho calentura...  
Bruu!, sei-ca vou morrer.  
45 –Não te aflijas, nha mulher,  
que che irei catar o cura.  
–Mais quisera um cobertor;  
sinto calofrios... tantos...  
–Pois que te cochem<sup>235</sup> os santos,  
50 que n' há coberta melhor.  
Folgaste noites e dias  
só por i-los a bicar,  
e devem-te ora cochar  
nas tuas postremarias.  
55 Deste modo *Jão sem Terra*  
coa sua mulher falava,  
quando viu que se quedava,

<sup>233</sup> Castelhanismo por *rescaldo*, inescusável pela rima.

<sup>234</sup> Var. arcaica do *sei que* gramaticalizado visto na nota 117. Veja-se nota final 22. 43.

<sup>235</sup> Entre outras aceções, em galego é *abrigar*.

mal-pecado!, feita terra;  
e cuns codessos tapando-lhe  
60 o triste coiro despido,  
disse-lhe então (eu duvido  
se chorando, se cantando-lhe):

*Ei ti, minha guardadora  
dos dias-santos e das festas,  
65 como che reluzem ora  
as carnes por entre as gestas!*

Compadre, dê que um vai velho  
o mesmo sol lhe faz frio;  
cada regueiro é-lhe um rio,  
um boi cada escaravelho.

5 Pesa-me o lombo que pasma,  
peró que inda Deus me leve  
se é que não tenho uma sede  
que me faz volver a asma!

10 E bem, já que estamos perto  
de nha<sup>236</sup> casa... Compadrinho,  
vinde provar o meu vinho  
e botaremos um neto<sup>237</sup>!...

–Entra tu diante! –Não! –Sim.  
Tu que és mais velho. –Qual mentes!  
15 –Pois que cho digam os dentes.  
–Tenho mais mós eu ca tí<sup>238</sup>.

Mas entremos os dous juntos  
e acabou-se o *del-com-dela*<sup>239</sup>;  
mede seis netos, Manuela,  
20 que trago enxutos os untos;

enche o jerro<sup>240</sup> do canteiro

<sup>236</sup> Aférese popular de *minha*.

<sup>237</sup> *Neto aqui* é "medida de vinho de perto do meio litro". Eco semierudito do lat. *metrum*.

<sup>238</sup> *Ca tí*, arcaico e galego, equivale ao moderno *que tu*. Veja-se nota final 3, 7.

<sup>239</sup> Este *del-com-dela* "discussão, porfia; retesia" não foi recolhido pelos lexicógrafos, alvez por atribuir-lhe mais conteúdo erótico do que tinha. Veja-se nota final.

<sup>240</sup> *Jarro*.

e não enchas co da Ulha,  
que é tão só pra meter bulha,

tsenão co'aque! do Ribeiro.

.....

25 Colô, colô! –Bem nos preste,  
porque sem estes consolos  
caminháramos mais soios  
os velhos do que anda a peste.

–Tem um piquinho!... –Que nória!  
30 Com pique ou não, compadrinho,  
depois de Deus, viva o vinho!  
–E haverá vinho na glória?

Colô, colô! –Cousa boa!  
Coa-se como *xarabe*<sup>241</sup>!  
35 –Meu compadre, o que bem sabe  
corre sem trigo nem broa.

–O vinho de quente passa,  
mas é melhor o que eu tenho.  
–Como quê? –A prová-lo, denho,  
40 vais vir ora à minha casa.  
–Isso pouco a pouco, amigo.  
Melhor que o meu não o passo!  
–Pois botemos outro *vaso*<sup>242</sup>

e vem-no provar comigo.  
45 –Bem dizes. –Pernas... arriba!  
Peito, já estás aquecido;

---

<sup>241</sup> Castelhanismo por *xarope*, inescusável pela rima.

<sup>242</sup> *Copo*.

podemos um ponteado  
bailar cum pé numa criva.

–Que não che me leve o denho...

50 Ele<sup>243</sup> andamos ou n'andamos?  
Uma vez parês que vamos  
e outras magino que venho.

55 –Deixa-te disso, Farruco,  
que eu vou como uma pedrada,  
e inda assim nesta escampada  
ouvirei cantar o cuco.

60 –Não o penses que, abofelhas<sup>244</sup>,  
à minha porta chegamos;  
mas tem tino, porque entramos  
no cortelho das ovelhas.

–Mentes!... eu vou indo a fio  
cara a bodega, larpeiro!  
–Mas deixa-me entrar primeiro,  
que me faz mal o rocio.

65 –Valha-me Santa Luzia...  
Todo o vejo tão turvado;  
diz-me aqui, de reservado:  
É de noite ou é de dia?

–Se o sei que bote mais canhas<sup>245</sup>!

---

<sup>243</sup> O *ele* *expletivo*, geral na língua coloquial europeia, é talvez rasto do artigo neutro.

<sup>244</sup> *A fé, a boa fé*. Veja-se nota final.

<sup>245</sup> *Cãs*. Forma arcaica bissílaba, de *cãas* com *l* anti-hiático.

70    Però, secreto cho digo,  
      deste não ver, meu amigo,  
      devem ter culpa as pestanas.

      Ora senta-te e bebamos;  
      tenho uma sede!... –Hem!, que tal?  
75    –Se não me fizesse mal...

      –Mal! Tão fortes como estamos?  
      Sabe que gorecha<sup>246</sup>.. pois,  
      explico-me?... –Por sabido!  
      –O bebido vai bebido  
80    e se um quer mais... ate Angróis.

      –É que este teu vinho!, denho!...  
      é do que um pode beber;  
      peró, compadre, a meu ver,  
      é-che melhor o que eu tenho.

85    –N' é verdade isso!... –Que não?  
      Tornas ora a vir comigo  
      e dirás, se és meu amigo,  
      se não é muito mais bom.

90    –Pode!;... mas à tua adega  
      diz-me quando chegaremos;  
      tenho uma sede dos demos...  
      e a mais penso que lostrega<sup>247</sup>.

      –O que há, meu companheirinho,  
      não são lôstregos nem rolhos;

---

<sup>246</sup> *Gorechar* e *gorentar* “agradar, causar prazer, nomeadamente as comidas e bebidas”.

<sup>247</sup> *Lampeja*. Também há *lôstrego*.

95      é que tens lume nos olhos  
          e a gorja pede-che vinho.

          Ei!, move esses pés ligeiro,  
          que estamos ao pé da pipa,  
          e bebe, que diz Filipa  
100     que a sede avolve<sup>248</sup>o coalheiro<sup>249</sup>.

          –Hem!... Deus o pague que é forte;  
          bebi quanto me botaste.  
          Tens um vinho que, carache,  
          faz ressuscitar a morte.

105     –E logo sim? Nhá, que denho!  
          Nem o dum padre *benito*<sup>250</sup>.  
          –É bom, mas o dito, dito:  
          inda é melhor o que eu tenho!

          .....  
          E indo e vindo, no caminho  
110     tanto os compadres beberam  
          que nunca jamais volveram  
          a provar água nem vinho.

          Co ventre como uma uva  
          trás de tanta e tanta prova  
115     levaram-nos para a cova  
          desde o mesmo pé da cuba.

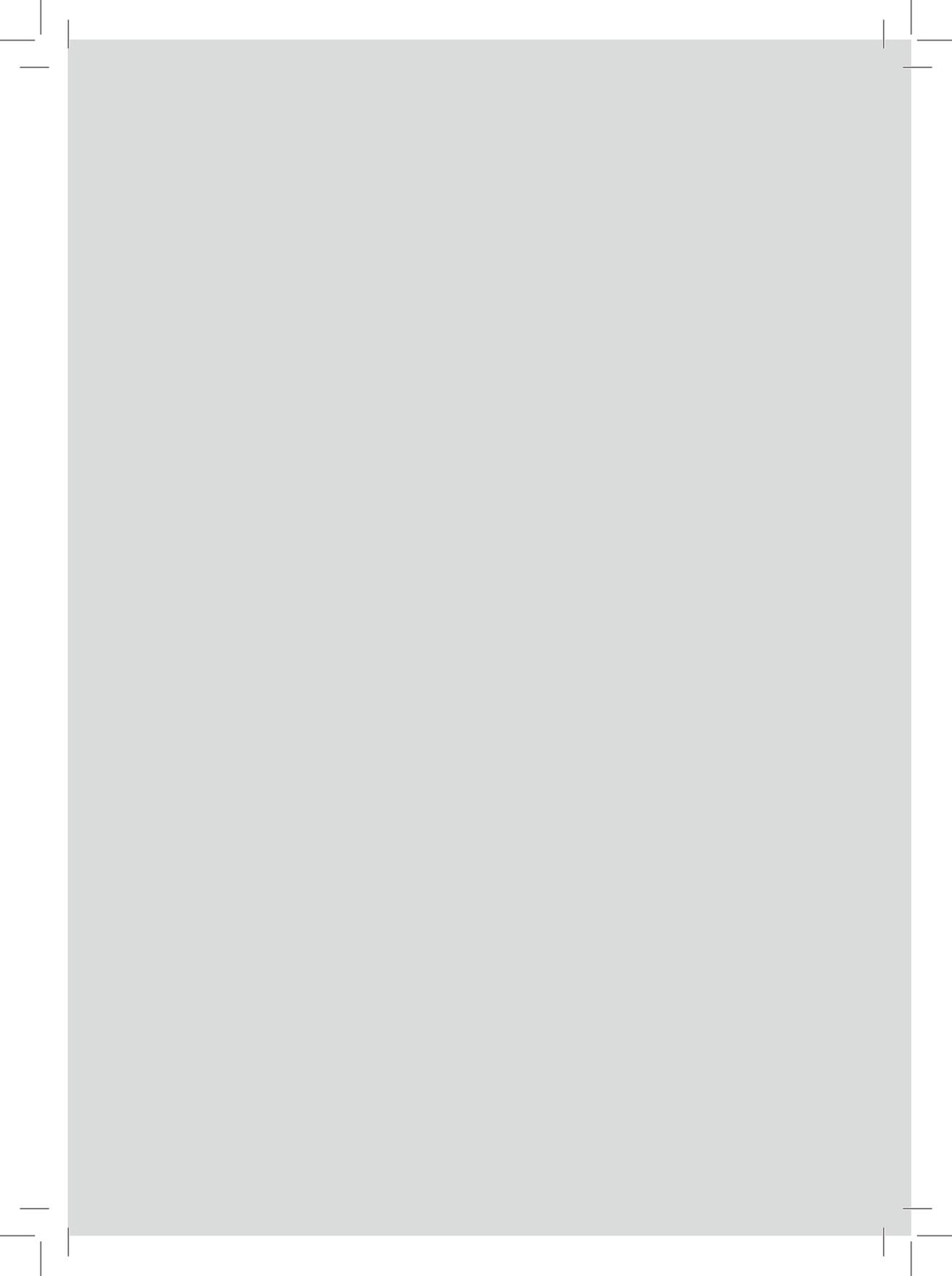
---

<sup>248</sup> *Avolver*, var. de *volver* nas aceções "turvar, enlodar; obscurecer".

<sup>249</sup> *Abomaso*, *coalheira*.

<sup>250</sup> Castelhanismo por *Bento*.







## NOTAS COM TEXTOS ORIGINAIS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES.

Quase inoportuna, sai a questão fulcral do nome da nossa poeta. Difere do *Rosália* canónico em Portugal, que é do lat. *Rosália* “festa das Rosas” (M. L. 7376). Rosalia, tom no I, é outro, nome duma santa siciliana do séc. XII. Para Emidio De Felice, tal Rosalia adapta o ant. fr. *Rosceline* ou *Roceline*, de origem germânica, levado à ilha pelos normandos, que nada tinha com rosas. Contudo, ao cabo delas se entendeu; também se viu aí o hebreu Lia. Da Itália passou à França como *Rosalie*, oxítono, e daí provavelmente veio para a família que lhe pôs o nome.

### 1. HÁS DE CANTAR, QUE CHE HEI DE DAR ZONCHOS

Rosalia escreve numa quadra os versos folclóricos que glosa, mas ritmo e medida são os de um dístico de versos de moinheira, aqui de eneassílabos (decassílabos castelhanos) de rima assoante e tom obrigado na 4ª sílaba. Os de moinheira ou gaita galega podem diferir no número de sílabas (8 ou mais) pois o que importa é o ritmo de quatro tons.

O poema de Rosalia começa igual, com um hemistíquio por linha como se fossem versos curtos. Mas logo deixa o metro, já na primeira das quatro partes do poema. Coexistem versos de moinheira, postos em duas linhas, com lídimas quadras de pentassílabos, que no resto são norma. A maioria de versos curtos pede manter o arranjo original.

9        *canta, dareiche*

8        *dareiche unha proya*

13       *dareiche unha proya*

33       *Dareiche un mantelo,*

34       *dareiche un refaixo.*

41       O *pido* do original é dialetal. Apesar de suspeito de castelhanismo, também soa no Norte português.

65 *grana*, por *grã*, é obrigado pela medida e rima interna do verso.

67 ; *Que ricos mandiles!*

70 *de cor colorado!*

O género feminino de cor exige concordar colorado com justilhos, logo pluralizado.

71 *Tan vivos colores*

73 *De velos tan váreos,...*

75 *De velos bulindo...*

99 *Ánxeles* no original. *Ángelos* é latinismo com uso na língua antiga.

101 *xa en forma de pombas,*

102 *xá en forma de niebras.*

Sem sinalefa em *já* e *em*, o melhor é tirar as conjunções alternativas.

103 *Cantart'ei*. Raro caso de pronome mesoclítico no galego escrito atual. Aqui *te* pode ser objeto indireto, o que sugeriria o mesoclítico dever-se à influência do português moderno antes que a tradição local. Mas *cantar* admite duas construções, de direto e indireto. Ainda que uma parte do galego não usa *che* para o indireto e outra confunde, a distinção, que é arcaísmo inofensivo, predomina. Aduzirei a historinha que contava minha mãe: “Uma mulher tinha três filhas moças que por tatejas não conseguiam homem. Por remediá-lo, a mãe convidou um moço a comer. Para não revelar o defeito, recomendou-lhes não dizerem palavra. Prometeram, mas, além de gagas, as coitadas eram parvinhas. Estavam todos assentes arredor do pote, elas muito compostas e a mãe a falar nas mil maravilhas que as filhas sabiam fazer, quando o pote pega a ferver. A primeira delas disse:

## Mimale, o pótele févele!

A segunda responde:

Sácalo têtolo e mêtela colefra.

Ao que a terceira diz:

Por que tafaliache?  
Ti que tafaliache  
não te casache;  
eu, que não tafaliei,  
CASA-CHE-MI-EI.”

“*Mi-madre*, o pote ferve (ou “ferve-lhe”). “Saca-lhe o testo e mete-lhe a colher.” “Por que ti falache? Ti que falache não te casache; eu, que não falei, CASAR-CHE-ME-EI.”

Minha mãe viera de catorze anos com a família para Buenos Aires em 1936. Procediam de Santa Maria de Oia, Ponte Vedra, entre Baiona e a Guarda, na foz do Minho. Cabe pensar na vizinhança de Portugal, mas os traços linguísticos são nitidamente galegos do norte: o castelhano *mi-madre*, a desinência *-che* na 2ª pessoa do perfeito de indicativo, o pronome *che* de objeto indireto, mesmo o *ti* sujeito, que é também do Norte de Portugal mas menos nos tempos modernos.

O conto testemunha o pronome mesoclítico no galego médio e mesmo no moderno recente. A invisibilidade na literatura não nota falta de uso, sim a dificuldade que as pessoas escolarizadas em castelhano têm para refleti-lo na escrita. Ao menos na tona, o uso declinaria no séc. XIX, com a difusão dessa escola. A própria historinha mostra a denigração do traço linguístico, posto em boca de gente que fala mal. Dessarte ficou empeçonhada a mesma fonte de informação; os testemunhos do galego moderno foram recolhidos sempre por pessoas educadas em castelhano,

carentes de qualquer formação linguística, e certamente isentos da im-  
pronta duma formação em português.

- 113 *Encanta si rie,...*  
120 *marmuxos*  
145 *oiresme cantando*  
147 *Quen queira me chame,*  
148 *quen queira m'obrige.*  
166 *no voso sufrir*

A rima pede substituir o castelhanismo *sofrir* por um sinônimo da  
3ª  
conjugação. Perfeito não há.

## 2. NASCI QUANDO AS PLANTAS NASCEM

9 *Desque te quixen, ingrato,*

**Quis > quijem:** Nos falares galegos há um fenómeno que nem é da  
língua medieval escrita nem se deve à influência castelhana: a  
nasalação da sílaba final das 1<sup>as</sup> pessoas do singular do pretérito perfeito.

A ideia óbvia seria ver aí uma propagação da desinência tónica  
em -l dos verbos débeis das conjugações 2ª e 3ª, desde casos com sílaba  
final nasal: *comer > comi > comim*. Ora, este fenómeno na altura do séc.  
XVIII, quando há já documentação abundante, abrange todos os verbos,  
mesmo os fortes (*quijem, pujem*) e os da primeira conjugação (Sarmiento  
*amein*, por *amei*; nasalação depois perdida). Isto parece-se com as 3<sup>as</sup>  
pessoas desse pretérito perfeito no galego, que foram nasaladas, pelo  
que na ênclise tomam as formas nasaladas do pronome pessoal de objeto  
direto (*no, na...*): *comeu-no, por comeu-o*. Surge de novo a ideia de um  
fenómeno de ditongos ou vogais *oxítonos*. Mas aqui a analogia é mais  
clara, e mais recente, que nas 1<sup>as</sup> pessoas, como mostra a circunstância  
de o galego da extrema montanha lucense não participar do traço na 3ª.  
Ao cabo, na 1ª a amplitude e carácter estrutural não tem razão visível e não  
há analogia que possa explicá-lo.

A hipótese que proponho não podia ter surgido antes de desvendar-se a pasmosa persistência do céltico final na cornija cantábrica até os arredores do ano 1000, que na etimologia de *Orraca* tem uma datação assaz precisa. A invisibilidade desse resto na cornija cantábrica, sobretudo na montanha galega, é um facto inaudito e quase escandaloso, capaz de humilhar a segurança de linguistas e historiadores.

As desinências célticas da 1ª pessoa na voz ativa tinham sempre som nasal. As primárias em -MI (no essencial presentes e perfeitos) propagaram-se da flexão atemática à temática, como em arménio e índio. E as secundárias (doutros tempos) eram em -M. Toda hipótese de substrato tem de ser rigorosamente perscrutada e fundada. Restam muitas perguntas por responder. Como passar ao perfeito e não ao presente? Como não tingiu nenhum testemunho escrito medieval? Àquilo cabe retorquir que a conjugação românica já tinha no presente a desinência -O, inequívoca e suficiente. A segunda pede o exame exaustivo dos textos nos originais, mas a resposta talvez esteja na cultura latina dos que sabiam escrever. Ao cabo, o que fica, com eloquente urgência, é a pergunta pela origem desse enigma.

Em posição átona o fenómeno tem frequência escassa: *quijem*, *fijem*, etc. Na tónica vê-se muito mais; o reflexo em textos folclóricos não teria efeitos estéticos graves: *comim*, *bebim*, *partim*. Mesmo pudera ser objeto de uma regra especial que evocasse a grafia medieval -ī, o que não danaria a imagem gráfica da língua comum: *comī*, *bebī*, *partī*. Tal uso gráfico só tocaria as 1as de perfeito *oxítonas*. Nas paroxítonas é melhor omitir o traço, apesar do uso firme, mercê do pendor fonético a perder o traço e a prol da língua comum. Grafias como *quíje* ou *fijī* seriam complicações excessivas, sobretudo em textos acantoados como os folclóricos.

**Che:** Outro é o pronome che. As falas galegas, por usar muito o *tu*, e *querer* “amar” diferir no regime de *querer* “buscar”, precisam distinguir *te* e *che*. No velho *querer bem a*, *bem* foi primeiro substantivo, depois sentido como advérbio, e ao cabo elidido, mas guardando o regime transitivo indireto. Tirso resgatou o folclórico *Quero-lhe bem ao filho do crego*. Isso passou ao *quero-lhe a ele*, no tratamento de confiança a *quero-che a ti*.

No caso presente o pronome *te* mudaria o significado. É um exemplo das hesitações linguísticas de Rosalia. Ou dos editores? A métrica do verso exige aqui e agora a inclusão desse *bem* arcaico.

12        *miña gloria e meu vivir.*

Pomos *existir* pela rima.

18        *con ese teu maldecir.*

*Mau pedir* é coerente com o verso seguinte. Não se trata de um “praguejar”, mas de um “mau dizer pedidos, dizer maus pedidos”.

### 3. DEUS BENDIGA TODO, NENA

5        *que, anque andiven moitas terras,*

6        *que, anque andiven moitas vilas,*

7        *coma ti non vin ningunha*

Do lat. *quōmodo* só veio *como*, mas com pronome pessoal de termo de comparação sói ouvir-se *coma*, refletido falsamente no galego oficial acastrapado como forma única. Tal *coma* nasceu da analogia do *ca* comparativo, ele de lídimio étimo latino: *quam*. *Coma* não tem; na verdade é *como a*. O falante sente *coma* e *ca* serem analisáveis: *como a* e *que a*, que pedem pronomes oblíquos. Na edição da Caixa Ourense de 1986 optei *coma* e *ca* por coerência. Ora penso que a escassa frequência de *coma*, não geral na língua coloquial (mas expandido pela normativa castelhanizante), a escassez de *ca* e a ordem de valores defrontados, pedem banir *coma* mesmo na transcrição de falas locais e só usar *como*. Para refletir o uso local melhor será escrever *como a*. Fica no ar o caso de *ca*. De momento, nas transcrições da fala popular pendo a deixar *ca*, antepondo o diacrónico ao sincrónico.

13        *sos falangueira*

A forma contracta *sos* não é problema.

14        *falangueira e ben cumprida*

*Falangueiro* é velho castelhanismo por *afagueiro*, cruzado parietimologicamente com *falar* ou *falador*.

21 *foras*. No poema amiúdam as populares formas verbais contractas: *sôs (sois)* por *sodes*, *sabês (sabeis)* por *sabedes*, etc. Às vezes pode haver confusão, ao coincidir a forma popular contracta de 2ª pl. com a forma da 2ª sg.: *foras (fôreis)* por *fôrades*, *morreras (morrêreis)* por *morrêrades*. Interessa muito o testemunho da sobrevivência do *voseio* na Galiza do séc. XIX.

23 *morreras*  
24 *chiarías*  
32 *pelegrina,*  
37 *estonces,*  
45 *sabés*  
57 *Dirés*  
59 *emprestouvos hastr'agora.*  
70 *que antre tiniebras pousaban,*  
71 *que antre tiniebras vivían,*  
76 *en todas partes se cria;*  
78 *outros de sangre runxida.*

*Sangre*, castelhanismo cru, com género feminino, não deixa mais via que mudá-lo por *carne*, o que não me faz feliz. *Carne* dá semanticamente muitas denotações de *sangue*, não todas, e evoca harmónicos diversos. É um caso de tradução a que estamos obrigados. *Rungir* “requeimar, tostar”, só galego, é talvez cruzamento do local *renger* (por *ranger*) com *rugir*, os dous através da acepção “crepitar”.

89 *qu'o mundo da malos pagos*  
94 *em todas partes...* supõe haplogia de *em todas as partes...*

Tirado o apóstrofo nestas elisões, so resta explicitá-lo por didática.

97 *Falás*  
98 *e calquera pensaría*  
135 *dormirés*  
139 *comerés*  
141 *¡Bendito sea Dios, bendito!*

Todo o verso está em castelhano, e cumpre traduzir tentando manter medida, ritmo e colorido vocálico.

#### 4. CANTAM OS GALOS PRÓ DIA

“A cantiga glosada é uma das mais belas e antigas do cancionero popular galego, o clássico tema da alva que surpreende os amantes. Rosalia pôde recolhê-la do romance de Pastor Díaz *Una cita*, que a inseriu muitos anos antes.” (F. Bouça Brei, na sua edição dos *Cantares*, Galáxia, 1970)

7        *hastr'as nosas maus unidas*

11       *si ca lingua me desbotas*

*Desbotar* em português comum é “perder a cor”. Não tem etimologia definitiva, mas em geral tira-se de *boto*. No galego documentado sentese como uma variante de *botar* “lançar, repelir”. Logo parece atinado substituir *desbotas* por *rebotas*, mal que no galego mais recente haja pendor a especializar *rebotar* (que no essencial tem os mesmos significados da língua comum) na acepção derivada “cheirar mal”.

20       *por enriba dos pinares.*

*Pinhares*, em vez de *pinhais*, é obrigado pelo cast. *pinares* do original.

Com licença, cabe admitir uma forma esporádica de cunho regular.

23       *se mais que a mel eres doce*

27       *vaite d'onda min, meiguiño,*

A respeito da “preposição” *onda*, ver o dito de *coma*, em 3. 7.

33       *que sol'onda ti, meniña,*

42       As condições especiais da língua deturpada que herdara Rosalia impõem o uso do apóstrofo fora dos poucos casos admitidos no Acordo Ortográfico. Outras elisões, sempre esporádicas, solicitam-no. Parece duro grafar *metá* em vez de *meta*'.

45       *qu' así sorrind' entre sonos*

46       *coidaba qu'eras un ánxel,*

Aí *anje* vai como alomorfo licencioso de *anjo* para manter a rima.

51 *mais fuge...*

O arcaico imperativo *fuge* vive ainda nos falares galegos.

## 5. NOSSA SENHORA DA BARCA

Em 1853, aos dezasseis anos e junto de Eduarda, irmã do poeta Pondal, Rosalia assistiu à romaria da Barca, hóspedes do Sr. Leandro Abente, médico da vila de Mogia e tio do poeta. Infelizmente, na romaria as duas amigas contagiaram-se o tifo, morrendo dele Eduarda.

O poema pinta a festa da Nossa Senhora da Barca, no santuário sito na ponta de Xavinha ou da Barca, paróquia de Sta. Maria de Mogia do concelho desse nome. A capela atual data de 1719, construída no lugar da primitiva, talvez dos sécs. XI ou XII. A romaria celebra-se o 2º domingo de setembro (se cai no dia 8, adia-se ao 15). Reúne atos religiosos e profanos numa inextricável síntese de elementos xamânicos, pagãos e cristãos.

(Ângelo Brea)

19 Traduzimos *pranchadiñas* por *passadinhas*.

20 *Relumbrean* pode ser um esporádico *relumbreiam*, tirado de *relumbrar* com mudança de sufixo.

23 *¡Canta maxesa nos homes!*

Quanto à tradução do castelhanismo *majeza*, a mudança semântica no séc. XIX pode confundir. *Guapeza* (ou *guapice*) ainda era “valentia alardeadora” já com os harmónicos de elegância airosa, em equilíbrio instável, instabilidade que não é o estado arcaico de português e castelhano americanos. Os falares galegos já pegavam a sofrer a mudança havida na Europa.

26 *pinos que os montes ourean,*

*Pinos* por *pinheiros*, é antigo em galego-português e poderia julgar-se autóctone se se admite que nele vive um adjetivo *pino*, talvez de origem diversa. V. no DCECH, de Coromines, sub *empinar*. Contudo, parece melhor pôr *pinhos*.

27 Trocamos *cogolliños*, irredimível castelhanismo, por *botonzinhos*.

40 *fillas da pagana Grecia,*

*Pagana* não é *pagã*. Pondo *paganal* mudava-se o ritmo dos acentos. Não há outro que pôr *grei grega*, o que apela à velha acepção “nação” de *grei*, talvez exagerando a aliteração que o verso já tinha.

48 *canto enriva de si levan;*

49 *fillas de reinas parecen,*

*Rainha* tem uma sílaba demais. Talvez quadrasse destacar a palavra do texto original, mas a ironia a surgir não parece apropriada. A elisão da vogal pretónica é decerto uma licença, mas pode mostrar como curioso título de legitimação (assaz relativo) a circunstância de *Rinha* existir na toponímia, ao menos paretimologicamente, no concelho de S.<sup>ta</sup> Maria de Oia, Ponte-Vedra, onde uma paróquia leva esse nome. Aí supõem ser o arcaico *reinha*, sentido diminutivo, e fala-se imprecisamente numa que dantes ali se teria retirado.

54 *brancos e cor de sireixa,*

Nos falares galegos ainda vivem as velhas formas *cereija* e *cereijeira*.

62 *e pechuguiñas de cera.*

*Pechuguiñas* não é outro que eufemismo de *peitos*, velados pudicamente no decote com um castelhanismo. Ao cabo da série dos adornos do seio, antes suspeitei tratar-se duma rara joia que Proust esquecera, e busquei em vão. Nessa pedra deveram tropeçar outros leitores e editores. Estes, quer deixam a palavra sem tocar nem explicar, quer a traduzem por *peituguinhas*.

Ora, apesar dalguns léxicos, *peituga* não é lídima palavra tradicional.

Coromines provou o cast. *pechuga* ser um deverbal de *apechugar*, e este vir de *\*apechiugar* (< *\*PECTIFICARE*). *Peituga* só pode entrar na língua a título de empréstimo, nunca por via de contrabando, bem que algum parente já velho tenha, como *peitogueira*.

O que fazer? Respeitar o original? Traduzir? Pois que de eufemismo se trata, não parece haver dano. Substitutos perfeitos não há e seriam eufemismos também. O respeito ao génio de Rosalia é o critério final.

- 65 *sayas de vivos colores*  
72 *sobre a rumbosa cadeira.*  
74 *non hay como tales nenas,*  
82 *fire como cen saetas.*  
87 *Son as de Laxe unhas mozas...*

Não é tempo de mudar à grafia de *laje*, *lajem* ou *lájea*, aqui topónimo? É certo vir do célt. \*LAGEN “folha ou lâmina de metal”, por metonímia “folha de pedra” na Hispânia, “folha de terra” na Irlanda (*Leinster* < \*LAGEN S TĪROS). Se couberem dúvidas na etimologia, para fundar a grafia chega o termo ter entrado a fazer parte do baixo-latim *lagna*, com inúmeros testemunhos em toda a história da língua. Suponho que a atual grafia com J se deve ao propósito de simplificar, havida conta da variante *laja*, que não pode escrever-se doutro jeito.

- 88 *Vaya unhas mozas aquelas!*  
89 *Soio com velas de lonxe*  
90 *quitaselles a monteira,*  
106 *e pelas agudas lenguas*  
110 *anque un pouquiño soberbas*  
116 *Quisquilheira* virá do adj. *quisquilhoso*, provavel castelhanismo. Coromines duvidava este vir do lat. *quisquilliae* “bagatelas”. Apesar da incerteza, se *quisquilliae* fosse o étimo, o surgir de *quisquilheira* teria melhores títulos.

- 161 *con tanto caraveliño*  
164 *que corr'e se sarandea*  
170 *con rosquilliñas d' almendra;*  
171 *os de mais alá sandías*  
172 *con sabrosas siriguelas,*  
173 *mentras tanto qu' algún cego*  
185 *angelinhos* é diminutivo do erudito *ângelo* de que já falamos.

193 *e mentras dormen os homes*  
201 *cal nun ceo, polas naves*  
215 *choven estonces presentes,*  
216 *choven estonces ofertas*  
220 *ós pés da sagrada Reina,*

## 6. FUI UM DOMINGO

Poema de assunto mitológico ou “feérico”. Este, *Acolá em riba, Arinhos, arinhos, ares*, em *Cantares*, e *Gigantescos olmos, mirtos* em *Folhas Novas*, têm assunto pagão, mais ou menos velado ou disfarçado em ingénua mistura sincrética. É paganismo anterior à lei cristã, inconsciente.

O tópico do “moinho, lugar de prazer da gente moça” envolve-se numa viagem fantástica, de notas xamânicas, pré-inquisitoriais, quase de concurso a *aquelarre*, já dos versos de moinheira que inspiraram este poema:

*Fũ ao moinho do meu compadre;*  
*fũ polo vento, vim polo are.*  
[*Esta é-che cousa de encantamento,*  
*ir polo are e vir polo vento.*]

Os de Rosalia são também versos de moinheira, de medida regularizada (nas moinheiras flutua) em eneassílabos, que a seguir veremos nesse arranjo, que Rosalia não quis escolher, talvez para sugerir a velocidade que o verso curto salienta. Assim soa quase como um poema da *Edda*.

Fũ um domingo, fũ pola tarde,  
co sol que baixa trás os pinhares,  
coas nuvens brancas, sombra dos anjes,  
e coas pombinhas que as alas batem  
com um batido manso e suave,  
atravessando vagas celagens,

mundos estranhos que em raios partem  
ricos tesouros de ouro e diamante.  
Passei os montes, montes e vales;  
passei planuras e soidades;  
passei os regos, passei os mares  
cos pés enxutos e sem cansar-me...  
Colheu-me a noite, noite brilhante  
cũa luinha feita de jaspes,  
e fũ com ela caminho adiante,  
coas estrelinhas para guiar-me,  
que aquel caminho só elas sabem.  
Depois a aurora co seu semblante  
feito de rosas veio alumiar-me,  
e vĩ estonces entre a ramagem  
de olmos e pinos acovilhar-se  
branca casinha co seu pombale  
onde as pombinhas entram e saem.  
Nela se escuitam doces cantares,  
nelas garulham moços galantes  
coas rapazinhas doutros lugares.  
Todo é contento, todo é folgare  
mentres a pedra, bate que bate,  
mói que te mói, dá-lhe que dá-lhe,  
com lindo gosto fai-lhe compasses.  
Nom há sitinho que mais me agrade  
que aquel moinho dos castanhares  
onde há meninas, onde há rapazes  
que ricamente sabem luitare;  
onde rechinam até cansar-se  
moços e velhos, nenos e grandes,  
e, em-que nom querem que alô me baixe,  
sem que o soubera na casa *naide*,  
*fũ ao moinho do meu compadre*;

*fũ polo vento, vim polo are.*

4 De *pinhares* veja-se a nota 4. 20.

6 *ánxeles*. Põe-se *anjes*, alomorfo de *anjos*, por licença como em 4. 46.

7 *cas palomiñas*.

Metáfora de “borboleta” traduzível, logo castelhanismo inecessário.

17 *Pasin os montes,*

19 *pasin llanuras*

23 *cos pés enxoiros*

29 *e fun con ela*

33 *que aquel camiño*

38 *veu a alumbrarme,*

39 *e vin estonces,*

42 *acobexarse*

44 *con palomare*

55 *mentras a pedra*

57 *mole que mole,*

68 As lutas de que amiúde fala Rosalia é um dos velhos desportos esvaídos com o séc. XIX. As doutros povos atlânticos de substrato céltico têm mais documentação. No espaço hespérico só sei da *luchada* canária, que decerto vem da mesma tradição ocidental. As etapas finais que Rosalia regista notam uma erotização (fundada na arcaica igualdade dos sexos na sua prática, em constraste com a cultura vitoriana do mundo urbano) que aceleraria o declínio.

## 7. UM REPOLUDO GAITEIRO

É o arquétipo de sedução do que todas se namoram. No estribilho declara seu apetite de dom-jão, matizado com um assomo final de remorso. O tom geral é de evocação histórica com cores costumistas.

São décimas espinelas, de rima *abbaaccddc*, aclimadas em português pelo poeta satírico da Bahia Gregório de Matos (séc. XVII).

2            *de pano sedan vestido,*

Parece o *panos de seda* frequente nos textos medievais. Mas nem o *pano sedan* é de seda, nem alhures há ecos de \**saetānu-*, que na fala ourensana de Curros daria um desnasalado *sedao*, e ele põe *sedan*. Catalanismo têxtil? O cat. *sedenc* “de seda” soa [sædeŋ] ou [sædeŋk] em Barcelona. Não há apoios para esta construção. Ao cabo cuido o mais provável ser um pano trazido de Sedan, nas Ardenas, pelo que deveria grafar-se *sedã*, como os veículos.

4            *cariñoso e falangueiro,*

23          *todas por el se morrían;*

34          *“Quérote” lle repetía...*

42          *e para xunta de el corrían*

45          *probes palomas, buscaban*

56          *quixo a todas enganar,*

## 8. QUIJE-CHE TANTO, MENINHA

1            *Quixente tanto, meniña,*

**Quixente:** As falas galegas notam-se pela nasalização da 1ª pess. sg. do pretérito perfeito dos verbos das conjugações 2ª e 3ª. No séc. XVIII atingia a 1ª: *amein* (*amei*) no P. Sarmiento. A língua antiga e a atual portuguesa não registam o traço, talvez solidário com a nasalidade das formas do pronome pessoal oblíquo trás a 3ª pess. desse pretérito perfeito: *comeu-no*, por *comeu-o*. A analogia em geral tem muito aqui, sobretudo na extensão à 3ª, como prova a circunstância de o galego da montanha lucense não ter o último traço.

A meu ver aqui há uma pasmosa pegada do substrato céltico, a surgir incrivelmente tarde. Agora sabemos que o céltico viveu nos “montanheses” ao menos até o séc. X, e nos Ancares talvez vários séculos depois. No traço não creio que possa ver-se mais que um fianho de um sistema já caduco, que seria a desinência primária -MI, da 1ª pess. da

conjugação céltica antiga. No indo-europeu era a desinência da flexão aтемática, no céltico estendida analógicamente à temática. Tal abundância marcava fundamentalmente o sistema verbal. Através do substrato brindaria mais uma prova da incrível persistência do céltico remanente, ainda no galego médio.

Ora bem, a querer refletir-se esse traço da fala galega local, em textos de intenção folclórica, seria útil evocar as velhas grafias *-ē*, *-ĩ* e *-ũ* para notar a nasalidade sem dano da imagem da língua comum, mas só nas 1<sup>as</sup> de perfeito *oxítonas*. Nas *paroxítonas* seria melhor omitir o traço, apesar da firmeza do uso, a favor da língua comum e mercê do pendor fonético a perder o traço.

Altera-se a reintegração do *quijem* local a causa da métrica: “*Qui-jeche...*” sem nasalidade escrita em vez de *quis*.

**Che:** Cumpre tratar aqui também do traço galego arcaico quase geral na Galiza do estado espanhol. Pela persistência da 2<sup>a</sup> pessoa singular, o risco da distinção dos pronomes *te* e *che* tem grã frequência de uso, sobretudo para distinguir *querer* “amar” de *querer* “buscar”. Na Idade Média *querer-lhe bem a alguém* significava *amá-la*. *Bem* primeiro era substantivo e objeto direto, mas pronto se entendeu como advérbio, cf. o it. *ti voglio bene*. Tirso, no séc. XVII, na sua comédia *La gallega Mari-Hernández*, regista o folclórico dístico de versos de gaita galega:

**Quero-lhe bem ao filho do crego;  
quero-lhe bem pelo bem que lhe quero.**

Não é o mesmo *Quero-te aqui às nove* do que *Quero-che de coração*. A distinção é também portuguesa, mas a redução da 2<sup>a</sup> do singular minguou radicalmente o rendimento da distinção. Nos falares galegos, o “leísmo” castelhano interfere o sistema, que contudo ainda predomina. A regra é que ao dativo *che* do trato familiar corresponde o *lhe* de respeito, entanto que ao acusativo *te* familiar tem par nos pronomes átonos *o*, *a*, *os*, *as* e *se*. Os castelhanofalantes europeus têm dificuldade para aplicar a regra pelas alterações no emprego desses pronomes.

- 6        *rosa do xardín de Dios, Veja-se a nota 1. 22.*  
 9        *falín*  
 13       *mentras que ti me escoitabas*  
 16       *refrexaban traiciós.*  
 19       *décheme un caraveliño*  
 20       *gardín*  
 21       *¡Negro caravel maldito*  
 22       *que me fireu de dolor!*  
 24 *j*     *o caravel afondou...!*  
 26       *como o caravel levou”.*

## 9. CAMPANAS DE BASTAVALES

Cume lírico da poesía rosaliana, em tercetos de heptassílabos. Apesar do étimo latino *vasta valles*, a escrita antiga constante com B-pede abandonar a que pus na edição dos *Cantares* de 1986. Terá parietimologia de *bastar*.

- 13       *Soio media me deixaron*  
 34       *Queixumbrosa e retembrando*  
 35       *por antr'e verde espesura,*  
 36       *por antr'o verde arborado.*  
 38       *por riba da veiga llana,*  
 50       *mentras tanto corre a lua*  
 69       *baixo a sombra do ramaxe.*

## 10. VI-TE UMA CLARA NOITE

- 3        *poñendo as frescas herbas*

O dialetal *ponhendo* vem de \**põiendo*, quer dizer de \**põier*, variante da antiga forma *põer* com I anti-hiático.

- 21       *E foron ¡ay!– testigos*  
 25       *Pero dempois con outros*  
 26       *mais majos e galans*

32 *cabo do romeiral*

Não confundir este *romeiral*, castelhanismo por *rosmaninhal*, com o *romeiral* sinónimo de *romãzeiral*. Aqui trata-se da labiada.

34 *en triste soledá,*

40 *lama fan.*” A forma contracta da 3ª pess. do presente de indicativo de *fazer* é geral nos falares galegos e aqui obrigada pela rima.

51 *poñendo as frescas herbas*

65 *Mais anque dir eu diga.*

*Dir* está em Cuveiro, Valadares, *Vocab. Popular Galego Castelán*, e a gramática de Carvalho Calero. Sairia regressivamente dos contractos dos futuros de indicativo (*dir-ei, dir-ia*), como viu J. L. Pensado. Não normativizável, devo dizer que existe. O infinitivo ressuscita esporadicamente na língua popular. Ouvi-o a minha mãe, de Sta. M.ª de Oia. Lembro tê-lo dito nas aulas de galego de E. Blanco Amor em Buenos Aires; mas nem ele nem os alunos o conheciam.

Aqui se respeita o ritmo do original, com tons na 4ª e 6ª sílabas.

## 11. SANTO ANTÓNIO BENDITO

Quase todas as estrofes são seguidilhas canónicas, com escassa variação: quadras de hexassílabos e tetrassílabos de rima nos pares, com estribilho de dous tetrassílabos de rima diferente e um hexassílabo livre.

A quadra folclórica de que Rosalia parte tem forma diferente, um hexassílabo e três tetrassílabos, rimados também nos versos pares.

2 *dádeme un home,*

O arcaico imperativo não contracto *dade* tem algum curso nas falas galegas, mas não é geral como quiseram os primeiros intentos normativos isolacionistas. A quadra popular que inspirou Rosalia é que tem a forma arcaica, mas ela no seu poema usa a contracta: 6 *dai-me*,

9 *Dai-mo.*

23 *que zamb'ou trengo*

53 *cal volo pido*

Pudera ficar *qual vo-lo pido* pela existência dialetal da forma verbal mesmo em português, mas não é do espírito da edição, não crítica, mas didático-normativa, num equilíbrio que se sabe quase impossível.

## 12. ACOLÁ EM RIBA

Hendecassílabos emparelhados, que Rosalia põe como pentassílabos, talvez para sugerir velocidade de vertigem, cf. o fundo “feérico” do poema. A rima emparelhada prova a métrica, aliás ininteligível. A estrofe final, tradicional, requer estudo à parte, na forma e no fundo. A forma difere: são quatro versos de moineira, escritos partidos, também de rima emparelhada. No fundo, a natureza misteriosa da *meninha morena* não procede dos versos tradicionais, doutro tom, menos fantástico e mais erótico.

Do fundo muito caberia dizer. Aí fala o *animus* de Rosalia. A *meninha morena* é uma fada, amada pelo *animus*. Eis uma das múltiplas ocasiões em que a nossa poeta universal desce às profundidades do inconsciente para resgatar arquétipos. Sem prefabricação nenhuma, que os grandes vultos da psicologia profunda ainda não tinham nascido.

Os tipos itálicos dos versos finais (*eu lha vestira, eu lha calçara*) de todas as edições deveram passar ao resto da estrofe, desde *Ai, se seu pai...* Nela só o desejo do *animus* é disparador da inspiração. A estrofe é folclórica, de tom diverso tocado pudicamente por Rosalia, que altera um original

\**Ai, que por tê-la comigo na cama. A certeza de ser folclórica não chega para mudar a tipografia, ante a intervenção de Rosalia. Urge os folcloristas debruçarem-se aqui. Ângelo Brea comunica outra versão popular: Que eu lha vestira, que eu lha calçara, / que eu a deitara comigo na cama”*

13        *Xa envolta se mira*

Pela medida nesta edição é preferível substituir *já*, aqui e no 17.

17        *Xa erguida na punta*

41        *Se esconde outras veces*

A lei de Mussáfia não se aplica hoje, apesar de o galego ser arcaico.

53        *¡Qu'hermosa parece,*

54        *que chore, que xima;*

56        *disperta, dormida!*

Ângelo Brea atinou no cerzido deste verso, que contém a rima. Chega inverter a ordem dos adjetivos: *dormida, desperta!*

### 13. ADEUS, RIOS; ADEUS, FONTES

Quadras e quintilhas de heptassílabos. Além da quadra folclórica, o poema tem três partes: seis quadras, depois quatro quintilhas, afinal quatro quadras, as duas últimas escritas como oitava. A rima vai nos versos pares.

10        *pinares que move o vento*

*Pinhares* é variante esporádica de *pinhal*.

20        *(adiós, para sempre, adiós!*

56        *Miña terra, (adiós!, (adiós!*

O arranjo ou tradução parte da locução básica *A Deus me vou*, com ênclise do pronome no nome tónico *Deus*.

### 14. EU BEM VI ESTAR O MOUCHO

Heptassílabos narrativos de rima assoante nos versos pares.

20        *antr'os toxales espesos,*

Pela métrica acrescenta-se o rípio *mais*.

22        A rima pede o dialetal *famento* (por *faminto*), do ant. *famiento*.

37        *Arrepoinhar* é verbo denominativo de um *\*arrepoinha*, por sua vez do lat. vulg. *\*horripilīna* “arrepio, eriçar de pelos”, logo da família de *horripilāre* e *arrepiar*. *\*Horripilīna* > *\*arre-peīa* > *\*arrepoīnha*, com labialização da vogal pretónica e conservação do -P- surdo pelo sentimento de *arre-* ser prefixo.

58 *hastr'ó corazón dereitos.*

Vai *té*, aférese vulgar de *até*, para manter o ritmo.

59 *en el remorsos había*

65 *e ensarrapicada toda*

Cruzamento local de *salpicar* com os prefixos românicos *en-*, *ça-/sa-* (*sub-* + célt. *stā-* > *tsa*) e *re-*, todos de função ao cabo expressiva.

## 15. ARINHOS, ARINHOS ARES

Heptassílabos narrativos de rima assoante nos versos pares.

Não vejo estudos da natureza destes ares, decerto não meros ventos. Têm interesse no estudo do folclore mítico, creio. Dos casos em que Rosalia fala neles deduz-se serem seres míticos espirituais (ar = *spiritus*), cabalmente antropomorfizados. Neste caso são bons, e maus noutras, quando servem a definir as doenças da medicina popular.

10 *tal preñada de tormentas,*

11 *tal de soidás preñada,*

24 *tamém traidora se ceiba.*

Aqui talvez se tenha cruzado *cevar* “alimentar” com o *ceivar* “soltar” galego e nortenho. Na dúvida cumpre respeitar o texto.

26 *com'á color de sireixa;*

30 *a miña sangre bebera.*

79 *xa em lágrimas convertida,*

80 *xa em sospiriños desfeita.*

Antes pus *ja* sem acento para a crase com *em*. Será melhor tirar rípio.

101 *antr'as brancas calaveras*

## 16. ROXINHA QUAL SOL DOURADO

Eis uma das chaves, quase secreta, da identidade galega. Inicia-se num *locus amoenus*, como diz Ângelo Brea, com uma rapariga (Galiza)

que descalça vai lavar os pés à fonte. Fala-se depois no seu canto. A natureza parece participar dele e respondem-lhe os pastores... Mas chegam umas companheiras (outras identidades culturais). Em ouvindo-lhes os cantos, a rapariga sente grã saudade e abandona o lugar. É que as outras a acusam de ser *da montanha*, rústica, de cultura velha e desprezível. Ela, aliás, julga motivo de honra. É o poema da transculturação, que aflige Galiza, com intermitência, de há dous mil anos, nas duas versões do trânsito do céltico para latim e românico (que durou mil anos) e a do galego-português para castelhano, de quinhentos, que ainda podemos reverter.

Estrofes de sete heptassílabos com rima consoante e esquema *abbaacc*, como na redondilha de Camões que inspira o poema, *Descalça vai para a fonte / Lianor pela verdura./ Vai formosa e não segura*. É dado, a meu ver certo, que essa cantiga suscitou em Rosalia a imagem de uma Galiza sonhada, quase inimaginável, soberana, e que dela parte o estro.

Quanto aos versos folclóricos glosados, Bouça Brei diz que os tercetos populares rimam o primeiro verso com o terceiro, e que Rosalia trocou a ordem para ter os dous versos emparelhados necessários no fim da estrofe de sete. Daí a conjectura (não lhe constavam os versos populares) de que o original diria:

Em-que che som montanhesa,  
em-que che som da montanha,  
em-que che som nom me pesa.

E acrescenta que, ao cantar, virariam-no numa copla de quatro versos, adiantando ao começo o segundo, que é livre.

Em-que che som da montanha,  
em-que che som montanhesa,  
em-que che som da montanha,  
em-que che som nom me pesa.

3      *iba polo monte hermosa.*

É difícil remediar *hermosa*. Substitui-se pelo mais próximo possível.

5        *Copo de neve pousado,*  
18       *naide os poidera encontrare;*  
19       *naide...*  
23       *nos doces lábios a risa;*  
24       *auguiña que o vento enrisa, 25 pousaba no fondo en cal-*

*ma.*

Trás mudar *risa* por *riso*, o único jeito de cerzi-lo foi rimá-lo com *vento riço*, o que elimina a subordinada de relativo e faz de *vento* o sujeito de *pousava*: “aguinha que o vento riçado pousa no fundo...”, em vez de “aguinha riçada pelo vento que pousa no fundo...” *Pousava* passa de intransitivo de *aguinha* para transitivo de *vento*. Que Rosalia nos perdoe, que queremos o que ela.

27       *cimbr[e]ase con folgura.*  
29       *Ó par da brisa temprada*  
40       *Ó son dos romores vanos*

Perde-se a rima consoante, mas parece melhor *vagos* que *vãos*.

63       *tan amante como hermosa.*  
69       *brancas binchas se levantan*

*Bincha* “borbulha; empola; bexiga” é de origem incerta, parente talvez de *bexiga*. O clássico *vēsīca* não é o étimo das formas românicas, que supõem um *vessīca* também documentado. Ainda há *vensīca*, que precederá a *vessīca*. Ernout-Meillet vinculam ao scr. *vastih* “bexiga” (ie.\**wnst-is*) e ao alto alem. ant. *wanst* “pança, barriga” (ie.\**wonst-*). Em *vensīca* pode analisar-se *-īca* (que é céltico; ver o que Coromines diz aí), o que deixa a base *\*wens-*, associável às das palavras sânscrita e germânica. Logo cabe supor outra forma com sufixo diminutivo *-cula* (ou céltico *-TL*), quer dizer, *\*venscula* (ou célt. *\*WENSTL*). O grupo *-NSC-* em latim era instável, o que leva a preferir a base céltica. A respeito disso, veja-se a etimologia de *gancho* de Coromines. Quanto ao I tónico de *bincha*, lembre-se o E breve céltico ter sido fechado. Além disso, em data românica

o E tónico travado com nasal final fecha sempre, e ainda mais seguido de palatal.

79 *a olido de primadera,*  
80 *y aló na azulada esfera*  
81 *fogax de gloria se encende;*

*Fogagem de glória que rompe a medida. E a elisão é dura demais.*

84 *que ten no peito encravado.*

*Encravado* concerta com *dor*, aqui masculino pelo castelhano *dolor*. Antes pus *de encravo*. Agora sigo o critério de Ângelo Brea e deixo *encravado*, concertado com *peito*: *a dor do encravado peito*.

97 *pola peniña sin fondo / 98 que hay no coração abondo.*

Se vai *fundo*, não pode ficar *avondo*, aliás resgatável. *Pôr que tem dela na alma um mundo*, em oposição, é cirurgia dolorosa e desesperada.

99 *Por eso a meniña hermosa,*  
109 *e así lles contesta huraña*

*Huraña* é castelhanismo irremível, a que Rosalia se viu obrigada pela rima difícilíssima. O valor antigo da palavra lá foi “forasteiro”, e depois cobrou o de “arisco, tímido”. Algo do plexo dava certo, mas põe um matiz ambíguo no poema. O repto desafiante dos versos folclóricos glosados é de leve apagado pelo qualificativo. Ora, mudar o que pôs a autora, ainda que seja por tirar castelhanismo, não dá novamente nenhuma felicidade. Só alenta pensar no que ela hoje decidiria.

## 17. PASSA, RIO, PASSA, RIO

Heptassílabos narrativos com rima assoante nos versos pares.

6 *dis*, por *dizes*, é popular e inevitável na rima.  
12 *e souperas que sofrer*

Vai *carpir*, em vez do original *sofrir*, impossível na língua. Puderam ir *punir*, *curtir* e poucas outras. *Sentir* está perto demais do *sentiu* próximo. Não é feliz, mas necessário.

30 *pretiño do meu vivir.*

Ao pôr *existir*, pelo castelhano *vivir*, deve sair uma sílaba; optou-se fazer advérbio a locução preposicional *perto de*.

32        *pra ir, meu Ben, unda ti!...*

## 18. ORA, MEU MENINHO, ORA

A quadra folclórica é uma cantiga de berço. O poema de Rosalia segue a tradição das Cantigas de Santa Maria, frequentada mesmo por poeta em ideias tão distante como Manuel Curros Henriques. Heptassílabos narrativas de rima assonante nos versos pares.

1            –“*Hora, meu meniño, hora,*

Em todas as edições, vê-se o *ora* repetidamente escrito com H, como se fosse uma insólita palavra de sentido obscuro, o que testemunha a crise dos falares galegos. Não é outro que o advérbio *ora*, sinônimo de *agora*, interjeccionalizado para acalantar a criatura cheia de fome.

3            *se tua nai vay no muiño,*

*Tua nai* (e *tua mãe*) é composto, de duas sílabas e um só acento.

12          *cal ubre de vaca cheya*

21          *que soyo, soyo quedaches*

23          *tremando, malpocadiño,*

A interjeição *malpecado!* “mau diabo!”, adquiriu o valor adverbial de “infelizmente”. Nas falas galegas, perdida a memória da interjeição e parcialmente do advérbio, passou a adjetivo, com valor de “coitado”.

24          *com’as ovelliñas treman.*

42          *nacen para tales penas”.*

50          *e os berridos da tormenta.*

53          *A Companha, Hoste, Estantiga ou Estadeia*, antes foi de certo bando diabólico e aéreo de longa tradição, como notam os nomes. No contexto cristão *recente* interpreta-se como procissão de defuntos. Mas a especulação cristã popular ocupou lugar similar ao da racionalização materialista posterior, e o fenómeno alucinatório era-lhe independente. Em *The Bible in Spain* de Borrow, há testemunho tanto ou mais importante que os do P. Sarmiento. O mais claro é o do cap. 29, no que o

guia descreve a *Estadea* e depois a explica. Cumpre separar descrição de explicação. “Ergueu-se uma névoa muito espessa. De pronto pegaram a brilhar *acima de nós*, entre a névoa, muitas luzes; ao menos mil. Ouviu-se um chio tremendo e as mulheres caíram de bruços a gritar: *Estadea! Estadea!* Eu também caía e gritava: *Estadinha! Estadinha!*” O guia crê-se obrigado a explicar: “A *Estadea* são as almas dos mortos que andam acima da névoa com luzes nas mãos.” A separação é clara, e a realidade da experiência alucinatória *coletiva* é certa pelo *chio tremendo*, característico de imagens arquetípicas aparentadas (V. *Wotan* de C. G. Jung). Além da racionalização, a cavalgada do bando aéreo diabolico em forma pura vê-se no atestado no cap. 27, *in fine*: “A *cermos aos galegos*, os *demos das nuvens* perseguiram os ingleses na sua fuga e atacaram-nos a trovões e golpes de água quando pugnavam por remontar as reviradas e alcantiladas veredas de Foncevadão.”

56        *e cas estricadas meigas.*

No galego *estricado* (e o sinónimo *estarricado*) “esticado, estirado” tem valor metafórico de “orgulhoso; que mostra gravidade”, que será o do caso. *Estricar* “esticar” é fruto do cruzar-se *estirar* (étimo fusco qual o de *tirar*) e o ant. *estricar*, erudito medieval para “desenredar (cabos)”. Daí com anaptixe *\*estiricar* e os dissimilados *\*esterricar* e *estarricar*.

61        *tal como lexana fruta*

69        *olido de frescas rosas*

79        *e por unha regandija*

*Regandija* cruza cast. ant. *rehendija* e galego *reganha*.

80        *postrada no chan axexa.*

O galego *axejar* ou, melhor, *assejar* “espreitar” cruzou o sinónimo antigo *asseitar* com *ensejar*.

86        *raios de amor se refrexan*

89        *e porque esté máis contento,*

93        *Xa non dorme en probe cuna,*

95        *cas alas os anxeliños*

97        *nubes de color de rosa*

98        *fanlle branda cabeceira*

Pudera substituir-se o contracto *fan* por *dão*. É mais fiel tirar só o pronome. Das formas contractas de *fazer*, vivas no galego, veja-se Helmut Ludtke, no Boletim de Filologia XIV, Lisboa, pp. 317 a 321.

121      *os anxeliños, deixando*

128      *que o seu filliño lle espera;*

## 19. NÃO CHE DIGO NADA

O dito glosado é uma locução popular de falsa reticência, antes que lídima cantiga como alhures. É um eneassílabo de ritmo trocaico dividido por reticências, com rima interna. Repetido ao cabo das estrofes, num terço delas muda para decassílabo iâmbico. Pela ambígua medida, suponho melhor dispô-lo em duas linhas escalonadas.

A exclamação *pero vaia!* é dura de entender na Lusofonia; os elementos vêm do castelhano, ingressados no tempo do isolamento: conjunção *peró*, arcaica, virada átona como em castelhano, e interjeição *vaya* [*por Dios*], para despedir um esmoleiro, usada com desprezo irónico, e da que vêm o cast. *bah!* e o galego *boh!* Com hesitação, pelo meu cativo conhecimento das falas coloquiais portuguesas, proporia como equivalência *ora, safá!*, que mantém o ritmo. É-me difícil sentir se reflete o conteúdo expressivo. No caso presente, não é possível mudar muito.

Dessa frase nasce uma sátira de vinte e uma estrofes de oito hexassílabos com rima assoante nos pares. Somado o refrão, cada estrofe traz dez linhas de versos. A pintura dos tipos satirizados é testemunho interessante de uma época e de um lugar.

2          *Aqui pero átono. Nas falas galegas sói manter a oxitonia.*

18        *meniña que anda maja,*

Veja-se nota final 5. 23.

19        *y é probe, malpocado,*

Veja-se nota final 18. 23.

23        *Véxote aló antre os millos,*

A sinalefa entre *alô* e *entre*, em boa pronúncia é dura. Mudar *alô* por *ali* permite uma sinalefa mais fácil de tom menos local.

49 *e dis que as mais non teñen*

Novamente topamos com as formas contractas de *dizer*. Talvez aqui não tenhamos traído Rosalia.

58 Para Bouça-Brei, o original *para non verlle á cara* quer dizer “para não verem-lhe a cara [dela]”, com *ver[em]-lhe* por *mirarem-lhe*.

59 *e fas que non entendes*

65 *dimpois... (por qué, ti o sabes)*

79 *cando me dis que gustas*

89 *pero cós teus sudores*

118 *e ter caniñas brancas*

134 *dinche que é noite crara;*

135 *xa estando o mar sereno*

136 *che dim que fay borrasca;*

144 *si eres da lonxe Australia,*

160 *y en ter distintas caras,*

170 *ca língua dunha coarta.*

O castelhano *cuarta* “palmo” deve substituir-se. Pela rima é preciso o neologismo *palma*.

210 *as costumiñas rancias...*

## 20. MAS AO QUE BEM QUIS UM DIA

Quadras de heptassílabos com rima consoante, o primeiro com o terceiro e o segundo com o quarto. A quadra glosada só rima nos pares.

7 *fanse mais duras as penas*

O contracto *fan* cede ao *dão*, semântica e fonicamente próximo.

11 *fanse mais cortas as risas*

Ver a nota anterior. *Risas* é inevitável.

13 *Que non hay sera tranquila*

*Sera* “tarde” pode ser regressivo de *serão*, sob o modelo do italiano *sera*. Estava já no séc. XVII. Aqui é melhor pôr *tarde*.

17 *Eu ben sei destes secretos*

19 *que rebolen sempre inquietos*

*Inquietos* é a única forma portuguesa dicionarizada, mas *inquietos*, par popular ou semierudito, de sons tão próximos, é tradicional e vivo nas falas galegas. Aqui serve a manter a consonância perfeita com *segredos* (o original tem *secretos*, castelhanismo como substantivo).

20        *baixo mil formas estrañas.*

A moderna preposição castelhana *bajo* “sob” não corresponde a *baixo*, só nome. É original difícil de arranjar. Antes pensei na aférese e elipse de *debaixo de mil*: ‘*baixo ‘mil...* Mas era um abuso de apóstrofos.

23        *dos que fan xemer os ventos,*

24        *dos que morden cando choran.*

35        *qu’eran fonte de dolores,*

37        O dialetal e antigo *contento*, por *contente*, deixa-se a causa da rima.

40        O dialetal *gando* é necessário na música da estrofe.

## 21. CASTELHANA DE CASTELA

Heptassílabos narrativos de rima assoante nos pares. Este e o poema 25, *Castelhanos de Castela*, fazem um par “politicamente incorretos” que o génio de Rosalia vira em género autónomo, invectiva anti-imperialista visceral. Aos castelhanos de bem não agravam, só aos imperiais.

4        *ca procedência lle abasta* Parece melhor o inequívoco *basta*. Que não muda nada, nem música, nem métrica, nem significado.

5        *Desime, miña señora,*

9        *pois cando onda vós me achego*

23        *Din que na nobre Castilla*

O *diz que* impessoal pode render o *dizem* que a língua normativa pede.

24        *así os gallegos se trata;*

*Assim aos* ou *assi aos* têm três sílabas. *Aos galegos assim tratam* é o melhor que imaginamos.

26        *que de tan grande s’alaba,*

34 *Enfouçar* vem aqui a primeira vez. Será de Padrão. Parece metátese de *ençoufar* (e *ençoufiar*), mais frequente (cf. Crespo Poço, de Padrão e Várzea; para A. Otero, de S. Jurjo de Piquim). São “sujar, tisonar, manchar, emborrar”. *Ençoufar* é também “avolver, enturvar”. Se é anterior *ençoufar*, houve cruzar paretimológico com *foçar* e *focinho*. Sem descartar o mero desenvolver de *foçar*, pela labilidade dos sons átonos. À margem do étimo, cabe destacar o grafema Ç do texto. Será derivado do lat. *sulphur*, par do cast. ant. *açulfar* (G. de Segovia, séc. XV) e a *çulfa*, *çulfo*, *çulfe* (DCELCI, 353, 7b). Logo *ençoufar*, base de *enfouçar*, seria “enxofrar, sulfatar” e viria de \**çoufo*, vocalização serôdia de \**çolfo*, que vai com as formas castelhanas de G. de Segovia e com o italiano *zolfo*. Pois que em português o grupo lat. -*ul-* sói dar -*o-* ou -*u-* (*enxofre*, *doce*, *ensosso*; *mungir*, *cume*) e \**çolfo* tem -*ol-*, é coerente supor esse \**çolfo* ter vindo de fora em data moderna, quando o L velar ainda podia vocalizar.

Aqui regular fora *enfouçáreis*, mas a rima pede o dial. *enfouçárais*.

36 *no que está débil se ensañan.*

O par castelhano de *assanhar*, *ensañar(se)*, tomou a acepção “encarniçar-se” ausente do étimo, o hápax *insaniare*. Ainda mal, é justo o que está no texto, com matiz de “deleite sádico”. Apesar disso, parece preferível pôr *assanham*.

37 *Pero mais val que enmudeça,*

38 *pois tés condicion de ingrata;*

Talvez Rosalia tinha este *tés* por variação alomórfico de *tendes*; aliás teríamos uma inusitada mudança de tratamento, de 2ª plural para 2ª singular. *Tendes* muda a coordenação, não a música e o sentido.

41 *Si fun curpabre en quereros*

47 *e voume á Galicia hermosa*

61 *baixo a figueira frondosa*

*Baixo* não é preposição na nossa língua. Veja-se 20. 20.

66 *meigo nos din em voz maina.*

Para manter a música muda-se o sujeito: *meigo nos diz a voz maina*.

68 *nobrísimas castellanas*

69 *olvidareivos sin pena,*

72 *pero non saben ser vanas,*

O arcaico *vãas* foi a opção anterior. Parece melhor *vácuas*.

75 *Déchesmas vós, mi señora,*

*Mi señora* é caso difícil, vedada a tentação do velho *ma senhora*.

80 *aquel sarrápío que escalda,*

*Sarrápío* parece da mesma origem de *sarro*. Tem várias aceções; aqui é “saibo acre”.

## 22. QUERIDINHA DOS MEUS OLHOS

Missiva de um recruta em heptassílabos com rima nos pares.

3 *nesta vila donde adoito*

17 *nos paseamos pólas calles,*

O velho castelhanismo *calhe* “rua estreita” é inecessário aqui.

18 *que era mesmo um adimiro*

*Adimiro* é forma vulgar anaptíctica por *admiro*. Perde-se o tom rude, mas Rosalia escusa.

19 *de tan majos como ibamos,*

*Ibamos* paroxítono no original. *Ibamos* ou *iamos* são paroxítonos de tradição latina, mas minoritárias, logo não recomendáveis. Substituíse por *andámos*, forma com acento meramente diacrítico, para notar o pretérito, não para indicar abertura.

28 *poido arrincarme un sospiro,*

29 *...ali estaba* deve ler-se com sinérese.

31 *que anque de onda ti partin,*

33 *non vin soyo, miña xoya,*

34 *que ti viñeche comigo.*

41 *e sempre en ti estou pensando,* com sinérese em *ti estou*.

43 *Seique meigallo me deche*

Os galegos *seica* ou *seique* equivalem hoje a *parece-me que*, se afirmativos, e a *acaso...?*, se interrogativos. Ao usá-los para refletir a fala local, será melhor grafá-los *sei-ca* e *sei-que*. É eco da distinção que o

latim fazia entre as conjunções a introduzir subordinadas com verbos meramente volitivos (*ut*) e as que iniciavam as de verbos *declarandi* (*quod* ou *quia*). É traço arcaico galego. O uso extenso só subsistiu nas línguas românicas influenciadas pelo grego: romeno e dialetos da Itália do Sul (Rolhfs, *Estudios sobre el Léxico Románico*, Gredos, Madrid, 1979, pp. 246 a 249).

- 50      *Como un año recibírao.*  
69      *xa nunca mais separarnos,*  
70      *xa nunca mais desunirnos!*  
89      *solo nós, Rosa, faltamos*  
92      *para este dolor que eu sinto.*  
110     *de que eu mesmo me adimiro.*  
118     *olido deve ficar a causa da rima.*  
120     *os palotes que eu escrivo,*

### 23. ALÔ NO CORRUNCHINHO MAIS FORMOSO

Conto em 39 oitavas heroicas, como as de *Os Lusíadas* de Camões.

- 2      *que a luz do sol na terra alumeara,*  
4      *que os campiños do Edén se acomparara;*

Este *Edén* tem a pronúncia oxítone castelhana. Na nossa língua, *Éden* é paroxítone como no hebreu. O caso pede um arranjo possível. O decassílabo camoniano leva o tom na 6ª sílaba, que se logra com o reto regime de *comparar* e o troco do mais-que-perfeito por presente.

- 18     *nunca da louca sociedadá as vaidades,*  
43     *mentras no lar o pote sarpullente*  
47     *en compañía amigable e farturenta*  
59     *nen houbo ali a soberba que envenena,*  
60     *nin vano goce, nin fatal tormento,*  
66     *que uns ben y outros non mal foran vivindo*  
73     *orfo ende que nacera, a sorte triste*  
76     *naide na terra se topou tan solo*  
77     *de canto en polvo terrenal se viste*

Dous problemas: *polvo* e *viste*, castelhanos por *pó* e *veste*. Pôr aspas ao sintagma castelhano *polvo terrenal se viste* incorporaria uma nota estilística irónica ausente do original.

84 *que entraba polas fendas arresido.*

*Arrecido* “inteiriçado pelo frio”, só galego, de *arrecer*, documentado

desde o P. Sobreira (séc. XVIII). Para Coromines, de *\*(ar)rīgēscere*.

87 *que así lle din com bulra non escasa*

89 *En jamás o infeliz decir poidera*

Estranhava a Bouça Brei aqui Rosalia usar esse *en jamás* do que tanto se mofara, como castrapo dos que retornavam à terra. Além da parte que lhe toca aos editores na separação e na ausência do ditongo final, o que aí há é o galego *enjamais*, redução de *endejamais* “ainda nunca”, por sua vez redução de *ainda jamais*, como viu Coromines

93 *nin un pouco de amor, que donde houbera*

Para evitar a sinalefa eis o dicionarizado *adonde*.

94 *pobreza, e soledad e desventura,*

99 *y mais a caridá non se estendía,*

106 *con parsimonia concençuda e grave,*

108 *dos que din “Nunca dés do que ben sabe”.*

110 *porque era sobriedá santa e saudabe,*

Rosalia aqui privilegia a música (ritmo, aliteração e *rima*; eis *saudabe* morfologicamente mutilado). Nesta edição impõe-se a mesma ordem de valores, não tanto o exato conteúdo semântico, se subsiste algum contacto. *Suavidade* e *saúde* têm-no.

119 *¡Qué ir e vir dende o banco hastra a cociña!*

121 *Frijolada é fricolada* alterada pelo proximidade de *frigor*. Por sua vez, *fricolada* é intensificação de *fricol*, adaptação do francês *fricot*. Este nasce no séc. XVIII, e *fricol* aparece em Rosalia.

123 *y unha follíña de laurel cheirosa,*

126 *Sorça (sorsa)* sai aqui. Murguia glosa “adubo”, mas passou logo como o cast. *adobo*, que na América é “carne adubada”. Os léxicos galegos definem: 1º) “chacina, carne de porco picada e adubada

para fazer chouriços”, e 2º) “carne adubada em tarteira para comê-la assada”. O valor primeiro de “adubo” transparece no texto: *raxo* em *sorça*.

Por entender-se o *sorsa* do original ser forma do galego ocidental (que não interdentaliza o S pré-dorsal), a forma em geral dicionarizada foi a homóloga do galego restante, o que interdentaliza, mais prestigioso pelo acordo com o castelhano. Daí escrever-se em geral *zorza* /ʔOÅLR?A/. Na zona compostelana, C. Garcia regista o /SÓRSA/ rosaliano e também /SÓRŠA/. No Ogrove interdentalizante, M.<sup>a</sup> do Carmo Henríquez Salido regista /SOÅLR?A/. Nesta última vemos o Z- (?) inicial do *zorza* dicionarizado, que é frequente, ser fruto de assimilação regressiva. Aníbal Otero, no *Vocab. de S. Jorge de Piquim*, põe *zorza* na entrada, mas recolhe a var. /ŠOR?A/ de V. de Tavoada, que escreve *zorza*. Não põe marca de abertura aos O tónicos, dando a entender serem fechados. Aí acusa o peso do transmontano *surça*, que cita de C. de Figueiredo. Este contradiz outros testemunhos e a minha experiência.

As sibilantes das formas galegas flutuam entre três soluções: S pré-dorsal, ʔ interdental e S pré-palatal. Para reduzi-las a unidade é preciso partir do S pré-dorsal, alguns conservado, outros substituído depois por ʔ, enquanto noutras partes passava primeiro a apical e depois a palatal. Logo a grafia *sorça*, já de C. de Figueiredo, será a correta. A forma do Ogrove que interdentaliza (/SOÅLR?A/) e a lucense de V. de Tavoada assinalam claro que no tocante à consoante inicial ainda são frequentes as soluções não interdentais, sem contar as propriamente “sesseantes” e as transmontanas. Às avessas, o Ç interno, cifra de todas as pronúncias, admite qualquer decodificação, “sesseante”, interdentalizante ou africada (como supomos ser a transmontana).

A palavra não é velha na língua. Não cabe a qualificação de “ant.” que de Figueiredo lhe põe a *sorça*; será “desus.”, para notar precedência a respeito do *surça*: os timbres abertos do galego atual são-no menos que os abertos dos falares portugueses, que não sofreram interferências. Ao passar a palavra ao português do norte, o O aberto galego pôde ser interpretado como neutro ou mesmo fechado. Cabe imaginar que o isolamento e uma opinião ultracorreta completaram a deriva.

Também não se vê no galego do XVIII. Pelo que sei, não está no P. Sarmiento e contemporâneos. O labor léxico em campo galego então foi notável. É razoável pôr a origem entre o fim do séc. XVIII e os anos da invenção dos *Cantares Galegos*, que primeiro o testemunham.

Será fruto do convívio de galegos e ingleses nas guerras napoleónicas, empréstimo do ingl. *sauce* /SÕS/ “liquid preparation taken as a relish with articles of food (XIV)”, “piquant addition (XVI)”, que vira do fr. *sauce* “molho” (< lat. *salsa*). Houve aí galegos a aprender algo de inglês e ingleses a aprender algo da fala local. A sequência /-OR-/ em inglês realiza-se [Ō] aberto. Às avessas, o fonema /Ō/ aberto pode ver-se como realização de /-OR-/. Na boca do galego que quisesse falar inglês, o adubo pelo inglês chamado *sauce* /SÕS/, soava /SORS/. Adubos ou molhos há muitos, mas o dos chouriços, de que gostariam os ingleses, havia um só. Daí triunfar o nome específico, retalhando parte do genérico *adubo* (ou do vizinho *molho*). Antes de arraigar adiu o morfema de género feminino, talvez por *comida*, pelo castelhano *salsa* “molho” ou qualquer outra voz feminina afim. Teatro do empréstimo seria algum ponto das Rias, Altas ou Baixas. Depressa terá espalhado produzindo as variações nas sibilantes antes referidas. As palavras emprestadas são regularmente instáveis, de mudança acelerada, fonética e semântica. Assim na Galiza e em Trás-os-Montes. No fonético afetaram-se as sibilantes galegas, por uma banda, e as vogais transmontanas, pela outra.

127     *y a sangre das morcillas sustanciosa.*

Sendo *sangue* masculino, concordamos o adjetivo com *morcelas*, o que não dana o sentido.

128     *en fregada caldeira rebotando,*

*Rebotar* é mera confusão com o cast. *rebosar*, cruzado com o galego *rebordar*, por *transbordar*, *trasbordar*.

131     *por toda a vecindá se repetía*

135     *solo na chouza de Vidal n’había*

141     *naide á festa do porco o convidaba.*

145     *“¡Ay, quen fora riquiño um soyo dia!”*

146     *Tales eran decote os seus deseos,*

- 150 *Xa era vello Vidal, y os duros ceos*  
 153 *nin naide a tal festiña o convidara.*  
 159 *ir a dar donde daiba non topaban = ir dando...*  
 162 *Mas ay, pícaro mundo, mundo aleive!*

Enquanto palavra viva, não só literária ou jurídica, *aleive* foi substantivo e assim cumpre continuar. No castelhano, da locução *a aleve* (= à *traição*) saiu por crase o adj. *aleve*. A palavra castelhana é a que aí há. Para nós *aleive* é sinónimo de *traição*, donde o adjetivo *aleivoso*. Ora, de *aleive* pode vir a locução *a aleive*, paralela da castelhana antiga, e da qual há algum testemunho antigo. Sobre tal base o verso pode ficar com a mesma música e leve mudar do sentido: *mundo a aleive* vem ser *mundo [afeito a comportar-se] a tração*.

- 177 *trocou dun sopro a temerária sorte.*  
 180 *aló de Cais harencia que envidiara*  
 181 *o mais encopetado señorío.*  
 198 *cal s'ademira d'o mirar tan posto,*  
 201 *dinlle que tem risado pelo negro.*  
 205 *que nantronte o caris lle retorsía.*  
 211 *que entre ximidos e dolores nace,*  
 212 *y hastra a hermosura ven cando riqueza.*

A aférese de *até* é obrigada. Frequente no português moderno, também era no galego antigo nas formas bissílabas *tee* e *iêê*.

- 213 *compraze, com E paragógico pela rima.*  
 224 *que aló no seu caletre a adiviñara*  
 231 *y anque vano nin torpe pensamento*  
 232 *contra xentiñas tales meditaba,*

235 *Quinho* em galego é sinónimo de *porco*, nascido talvez da voz para chamá-lo. A tensão do grito dá aférese: *porquinho* > *quinho*. E apócope: *quinho* > *quim*. A economia articulatória fez o trânsito de *quinho* para *quiro*, como sabem bem os técnicos do canto.

- 239 *ate átono para a crase.*  
 242 *(Alabado sea Dios; Dios cho bendiga!*  
 243 *¡San Antonio cho garde!"; así escramaban*

254 *o suspiro postrer soa estridente,*

O proclítico *postrer* nunca foi nosso. Sim *postreiro*, castelhanismo antigo e escusado perante *postremo*. Por medida e ritmo cumpre pôr sinónimo bissílabo e oxítono.

258 *O difunto alí está repantigado,*

261 *pero non o chores que a el solo toca*

265 *el dormirá insensible eternamente.*

266 *Non cabe em si Vidal de tan contento,*

267 *o cheiriño do porco lle enlouquece,*

272 *que mesmo quer decir en lenguax mudo:*

273 *“Este si que che é un porco repoludo!”*

Alteração clara dos editores. O grã sentido rítmico de Rosalia não admitia *Este si...*, que rompe o decassílabo. Apesar da escola castelhana, sabia isso se dizer *Este é que che é...* Sem entender, mão alheia foi.

274 *Mais co coche Vidal soyo se encerra,*

279 *das voltas que dá o mundo se admira,*

Ouso tirar a sinalefa em *dá o* e a anaptixe de *admira*. Ainda bem, pôde manter-se ritmo (acentos 2<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>) e medida.

286 *cun varal de morcillas ben cargado*

287 *que a pouco de cargado se rompía,*

310 *mais sempre esta historiña foy quedando,*

313 *muda sole quedar máis de unha boca.*

## 24. MENINHA, TU A MAIS FORMOSA

Heptassílabos narrativos com rima assoante nos pares, sobre o tradicional tema da “rola, emblema da fidelidade além da viuvez”.

Em geral neste e noutros poemas, o popular *ti* (ou *tu*) faz sinalefa com a vogal seguinte.

1 *–Meniña, ti a mais hermosa*

9 *¿Quén eres,...*

23 *Mais, d’onde queira que seas,*

33 *que con ecos tembradores*

- 39        *mentras ti choras e choras*  
 55        *para un dor que non ten cura,*  
 59        *y o polvo que nelas mora*

## 25. CASTELHANOS DE CASTELA

Diz Bouça Brei que a cantiga popular glosada por Rosalia foi publicada em agosto de 1858 em *La Época* de Madrid nesta variante: *Castelhanos, em Castela/ estimai bem os galegos;/ quando vão, vão como rosas,/ quando vêm, como negros*". Fora a incorreção política do racismo, própria de um tempo que ainda não reconhecera a problemática nos extremos do séc. XX, a quadra tradicional é linguisticamente mais correta.

2        O arcaico *tratade* aparece às vezes antes por decalque do cast. *tratad* do que por tradição. Mas aqui, na quadra é tradicional e obrigado.

- 4        *vêm aqui é monossílabico.*  
 14        *e saramagos lle deron;*  
 16        *peniñas por alimento*

Vai-se a rima entre aquele *deram* e este *alimento*, mas é melhor que perder a força expressiva da quadra. O mesmo nas quadras vv. 49-52.

- 23        *qu'está de dolor ferido,*  
 25        *Morreu aquel que eu quería*  
 26        *e para min n'hai consuelo.*

Transparece o sintagma folclórico do castelhano *para mí ya no hay consuelo*. Cabe traduzir ou destacar nos tipos. O destaque acresceria uma nota expressiva que o original não tem e que enervaria o verso. Se quadra verter, tem-se que dar com a palavra que verta *consuelo*.

*Sossego* dista de perfeito, mas não sei de nada melhor.

- 28        *a mala lei que che teño.*  
 32        *qu'ir a pedirvos sustento.*  
 36        *dádesllo envolto em veneno.*  
 40        *con un caudal de despreços.*

44 *tratádelos como negros.*

A atualização morfológica atenua a incorreção política, que, repito, não era igual então. De passagem alitera-se.

49 Eis a versão do *Álbum de la Caridad*. As edições posteriores põem

*En trós de palla sentados*, versão que cabe duvidar fosse a de Rosalia. *Trós* “assentos” não existe; é um hipervernaculismo dos que pululam nas falas galegas modernas (nos registos escritos). Certo o hápax *trõo* vir nas Cantigas de Santa Maria, mas decerto não passará de licença versificatória, como prova os pares românicos serem sempre vozes eruditas, bem que regularmente antigas. *Trono* “assento” aparece inúmeras vezes na língua antiga e continua a ser a só realmente viva. Menos existe o *trós* “feixe, molho” que pegou a correr nos dicionários a partir de uma má leitura da segunda versão. Também não cabe confundir *tronos* “assentos” com o aberrante *trono* “trovão; trom” que no galego dalguns decalca o cast. *trueno*.

50 *sin fundamentos, soberbos,*

A rima perde-se nesta edição. Veja-se os vv. 14 e 16.

61 *Solo peçoñosas charcas*

62 *suelo*, por de Castela, pode ficar com destaque. Traduzir não é fácil.

68 *de prantas cen semilleiros.*

69 *Nin arbres que che den sombra,*

77 *En verdad non hai, Castilla,*

82 *¡Nunca tal houberas feito!*

87 *por seco polvo que nunca*

89 O pronome oblíquo é traço galego em *onde a mim*, grafado usualmente *onda mim*.

90 *sin dor do meu sentimento,*

A reintegração plena pede rima assoante em EA nos versos pares.

91 *y aló a vida che quitaron,*

Em boa medida este texto seria octossílabo (eneassílabo castelhano).

92 *aló a mortiña che deron.*

Ver o verso anterior.

94 Ver nota do v. 26. Não há tradução perfeita, mas *sossego* recobra muito do campo significativo e expressivo do cast. *consuelo*. Aliás, *sossego* difere semanticamente do homólogo cast. *sosiego*.

98 *farto de dolor o peito,*

### A GAITA GALEGA

5 *que ante de min cruzar vexo*

12 *que cán nas tembrantes ondas;*

13 *en vano baila contenta*

17 *que eu podo decirche*

28 *donde o ben de Dios rebota*

29 *e dond'anxiños hermosos*

33 *grilós de ferro arrastrando*

34 *antre sorrisas de mofa,*

44 *fráxiles, tristes e soias,*

46 *aló nunha mar traidora.*

*Mar* nunca é feminino na língua e poucos sinónimos deste género há.

60 *cando eres, (ay!, tan hermosa.*

64 *nay sin corazón se noma.*

*Noma* decalca o cast. *nombra*, quer dizer, *nomeia*. Cumpre substituir.

67 *naide os teus prantos enxuga,*

84 *mais é unha esperanza louca;*

88 *c'á cruz qu'ó seu lombo agobia,*

98 *de amargas penas tan fondas.*

102 *se acorda* concorda elípticamente com *cantar*.

108 *verás que che di en resposta*

## 26. VEM-TE, RAPAZA; VEM-TE, MENINHA

Como outras vezes (v. g. no primeiro poema) seguiríamos a sugestão de Carvalho Calero de editar estes versos como o que são: *quase* todos de moinheira ou gaita galega, com cada hemistíquio escrito como um verso. Mas o *quase* determina não tocar a decisão de Rosalia. Aí copia frases folclóricas e fórmulas infantis merecedoras de estudos monográficos.

4            *no pilon da fontinha*

É forçoso deixar o castelhanu *pilom* em estado cru? Bem pode ir aqui o desusado *pedrão*. Mudado para *padrão* e especializado em aceções particulares, ficou disponível e não vejo razões que tolham aplicá-lo.

38           *a que Antona te peite;*

Obrigado pela rima, *peite* parece decalcar o cast. *peine*. Logo o correto seria o geral *peinteie* ou o dialetal *peiteie*.

Mas suspeito que, na difusão de *peitear*, e deste \**peitar*, o que há é o resultado final nos falares galegos do *peitar* “pagar (tributo, suborno)”, que, debilitado como *pagar* em “satisfazer”, veio fundir-se com *peitear* “pentear”. *Peitear* acantou *pentear*, bem documentado na Galiza, e *peitar* “satisfazer” apagou-se sendo “satisfazer penteando”.

Ao cabo, o melhor será deixá-lo como está e interpretá-lo assim: *Corre a que Antona te peite, que te brinde a satisfação do penteado*. Não é obstáculo hoje no português geral *peitar* ser “pagar suborno”.

62           *¡Non me teño ca risa!*

66           *fricol* vem do francês *fricot* “guisado”.

69           *quês*, forma popular por *queres*, está em Gil Vicente.

73 e 74    *-¡Turra, turra, / Xan, pola burra!*

M. L. Wagner alumiou as obscuras relações do galego *turrar* “pu-xar, atrair para si” com o português geral *turrar* “bater com a testa”. Para abreviar diga-se na base estar o vulg. \**torrãre*, por *torrêre* “ressequir”. *Tor-rar*, além da acepção principal, cobrou provavelmente a de “atordoar(-se) pelo sol”, depois simplesmente “atordoar(-se)”. Disto testemunha o castelhanu de Berceo *turrado* “atontado”. O vocalismo, propagado desde as formas átonas, não é problema. Ora, há uma explicação do silêncio posterior das fontes e da dispersão semântica. *Turrar* “atordoar” (o U mos-

tra a desvinculação com *torrar* “ressequir”) era voz de vilões, aplicada às suas lutas, desportos isentos de qualquer prestígio e logo indocumentados. Variantes americanas das lutas populares, ainda mal vistas, têm o lance importante do golpe de cabeça, aplicado prendendo o adversário e puxando-o violentamente. Eis os dous aspectos do lance separados, “atordoar o adversário batendo-o com a cabeça” e galego predominante “puxar, atrair para si” (“investir de cabeça” também se usa). Falta encher o vazio dialetal: eis o platino *atorrante* “vagabundo, que vive sem trabalhar”, de *atorrar* “estar quieto”, canário “id.”, salvadorenho *aturrado* “tolhido, impedido”, que como diz Coromines, abonam uma palavra americana dos falares hispânicos ocidentais.

76 O galego *apurrar* “açular” é irmão de *empurrar*, cuja acepção prima, antes que “empuxar”, é “impingir, obrigar a aceitar”. Os dous vêm do lat. *porrigere* “estender (adiante)”. O asturiano *apurir* “alcançar (ao que é distante)” regista a mais velha forma românica. Daí os metaplasmos \**apurriar* e \**empurriar*, donde os atuais *apurrar* e *empurrar*. Para “açular” em galego registam-se, entre tantos, *apupar*, *enriçar* e *empurrar* (que também é “impingir”).

85 *Churro* e *churdo* têm igual origem pré-romana. Coromines assinala o rumo, mas freia a pesquisa a incerteza do exato sentido original: “ruim”?, “sujo”?, “tostado”? O que pode dizer-se com segurança é que o étimo teria a forma \*TSURRO-, de R geminado, não múltiplo.

87 *Cás-qui-tó!* serve para afastar porcos. *Cás* reduz o freq. *cache!* ou *coche!*, que também serve para chamá-los. *Qui* e *quim* são reduções do já visto *quinho*, logo vocativo, e *tó!* serve em geral para deter qualquer animal (ovino, bovino, suíno ou cãida).

90 Na edição anterior preferi grafar *çurinha*, influído pela história dos pares castelhanos: *çurita-zurita*, *çurana-zurana*, etc. Além do vínculo histórico dessas palavras e aquém da incerta etimologia, ora é claro que quadra grafar com S-. *Surinha* é singelamente o adj. *suro*, -a “sem rabo ou cauda”, sem par conhecido no castelhano histórico, que só tem derivados especiais. As *surinhas*, de cauda cortada, são as que, tolhidas de voar, só podiam ser domésticas.

98 *que o peixiño lle gusta!*

*Gusta* é castelhano inaturável. Parece agora melhor perder a rima e substituí-lo pela forma *gosta* com o regime próprio.

108 *nudo* (por *nó*) mantém-se pelas razões de 26. 49.

117 (*Malo de aquel...*)

125 Para Coromines *isca* viria do lat. *exeat*, de *exīre*, com par provável no catalão. Do imperativo *exi* veio *exe* no cast. ant. e parece haver galego *is*, com abonações insuficientes.

132 *Cas*, redução proclítica de *casa*, abundou no séc. XIII e continuou a existir ao menos até o séc. XV nos textos formais. Popularmente perdurou, na Galiza e no Norte. Tal qual dantes, hoje pode ou não levar *de*: *ir cas da mãe* ou, como neste caso, *ir cas a mãe*.

## 27. QUANDO A LUINHA APARECE

14 *que tocan en sons de morte,*

Perde-se o cavalgamento, mas melhor verbo rege *em sons de morte* e abre-se o espaço deixado pelo anómalo *din*.

15 *y ó coraçõ din: "N-olvides*

20 *Vai relozem* (no original *relosen*) pela rima OE, apesar de *reluzir* não alternar vogais. Mesmo nos falares galegos o normal é *reluzem*, sem prejuízo da presença analógica de *relozem* nalgum caso.

21 *Aló as montañas confusas*

25 *En vano miro e máis miro,*

26 *qu'os velos da negra noite*

29 *¿Qué fas ti mentras, meu ben?*

30 *Dime dónd'estás, en dónde,*

55 *¡Que este é o pago, desdichada,*

57 *Mais ¡qué importa!, ben te quixen...*

58 *Querreite sempre... Así compre*

61 *Aí tés o meu coraçõ,*

Há uma sílaba demais. Em quadra folclórica cabe, teoricamente, pôr mão e regularizar com cá em vez de *ái*. No ambiente prosódico castelhano, Rosalia (ou os editores) não notaria o pormenor.

64        *tamén si ti o matas, morres.*

## 28. COMO CHOVE MIUDINHO

Anterior a 1862, como todos os da primeira edição do livro, é também o último dos seus grandes poemas líricos, além dos folclóricos ou nacionais. Foi escrito em momento crítico, para fins do verão de 1862, em Lestrove, nas *Torres da Ermida* da tia Maria de Castro (avó materna de Alexandre Pérez Lugim), onde se retirara trás a morte da mãe, a 24 de junho desse ano. A voz que fala é a dela mesma sem disfarce nenhum. Com projeção romântica, na paisagem lê seu passado, partindo da quadra popular que fala no seu torrão. Diz Bouça Brei, “a cantiga glosada é bem popular no vale de Padrão, ainda que mais correta que a rosaliana é a versão que diz: *pelas branhas de Lainho*, não só por ser menos monótona mas porque põe Lainho “pela banda de Lestrove”, como é certo”. Mais exata sim, mais monótona não, com o seu melancólico paralelismo.

**Como chove miudinho, / como miudinho chove;  
pelas branhas de Lainho, / pela banda de Lestrove.**

Mas a sua grandeza estriba, como diz Poullain, em que do entorno somente parte. Às vezes, o pretexto da paisagem não serve a descrever o estado de ânimo, mas para contrastá-lo. O orvalho galego, em Santiago triste, em Padrão é alegre nas primeiras estrofes (vv. 16 a 25). Mas já vêm memórias melancólicas. Uma nuvem veloz confunde-se com a memória da mãe, sem se saber quando duma passa à outra, para cair na conta da identificação no verso 46. Depois, torna a pintar a paisagem em intuito objetivo, e a animação que lhe imprime atinge alto grau poético, novamente comprazido. A terra própria é consolo e encanto. Mas a terra é mãe, e torna a evocar-lhe a carnal. Foge da melancolia na memória do

amor, e reverte a memórias infantis gratas. Na casa dos avós volve para a mãe (*viuvinha abandonada, amazona malferida*). Tempera a dor com o orgulho de um idealizado passado familiar de virtudes modélicas, o que acaba por trazer o recorde da sua decadência, em acentos grandiosos, que têm importante chave de interpretação no popular e doestado romance *A Casa da Troia*, de P. Lugim, seu parente por parte de mãe.

O poema, como uma sinfonia, entrecruza motivos diversos, e conclui com um hino à luz, rubricado com um *arco de íris* que ao cabo quer significar o retorno da paz.

Além da quadra folclórica modulada, o poema consta de 44 quintilhas de heptassílabos com rima consoante, aqui difícil de manter, de esquema *abaab*.

6 Não se pode manter a rima consoante sem trair o sentido do original. Isto hoje não é tão crítico como seria no tempo da autora. Em vez de *abaab*, teremos *abccb*, sem grande dano.

7 *truba o sol que inquieto aluma;*

*Aluma* decalca o cast. *alumbra*, mas não existe. *Alumbrar* é castelhanismo que entrou na língua geral há tempo; logo cabe recorrer a ele.

8 *cal o crube y o descrube,*

9 *pasa, torna, volve e sube,*

13 *desteñida, sombrisada,*

23 *en frotantes ondas pasa.*

29 *os herbales de Laiño!*

O adj. *ervados*, algo incidental, quadra pela medida e o ritmo.

32 *ceo azul lose na Adina,*

De novo a alternância vocálica a invadir analógica e modernamente, os verbos em *-zir*. Tem remédio fácil, sem dano, adindo E paragógico ao normal *luz* (3<sup>a</sup> sg. de pres. de indicativo de *luzir*).

47 *de mi máa, soya vagando*

*Mi má* é castelhano da Galiza, a língua de Rosalia com a mãe. O que nota a fundura do ponto de partida quando decidiu virar. O cancro que a levou é a lazeira desesperada da língua na Galiza do séc. XIX.

Lídimo é *mamãe*. Restitui-lo? Deixar o testemunho em poema de certo autobiográfico? A etimologia pode guiar. Há poucos estudos e a documentação não é antiga: Moraes, 1813. Hoje *mamãe* é brasileiro e galego. Em Portugal a forma é *mamá*, que, apesar de Machado, cuida vir do fr. *maman*, que no castelhano também levou a substituir, no séc. XVIII, o velho *máma* pelo atual *mamá*.

Na língua infantil, prima articulação é *má*: abrir a boca deixando ir o ar por aí e pelo nariz, e vibrando as cordas vocais, quer dizer, oclusiva labial sonora, oral e nasal, e vogal máxima. Esse som vira signo ao associá-lo o infante à primeira pessoa que conhece, a mãe. Assim nas mais das línguas: daí indo-europeu \**mātér* e latim *māter*, com sufixo doutra origem. Do latim veio-nos *madre*, hoje acantado a aceções particulares. Aí de novo influiu a língua infantil (não de infantes, mas de falantes incipientes) ao reduzir *madre* a \**ma'e*. Ditongado e nasalado, isto chega a *mãe* já antes do séc. XIII.

Diz-se *maman*, *mamá* e *mamãe* virem da fala infantil por duplicação. O cast. *mamá* é o velho *mama* (lat. *mamma*) influído no séc. XVIII pela forma francesa. *Mamãe* será outro. Não é o lat. *mamma* (haveria eco, sem documentos; é geral na România), e o ditongo não é francês. Ser brasileiro e galego (*mamaí*) é indício de antiguidade medieval. A meu ver, virá duma forma nova, o medieval \**ma mãe* “minha mãe”, com possessivo proclítico átono e reduzido: lat. *mea* > *mia* > *mha* > *ma*. \**Ma mãe* foi *ma-mãe* ao desaparecer esses proclíticos átonos.

*Mi má* não seria outro que a tradução ao castelhano da Galiza de \**ma mãe*, cuja análise foi consciente longo tempo. *Mi* é claro; *má* adequa *mãe* tirando-lhe o ditongo. Isto antes de *mãe* ser substituído no oeste galego pelo dialetal *nai*, cruzamento com *nana* (Coromines). Se esta fosse edição crítica, deixar *mi má* seria obrigado. Mas sendo de clássicos da língua, os valores da língua e da palavra poética primam.

52        *revolvendo o seu ramaxe,*  
53        *que por bon do Rey se nombra.*  
55        *roge e estala de coraxe.*

Em boa prosódia excede a medida.

61 *Vexo Valga á beira hermosa*

66 *A San Loys vexo brillando*

71 *Y a Padrón,...*

73 *froita en frol da que eu quixerde,*

Bem que se dane a rima consoante, *quixerde* não existe. Sem trair a autora, só cabe adir E paragógico a *quiser* para atenuar a mudança.

75 *baix'un manto de resío.*

80 *Palomiña, (voa!, (voa!*

Acerca de *palomiña*, veja-se 6. 7.

83 *que nas da arboleda umbría*

84 *Vaixo un toldo d'alegría,*

87 *¿Ti paisax mellor alumas? Ver o dito no verso 7.*

100 *quen baix'o seu céu se crobe!...*

105 *por quen fóno amamantados.*

113 *O teu chan de amor prefiero.*

Em vez do cast. *prefiero*, é legítimo pôr a equivalência coloquial de *preferir*, que é *querer mais: mais quero*.

117 *nun paisax de prata e rosas,*

Aqui é preciso substituir *de prata e rosas* por uma aposição.

122 O ant. *campã* vive em Sárria (Crespo Poço) e no dim.

*campainha.*

125 *que en xamais podrán ser vanas!*

162 Com dó pomos *cavalheiro* em vez do *cavaleiro* que o corpo pede.

164 *vaixo os priegues d'o seu manto,*

165 *cobexaba ó pordioseiro.*

167 *ressoavam, como semeavam* em 170, é aqui voz trissíla-

ba.

169 *rico fruto da semilla.*

Não se pôde manter a rima em *-ela*.

187 *qu'a trubar naide alí chega,*

193 *Mais detrás dun son tan vano*

200 *neste mundo de dolores.*

202 *que de aqui tan soya miro,*  
205 *Ti xa n'és mais que un sospiro!*

## 29. MINHA SANTA MARGARIDA

13 *xilmendo.*

O P. Sarmiento traz *gil-mendo* e *gil-mendro*, paretimologias dos nomes *Gil* (proclítico de *Egídio*) e *Mẽendo*, *Mendo* (de *Hermenegildus*). É paralelo botânico de *meimendro* (*milimindrum* em S. Isidoro). Logo é provável étimo *\*silimindrum*, pré-romano céltico, antes *\*silomindron* “fruto da pevide, da semente”. Sendo pêssego, fruto que a tem de grã tamanho, a hipótese não parece fantasia. Mas, ao ser etimologia incerta, deve respeitar-se a grafia do P. Sarmiento, única de certa tradição.

25 *Solo a Virxe é mais hermosa*  
26 *qu'eres ti, bendita Santa,*  
37 *Onda ti, lonxe do mundo,*  
42 *tan bom aire se respira,*

## 30. ALVORADA

O intuito de sugerir graficamente a música da *alvorada* vela haver, sob o arranjo gráfico, uma estrutura métrica diversa da impressa, velada mas nem por isso menos real. A música das *alvoradas* é folclore fixado e pareceria prestar pouco sugeri-la, salvo a forasteiros. Ora, alterar nas três estrofes críticas a disposição que Rosalia pôs seria traí-la. A cadência sugere um balanço, uma ênfase de solene conjuro mágico. A 1ª estrofe pode ver-se assim, com três heptassílabo e um tetrassílabo.

Vai-te, noite, vai fugindo.  
Vem-te, aurora, vem-te abrindo  
co teu rosto que sorrindo  
a sombra espanta!!!

A 2ª, trás um cavalgamento na rima, sete pentassílabos:

Canta!,  
passarinho, canta  
de polinha em pola,  
que o sol se levanta  
pelo monte verde,  
pelo verde monte,  
alegrando as ervas,  
alegrando as fontes!...

A 3ª alterna quatro heptassílabos e três monossílabos:

Canta, passarinho alegre,  
canta!  
Canta porque o milho medre,  
canta!  
Canta porque a luz te escoite,  
canta!  
Canta que fugiu a noite.

A 4ª tem treze trissílabos e um monossílabo:

Noite escura  
logo vem e  
muito dura  
co seu manto  
de tristura,  
com meigalhos  
e temores,  
agoireira  
que é de dores,  
agarimo

de pesares,  
cobridora  
em todo mal.  
Sal!...

Na 5ª há catorze trissílabos:

Que a aurorinha o  
céu colora  
cuns alvares  
que namora,  
cum semblante  
de ouro e prata  
tingidinho  
de escarlata.  
Cuns vestidos  
de diamante  
que lhe borda o  
sol amante  
entre as ondas  
de cristal.

A 6ª, quatro heptassílabos e três tetrassílabos alternados:

Sal!... Senhora em todo mal  
que o sol já brilha  
nas conchinhas do areal;  
que a luz do dia  
veste a terra de alegria;  
que o sol derrete  
com amor a escarcha fria.

A 7ª é de três heptassílabos e um trissílabo:

Branca aurora vem chegando  
e às portinhas vai chamando  
dos que dormem esperando o  
teu fulgor!...

A 8ª, um monossílabo e sete heptassílabos:

Cor...  
da alva boa lhes estende  
nos vidrinhos carinhosa,  
onde o sol também suspende,  
quando alô no mar se tende  
de fogaj' larada viva,  
depois leve, fugitiva,  
triste, vago resplendor.

A 9ª é complexa. Rosalia, pelo ritmo rápido que quis sublinhar, pôs versos curtos: 4 bissílabos, 2 pentassílabos, 1 hexassílabo, 2 heptassílabos, 6 trissílabos, 2 monossílabos e 1 tetrassílabo. Mas além do ritmo, pode haver outros metros. Respeitando a vontade da autora, cabe ver possibilidades:

Cantor dos ares, passarinho alegre,	- decassílabo de gaita galega
canta,	- monossílabo
canta porque o milho medre;	- heptassílabo
cantor da aurora, alegre namorado,	- decassílabo de gaita galega
às ninas diz-lhe que já sai o sol dourado,	- dodecassílabo de gaita galega
(ou às meninas diz-lhe que já sai o sol dourado	- pentassílabo e heptassílabo
que o gaiteiro bem lavado,	- heptassílabo
bem vestido, bem penteado,	“
da gaitinha acompanhado,	“
à porta está!...	- tetrassílabo
Já!...	- monossílabo

Na 10ª estrofe (penúltima; 4ª da segunda parte) cabe ler os versos tanto como sete heptassílabos quanto como catorze trissílabos.

A 11ª tem quatro dodecassílabos ou alexandrinos românticos:

Arriba todas, rapazinhas do lugar,  
que o sol e a aurora já vos vem a despertar!  
Arriba!, arriba!, toleirona mocidá',  
que atrujaremos, cantaremos o ala...lá!!!

- 31 *agoreira*  
32 *de dolores,*  
39 *cuns arbores*  
71 *d'alba hermosa*  
75 Na métrica que aqui vê tribissílabos, é preciso separar *também*.  
79 O mesmo em *larada*. E apócope de *fogagem*.  
93 Se sob as *meninhas* se agachasse *nenas* ou *ninas*, a linha *às ninas diz-lhe que já sai o sol dourado* seria um verso longo de gaita galega.  
116 *Ruar* “andar na rua a divertir-se ou cortejar” desde Sobreira, XVIII.  
123 Divisão pela música: *que atru-/jaremos*, Sem acento não é verso.

### 31. EU CANTAR, CANTAR, CANTEI

- 3 *que nunca (delo me pesa)*  
7 *cal fan aqués que non saben*

O *aqués* do original é forma popular de *aqueles*, esporádica e analógica. Em Portugal às vezes na forma *aqueis*.

- 11 *fun botando as miñas cántigas*

Onde a tradição da palavra *cantiga* se perdeu, houve confusão paretimológica, na Galiza frequente nos escolarizados. Mas é certo existir

*cântega*, palavra semi-erudita e ao cabo paretimológica. A documentação é de fins do séc. XIX (Valadares).

22 *da terra as prantas hermosas,*

23 *as niebras de cór sombriso*

31 *Esto e inda máis, eu quixera.*

Na leitura rígida sobra uma sílaba.

37 *que ás veces por fora ún canta*

O pronome indefinido *um* é menos frequente que *uma pessoa* para aludir em 3ª pessoa ao sujeito que fala. Mas a frequência no castelhano invade as falas galegas. Aqui rompe o ritmo dos acentos.

38 *mentras que por dentro ún chora.*

## 32. MINHA SANTINHA, MINHA SANTAÇA

Quase todos eneassílabos de gaita galega, pareados no poema de Rosalia. No original cada hemistíquio numa linha; aqui põem-se os dous numa.

11 *Así a meniña traballadora*

Na encruzilhada de deixar *assi'* ou substituir *meninha*, opta-se pelo segundo, menos irregular e mais atual.

12 *os punteados depende hora.*

É ocioso manter o hiato que produz *ora*, remediável com *agora*.

17 *boca de reina, corpo de dama,*

Se se quer evitar o castelhano *reina*, não há outro que fazer *rainha* um ocasional determinante ou adjetivo.

18 *cumpre-lhe depende de corpo; fogem, de costureiras.*

19 –*¡Ay, rapaciña, ti tél-o teo:*

Mantém-se a assimilação do verbo com o artigo em *ti té-lo teio* para destacar a música da frase folclórica. Noutro contexto quadra grafar *tu tens o teio*. *Teio* “doença neurológica de ovelhas e cabras que lhes faz dar voltas e cair”. Metaforicamente “arrebato alucado das pessoas passionais”. Como se disse, *Tu tens o teio* é frase cunhada que, na forma local *ti tê-lo teio*, entra em cantigas populares, como

Meninha, ti tê-lo teio;  
dormes fora muitas noites  
por causa do parrafeio.

20 Aqui e alhures Rosalia repete locuções populares de duplo sentido: *Se é das que dormem entre o centeio e sedas que dormem entre o centeio*. Bouça Brei hesitava como grafar. Optou *sedas que dormem entre o centeio* pelo paralelo dos seguintes versos, lama e seda limpa. Outro é a questão do timbre aberto de *se é das...* perante o fechado de *sedas*. Além de certas perdas do sistema fonológico no galego médio, ainda está em debate como o lat. *saeta* pôde dar *seða*.

25 sos do original é a forma contracta popular *sôs* (por *sois*).

26 *decindo cousas que fan ferida.*

Não é evitável a forma contracta *fan*, que grafamos *fã*.

27 *Falaime solo das muiñeiras,*

29 *de aqueles puntos que fan agora*

34 *que andar rachada no-o mando Dios.*

*Deôs* é alteração por licença do tom do arcaico *Deos* bissílabo.

40 *roubouno un majo da faltriqueira,*

Outra vez *guapo* pelo castelhano *majo*.

43 *Costureiriña que a majos trata!*

45 *Mocidá rindo, vellez chorando...*

49 *–Deixade as herbas, que o que eu queria*

51 *¡Y ali com aire dar cada volta!*

55 *Non vos metade pedricadora,*

58 *facede os puntos, y eu adeprendo.*

60 *Miray que o pido chorando a mares.*

64 *os enemigos faranlle espanto,*

68 *tanto truara nas romerías,*

*Truar* “divertir-se” aparece aqui, e daqui parecem tirá-lo os dicionários. Será cruzamento de *ruar* com *truão*.

72 *quen che deprenda tan mala ley.*

*Deprenda* “ensine” é trissílabo

## 33. DISSE-ME ANTEONTEM O CURA

Poema de estrofes complexas. Parecem ser de três heptassílabos e um trissílabo ou tetrassílabo, este como segundo verso. A razão do arranjo é que há quatro rimas nas estrofes: *abab*, diferentes em cada uma. Mas na verdade, o primeiro heptassílabo e o seguinte verso curto compõem um hendecassílabo, como nota a oscilação do curto entre trissílabos e tetrassílabos. O arranjo gráfico é convencional e direito inalienável da estética da autora. Para respeitá-lo, pomo-los em linhas diversas, mas na posição que ao curto lhe caberia se fossem juntos.

1 *Díxome nantronte o cura*

O *nantronte* original cruza *noutrontem* com *antontem*. O *noutronte* dialetal, sem nasalidade final, foi a primeira ideia.

5 *Dalle que dalle ó argadelo,*

No original *argadelo* rima com *naquelo* do v. 7. *Argadilho* e *naqui-lo* guardam a rima. *Argadilho* é homólogo do cast. *argadijo*, entanto que *argadelo* é par do cast. *argadillo*.

10 O dialetal *cunca*, por *conca*, é preciso pela rima.

12 *din que acaba tarde ou nunca.*

Com *diz* não se perde música, mas vai-se parte do carácter pessoal.

13 *Canto mais digo: "Arrenegado!"*

*Quanto mais* é alteração certa dos editores ao não entender a sintaxe; não é heptassílabo. O finíssimo ouvido de Rosalia nunca cai nisso.

17 *Mais ânsias teño, mais sinto,*

22 *a verdá digo,*

24 *como m'atenta o enemigo.* A leitura literal adiria uma sílaba. Sob o texto escrito transparece o virtual com o galego popular *nemigo*, de cunho arcaico.

29 *Nin podó atopar feita,*

33 *Din que pares lagarteiro*

35 *se é verdá, jmeu lagarteiro*

48 *enriba da herba mollida.*

Foi preciso pôr voz trissílaba que rimasse em *-ida*. Porque *mollida* é o castelhano *mullida*, do verbo *mullir* “amolecer; afofar”. No galego há só rastros do lat. *mullire*: os substantivos *molida*, *molido*, são diversas almofadinhas. Mesmo há *molir* verbo, mas só é “pôr calço entre os silhares da construção”.

52 *como brisa mareeira. Mareeira* está pelo adj. *mareira*, trissílaba.

69 *Mentras que assí o contempraba*

70 *rebuleu*

83 *dixen: “Se ele non me namora,*

87 *Mentras o meu coraçõ*

88 *quérelle anque sea pecado.*

93 *E que queira que non queira,*

95 *y á postre y á derradeira.*

A locução adverbial *a la postre* é só castelhana.

101 *Por eso, anque o cura dixo*

A rima entre os dialetais *dixo* e *fijo* é difícil de substituir. Escassas são as alternativas, se se quer guardar o sentido. Ao cabo optamos a assonância de *quer* “julga” com *fez*.

103 *mal que tanto mal me fixo,*

### 34. QUE TEM O MOÇO?

A luta dos sexos – que quer armistício – tem genial reflexo nestas estrofes. A pergunta lamurienta e surpreendida expressa-se em dous tetrassílabos seguidos. Entre estes pares, quatro versos longos contrastam em conteúdo e forma: a um eneassílabo anapéstico contrapõe-se um hendecassílabo seguinte, e de novo. Excetuam-se os dous versos folclóricos glosados, situados quase no cabo da primeira metade: *pela manhã*, *carinha de rosa*, *pela tarde*, *cara de cão*, um eneassílabo diferente e um heptassílabo.

6 *y aló pola vila nin fala quisais...*  
10 *por onde eu andare seguíndome vay*  
11 *nin hay sitio dond'eu non atope*  
12 *un Bras con cirolas y os zocos n aman.*  
18 Apesar do X em *maxestá*, é claro aqui o sintagma caste-

lhano *su real majestad*

31 *¡mala xuntanza*  
33 *¿Qué di a meiguiña,*

Para manter medida e ritmo, ante a sinalefa em *di a*, cumpre tirar adesiñencia diminutiva.

34 *qué di a traidora?*  
46 *eres traidora.*  
49 *¿Cales auguas repousan serenas,*  
63 *iguales semos,*

Forçado fora pôr o arcaico e trissílabo *iguaes*. O adj. *símile* tem igual medida e ritmo, além de aliterar.

### 35. SE A VER-NOS, MARICA, ANTEONTEM VIERAS

Quadras de hendecassílabos com rima nos pares. Com acentos na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas, estes hendecassílabos não são outro que o verso de arte maior restaurado, logo com cesura entre os dous hemistíquios.

1 *Si a vernos, Marica, nantronte viñeras*

Em *nantronte* cruzaram-se *noutrontem* e *antontem/anteontem*. Parece melhor optar o primeiro, mais regular que *nantronte*.

8 *iamos, vinhamos,...* com pronúncia dialetal paroxítona.  
11 *todiños peneques,*

*Peneque* “bêbedo” era então voz de gíria, vinda do gascão através do aragonês, e hoje é castelhano. *Caneco*, além de vivo no meu galego familiar, é mais próximo do sentido presente: “alegre pela bebida”, como nota o hemistíquio a seguir.

12 F. Bouça-Brei diz desconhecer a cantiga donde Rosalia tomou o refrão, mas que o certo é que a senhora aludida não é a Virgem

Maria, como creram editores póstumos, mas a dona citada na terceira parte. Contudo, também é certo a falsa equação arraigar no poder mítico do arquétipo. Chega reler, à luz do poema, o episódio de Tom Bombadil e a Senhora Baga-d'ouro, de *O Senhor dos Anéis* de Tolkien. 13 Aqui confundira-me. Os léxicos galegos definem *brandida* como “copiosa; ostentosa”, o que antes cri ser o fruto do lat. *blandīta*, part. de *blandior*, *-īris* “louvaminhar, favorecer”, verbo de origem obscura, talvez céltica. Agora, cuido ser simplesmente o particípio de *brandir* “agitar”, sem excluir um possível cruzamento com o verbo latino.

18       ...*piando e inda máis,*

Aqui sobra uma sílaba.

27       *xordiña quedara falando por sete,*

Aqui não pode ir *quedar*: a senhora fala por sete, o que não é quieto.

35       *¡Que festa, Marica!... Todiños peneques.*

Ver o dito no verso 11.

### 36. SÁBADO A NOITE

Este e o poema seguinte salvaram-se da queima de inéditos que Rosalia ordenou antes de morrer.

Gira arredor do *Deus dá nozes mas não as parte*. Doesta a preguiça e a devoção passiva. *Marica* é arquétipo da preguiçeira. O homem, *Jão sem Terra* de alcunha, *Mingos* de nome, é tão arquetípico quanto ela Heptassílabos. A rima *abba* muda cada quatro versos.

7       *Luns*, antigo, preservou-se na Galiza, em coexistência com *segunda* (-feira), certamente pelo peso do castelhano.

15       *Mércores... ¡Non digo eu!*

*Mércores* tem a mesma explicação que *luns*, mas aqui é substituível.

19 *¡ É xueves!... N-hay que falar.*

Aqui é claro *xueves* não ser relíquia medieval, mas castelhanismo.

23        *¡Y o viernes!* Ver o dito em 19. O *venres* que alguns tentam reviver não existiu. Correu algo *vernes*.

25        *Pasareino ó pé da crus,*

Sem mudar ritmo e medida, cumpre pôr *passá-lo-ei*, sem a nasalidade galega média que troca a segunda forma do pronome pessoal pela da terceira. A resistência a grafar os pronomes mesoclíticos não procede dos falantes ingênuos, senão da escola castelhana que tolhe a construção natural através da dificuldade gráfica.

31        *Mais, dende as doce hastra a unha*

32        *antre o sábado e o domingo*

Os artigos mudam a medida.

33        *tráeme acá esa roca, Mingo,*

40        *com que te poida tapare,*

42        O castelhano *rescoldo*, em vez de *rescaldo*, por mor da rima.

43        A respeito de *sei-ca*, veja-se 22, 43.

52        *só por i-los a bicare* = “só por ir bicando neles”

54        *...postrimeirías.*

O arcaico *postremaria*, derivado de *postremo*, pode ressuscitar-se.

60        *o triste coiro desnudo,*

61        *díxolle entonces (eu dudo*

64        *d'os días santos e d'as festas.* Há-se ler *días-santos* com um só acento como trissílabo.

65        *¡como che relosen hora*

66        *as carnes por antre as xestas!*

Apesar da morte de Marica, o arquétipo não morre e ressuscita curiosamente. Rosalia, a quotidiana filha do seu século, às vezes parece não advertir o ambíguo conteúdo erótico de certas locuções tradicionais. A Rosalia génio muitas vezes transcende as circunstâncias, e outras a luz consciente hesita e vela o que a voz popular declara.

### 37. COMPADRE, DÊS QUE UM VAI VELHO

Heptassílabos com rima *abba* como no poema anterior.

11 O tratamento de 2ª pl. mudar-se-á no resto para 2ª sg.

16 *teño máis moas que ti.*

Provável é Rosalia ter posto o popular *ca ti*.

18 *e acabouse o del-con-dela;*

O composto *del-com-dela* (*dele-com-dela*) “discussão, porfia; retesia”, talvez só local, não foi recolhido pelos lexicógrafos talvez por sentirem-lhe mais conteúdo erótico do que decerto tinha. O sentido é claro no contexto. A dialética de géneros que a análise interna sugere, junto do contexto, integram-se nas galegas e minhotas *cantigas de retesia* “as improvisas que moças e moços cantam competindo, retorquindo com grajejo escarninho”, donde o sinónimo *retesia* “porfia verbal”. Suponho que o género, de delicioso arcaísmo, o tempo se terá encarregado de varrê-lo. Mas existiu, com muitos paralelos no mundo.

27 *andivéramos mais solos*

45 *–Dis bem. –¡Ñas pernas... arriba!*

46 *Peito, xa estás calentado*

56 *seica oirey cantalo cuco*

57 *Abofelhas* será eufemismo de *abofé*, julgado ímpio. Talvez de \**a boa fé lhas* [*digo*], *as palavras, as cousas, que digo*.

58 *xa á miña porta chegamos*; Como em 56, quadra tirar um rípio.

70 *Pero, en secreto cho digo,*

74 *(Eh!, )qué tal?*

80 Como outras vezes, pomos *té* aferético pela crase. Angróis é lugar próximo de Santiago.

87 *e dísmo, se és meu amigo,*

89 *–¡Poida!...; mais á tua bodega*

94 *Lôstrego* é de \**lustricu-*, e este de um \**lustrum* “lume, luz”, que gerou *lustrō*, *-as*, *-ãre*, talvez com influência de *lūstrum* “sacrifício ex-

piatório”. Há também *lostrego* paroxítono, deverbais de *lostregar*, da mesma origem.

100      *que a sede avolve o calleiro.*

105      *Nhá* está no manuscrito, cf. Carvalho Calero (*Estudos Rosalianos*, Galaxia, 1979, pág. 151), escrito *Nã*. Todas as edições mudaram-no para *na*, entendendo-o pronúncia interjetiva de *nada*. Atinarão, bem que *nada* interjetivo já dera *nó* em galego. Será a fase anterior, *ná*, que se ouve no Norte, com alteração ocasional expressiva; a palatalidade põe uma nota de desprezo.

110      *tanto os compadres bebemo*

111      *que nunca en xamais volveno*



## GLOSSÁRIO

Numa edição dirigida ao conjunto do domínio linguístico lusófono, este elenco de palavras só inclui os termos restritamente galegos do livro, com o intuito de facilitar a leitura. Trás a sucinta definição, os números indicam o poema e o verso. Não se incluem as variantes apocopadas de muita frequência, como *el*, *aquel*, etc.

*Abofé* “a fé, na verdade, por certo”

*Abofelhas* “a fé, na verdade”. V. 37, 57 e nota final.

*Adoito* “eu costume; costumado”. V. 22, 3.

*Agarimo* “abrigo, amparo”. V. 3, 27.

*Alô* “lá”. De alta frequência, omite-se referi-lo.

*Apurrar* “açular”. V. 26, 76 e nota final.

*Arrepoñhadas* “erichadas, ouriçadas, arrepiadas”. V. 14, 37 e nota final.

*Arrecender* “recender”

*At(u)rujar* “dar *aturujo*, grito de exultação ou desafio”. V. 15, 55; 34, 16.

*Assejar* “espreitar”. V. nota final de 18, 80.

*Bágu* “lágrima”. V. 4, 8; 16, 58, 87; 20, 31; 24, 48; 25, 88.

*Balar* “abalar; oscilar”. V. 5, 191.

*Balocas* “batatinhas pequenas”, dantes “castanhas”. V. 23, 45.

*Bicar* “beijar”. V. 18, 132; 23, 186; 28, 40; 36, 52.

*Bincha* “borbulha”. V. 16, 69 e nota final.

*Bola* (ô) “grande bolo de pão, fogaça”. V. 22, 46.

*Boxe* “buxo”. V. 11, 46.

*Brandida* “agitada”. V. nota final de 35, 13.

*Branha* “prado com água perene”. V. 19, 24, 80; 28, 60 e nota final.

*Brêtema* “névoa”. V. 24, 16.

*Canhas* “cãs”. V. 37, 69.

*Carrapucheirinha* “carapucinha (hipocorístico)”. V. 3, 158. É desenvolvimento de *carapucha* “carapuça”.

*Cuitelo* “faca”. V. 18, 31; 23, 251.

*Compango* “o que se come com pão, conduto, presigo”. V. 23, 109.

*Companha* (*Santa*) “hoste (diabólica)”. V. 18, 53 e nota final.

*Corredoiira* “carreiro, caminho estreito”. V. 18, 124; 19, 67.  
*Cortelho* “corte, estábulo, nomeadamente dos porcos”. V. 37, 60.  
*Cortinha* “pequeno terreno lavradio cercado”. V. 3, 118.  
*Crechas* “crespas”. V. 5, 104.  
*Cunca* “conca, tigela”. V. 33, 10.  
*Corruncho* “recanto”. V. 4, 13.  
*Dengue* “capotilho do vestido das galegas”. V. 1, 65; 5, 17.  
*Enfouçar* “sujar”. V. 21, 34 e nota final.  
*Ensarrapicada* “muito molhada, ensopada”. V. 14, 65 e nota final.  
*Estricadas* “estiradas; orgulhosas”. V. 18, 56 e nota final.  
*Fiadas* “reuniões para fiar onde os moços se divertiam” V. 7, 52.  
*Fricol* “guisado ou fritada”. V. 26, 66.  
*Frijolada* ou *fricolada* “fritada”. V. 23, 121 e nota final.  
*Fungueiro* “fueiro. V. 22, 111.  
*Gando* “gado”. V. 20, 40; 32, 40 e nota final.  
*Lançal* “esbelto”. V. 11, 28.  
*Larpeiro* “que engole muito, sôfrego”. V. 26, 106; 37, 62.  
*Lúrpia* “meiga chuchona; bebedeira; mulher de mau viver; ladra; esfar-  
rapada; fartadela”. V. 3, 80, 110, 114.  
*Malpocado* “coitado”. V. 18, 23 e nota final; 25, 37.  
*Mantelo* “sobressaia como avental”. V. 1, 30, 33; 5, 43.  
*Matachim* “o que mata porcos”. V. 23, 255. Paretimologia do it. *mattacino*.  
*Moucho* “mocho”. V. 14, 1, 3, 4, 35, 47, 67, 79, 80; 31, 25.  
*Neno* “menino”. V. 6, 72; 33, 54.  
*Ouviar* “uivar”. V. 14, 17.  
*Pito* “pinto”. V. 22, 10.  
*Proia* “bolo grande de pão”. V. 1, 13.  
*Quinteiro* “curral” entre outros sentidos. V. 23, 11.  
*Quinho* “porco”. V. 23, 235 e nota final.  
*Rabunhar* “ferir com as unhas”. V. 22, 30.  
*Raxo* “lombo de porco”. V. 23, 126.  
*Rifar* “brigar”. V. 23, 282.  
*Ruada* “pândega pelas ruas”. V. 19, 36.

*Salouco* “solução”. V. 9, 89.  
*Sarrápio* “saibo acre”. V. 21, 80 e nota final.  
*Sei-ca* “parece-me que...; acaso...?”. V. 36, 43, 44; 22. 43 e nota final.  
*Sei-que* “parece-me que...; acaso...?”. V. 22, 43.  
*Sera* “tarde”. V. 1, 144 e nota final de 20, 13.  
*Sorça* “adubo dos chouriços”. V. 23, 126 e nota final.  
*Surinha* “pomba”. V. 26, 90.  
*Tovo* “toca, covil”. V. 3, 121, 125.  
*Trenco* “zambro”. V. 11, 23, 58.  
*Turrar* “puxar, atrair para si”. V. 26, 73, 74 e nota final.  
*Vão* “cintura”. V. 10, 12.  
*Zoncho* “castanha cozida com casca”. V. 1, 1.



v. **1**



